




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

CAROLINA BUFFON SCHMIDT

**O DISCURSO DE AUTORIDADE DECORRENTE DOS ATOS DE (IN)DISCIPLINA
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Campo Grande/MS
2024

C.	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
B. SCHMIDT	<p>CAROLINA BUFFON SCHMIDT</p>
O DISCURSO DE AUTORIDADE DECORRENTE DOS ATOS DE (IN)DISCIPLINA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	<p>O DISCURSO DE AUTORIDADE DECORRENTE DOS ATOS DE (IN)DISCIPLINA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</p>
2024	<p>Campo Grande/MS 2024</p>

CAROLINA BUFFON SCHMIDT

O discurso de autoridade decorrente dos atos de (in)disciplina nos anos finais do ensino fundamental

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Campo Grande/MS

2024

S376d Schmidt, Carolina Buffon.

O discurso de autoridade decorrente dos atos de (in)disciplina nos anos finais do ensino fundamental / Carolina Buffon Schmidt. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.

102 f.

Dissertação (Mestrado) – Letras - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador(a): Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

1. Análise de discurso 2. Disciplina 3. Indisciplina 4. Autoridade I. Rodrigues, Marlon Leal II. Título

CDD 23. ed. – 401.41

CAROLINA BUFFON SCHMIDT

**O DISCURSO DE AUTORIDADE DECORRENTE DOS ATOS DE (IN)DISCIPLINA
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Doutor Marlon Leal Rodrigues (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Professora Doutora Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Professor Doutor Michel Canuto Sena
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Professor Doutor Antônio Carlos Santana de Souza Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Professor Doutor Nataniel dos Santos Gomes - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 11 de março de 2024

Ao meu esposo, Adriano, pela compreensão, apoio e disponibilidade.

*Aos meus filhos, Davi e Felipe, que através do seu olhar inspirador me impulsionam a
prosseguir e nunca desistir dos meus sonhos.*

Aos meus pais por todo o amor dedicado durante a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo sopro da vida, pelos desafios e obstáculos enfrentados com confiança e pela oportunidade de aproveitar todos os desafios surgidos ao longo do caminho.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul por proporcionar oportunidade de estudos e ser uma instituição de confiança que dá suporte a seus estudantes.

Ao meu orientador, Professor Doutor Marlon Leal Rodrigues, que esteve comigo nos momentos de dúvidas e incertezas, trazendo mensagens de empoderamento e coragem para prosseguir nessa caminhada.

A todos os professores pela sabedoria teórica e de vida repassada ao longo do processo.

Ao meu esposo que acompanhou pacientemente todo o processo de elaboração deste trabalho.

Aos meus filhos que me impulsionam todos os dias a buscar o meu melhor.

Aos meus pais que foram instrumentos de Deus para me dar a vida e me educaram com amor e cuidado.

Aos familiares, amigos e colegas que se fazem presentes nas pequenas e grandes vitórias.

A todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que esse sonho se tornasse realidade.

O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Orlandi, 2005, p. 32

SCHMIDT, C. B. *O discurso de autoridade decorrente dos atos de (in)disciplina nos anos finais do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado em Análise de Discurso, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS.

RESUMO

A (in)disciplina, tema recorrente e muito desafiador para os profissionais da educação na contemporaneidade, ao longo do tempo vem sofrendo mudanças ideológicas, especialmente no contexto escolar. Em um curto espaço de tempo o professor passou de depositário para mediador da construção do saber. Esta pesquisa analisa os discursos decorrentes dos atos de indisciplina nos anos finais do ensino fundamental retirados de livros de ocorrências escolares, conhecidos popularmente como “Livro Preto”, nome que carrega consigo uma ideia de punição para aqueles que foram assujeitados a ele. Os dispositivos analíticos pesquisados permitiram o estudo no período de 2004 a 2022, visando refletir sobre os discursos de autoridade no ambiente escolar, a soberania do professor e da instituição escolar em diferentes perspectivas e tendências pedagógicas, sejam tradicionais ou libertadoras, que influenciam a educação, as metodologias que desfavorecem a manutenção da disciplina e a perda gradativa do poder da família sobre seus pupilos. Discorrer-se-á sobre a diminuição da autoridade do profissional da educação e identificar-se-ão novas metodologias que favorecem um trabalho colaborativo e uma disciplina organizada através de contratos didáticos e sociais que motivem professores e estudantes. Foi utilizada como base para a pesquisa a ciência Análise de Discurso, surgida por volta da década de 60 com base nos estudos de Pêcheux, na França e Orlandi, no Brasil. Esta ciência propõe uma fusão entre a língua, ideologia e sociedade e considera o discurso e as condições em que foi produzido como elementos fundantes para a constituição do sujeito nos contextos histórico e social em que está inserido. No contexto histórico apresenta-se a educação bancária e tradicionalista em um período de transição para uma educação libertadora, em um espaço de tempo onde houve grandes mudanças sociais. Como sujeitos dos discursos analisados tem-se um estudante nativo digital e submetido a um professor migrante digital, favorecendo um conflito de ideias entre gerações. Investigando a ideologia que permeia o sujeito do discurso dos livros de ocorrência observam-se variados ‘pequenos teatros teóricos’ nos quais os indivíduos, objetos deste estudo, foram assujeitados. Esse conjunto determinou um conflito de ideias e consequentemente de gerações que acarretou o surgimento frequente dos atos de indisciplina, incivilidade e infracionais nas últimas décadas. Este trabalho destina-se a compreender as motivações para atos de indisciplina e possibilitar que os atores do cenário educacional encontrem meios para equilibrar o uso das tecnologias no ambiente escolar, mantendo uma relação saudável e de cordialidade entre a tecnologia e os hábitos *démodé*, construindo a aprendizagem através de uma disciplina automotivada que impulse o estudante a construir seu projeto de vida com atitudes responsáveis que combatam o fracasso escolar.

Palavras-chave: Ideologia. Análise de discurso. Disciplina. Indisciplina. Autoridade.

SCHMIDT, C. B. *The discourse authority speech resulting from acts of (in)discipline in the final years of elementary school*. Master's Dissertation in Discourse Analysis, State University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS.

SUMMARY

(In)discipline, a recurring and very challenging theme for contemporary education professionals, has undergone ideological changes over time, especially in the school context. In a short space of time, the teacher went from custodian to mediator of the construction of knowledge. This research analyzes the discourses resulting from acts of indiscipline in the final years of elementary school taken from school incident books, popularly known as “Black Book”, a name that carries with it an idea of punishment for those who were subjected to it. The analytical devices researched allowed the study from 2004 to 2022, aiming to reflect on the discourses of authority in the school environment, the sovereignty of the teacher and the school institution in different perspectives and pedagogical trends, whether traditional or liberating, that influence education, the methodologies that disfavor the maintenance of discipline and the gradual loss of the family's power over its pupils. The decrease in the authority of the education professional will be discussed and new methodologies will be identified that favor collaborative work and a discipline organized through didactic and social contracts that motivate teachers and students. The science of Discourse Analysis, which emerged around the 1960s based on studies by Pêcheux, in France and Orlandi, in Brazil, was used as the basis for the research. This science proposes a fusion between language, ideology and society and considers discourse and the conditions in which it was produced as fundamental elements for the constitution of the subject in the historical and social contexts in which it is inserted. In the historical context, banking and traditionalist education is presented in a period of transition to a liberating education, in a period of time where there were major social changes. As subjects of the analyzed discourses there is a digital native student and submitted to a digital migrant teacher, favoring a conflict of ideas between generations. Investigating the ideology that permeates the subject of the discourse in the incident books, we observe various ‘small theoretical theaters’ in which the individuals subject to this study were subjected. This group determined a conflict of ideas and consequently of generations that led to the frequent emergence of acts of indiscipline, incivility and infractions in recent decades. This work aims to understand the motivations for acts of indiscipline and enable actors in the educational scenario to find ways to balance the use of technologies in the school environment, maintaining a healthy relationship between technology and outdated habits, building learning through a self-motivated discipline that encourages students to build their life project with responsible attitudes that combat academic failure.

Keywords: Ideology. Discourse analysis. Discipline. Indiscipline. Authority.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Objeto.....	12
Objetivo Geral.....	13
Objetivos Específicos.....	13
Aspectos Metodológicos.....	14
1 O CONCEITO DE (IN)DISCIPLINA ESCOLAR NO CONTEXTO DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	18
1.1 Análise de Discurso de Linha Francesa.....	18
1.2 Discurso em Análise: ideologia e os aparelhos ideológicos do estado	22
1.3 Sujeito, Sentido e Ideologia	25
1.4 Formação Discursiva: Interdiscurso e Intradiscurso	28
1.5 Condições de Produção: O Silêncio e o Esquecimento	31
1.6 Elementos de análise: Incompletude, Equívoco, Deslocamento, Paráfrase e Polissemia ...	34
2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A DISCIPLINA/INDISCIPLINA	38
2.1 Indisciplina, causas e consequências	41
2.2 Conflito de Gerações: educação bancária x educação libertadora.....	43
2.3 Autoridade e Autoritarismo: indisciplina, incivilidade e atos infracionais.....	49
2.4 Papel da Família e Escola no desenvolvimento da Autonomia e Protagonismo Juvenil	52
3 ANÁLISE DOS DISCURSOS DE AUTORIDADE DOS ATOS DE (IN)DISCIPLINA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	56
3.1 Análise de discurso de autoridade da instituição escola: indisciplina e punição sob a posição-sujeito do diretor, coordenador e professor.....	57
3.2 Análise de discurso da indisciplina considerando a transferência da autoridade familiar para a instituição escola/ conselho tutelar.....	67
3.3 Análise de discurso da compreensão do termo indisciplina no ambiente escolar sob o olhar da posição-sujeito aluno.....	72

3.4 Análise de discurso da indisciplina no ambiente escolar considerando a crescente desvalorização sob o olhar da posição-sujeito profissional da educação	79
APÊNDICE	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

INTRODUÇÃO

Os termos: disciplina e (in)disciplina, transcendem os tempos e têm uma definição inerente ao ser humano, sejam ligadas à religiosidade ou à ideia de ordem e harmonia. Entretanto, ao longo das gerações, esses termos vêm sofrendo mudanças, influências, modificando conceitos e sempre presentes nas reflexões do contexto escolar. Diante dessas questões escolares que geraram/ geram conflitos e polêmicas, neste contexto, trataremos dos “discursos” oriundos das ocorrências de (in)disciplina no espaço escolar.

Sendo assim, por meio da análise desses discursos sujeito e sentido vão se reconfigurando e se reconstituindo através da escrita. Considerando conceitos trazidos por Orlandi é possível notar que a materialidade da linguagem concretizada através da escrita em diferentes momentos históricos e sociais possibilita a observação de novas formas de pensar e ideologias arraigadas no sujeito, o trabalho intelectual por ele desenvolvido e as relações contidas nas práticas sociais.

A indisciplina e sua relação com o fracasso escolar tem sido um tema recorrente e muito discutido entre os docentes e se caracteriza como um dos grandes desafios para os profissionais da educação na atualidade. Assim, o que era considerado um discurso indisciplinar no período liberal da educação tradicional difere do recorrente na atualidade, imerso em uma educação progressista, momento em que o professor atua como mediador na construção do conhecimento, em um período histórico marcado por estudantes nativos digitais e imersos na tecnologia e professores migrantes digitais que estão se adequando aos novos tempos e mecanismos tecnológicos.

Através dos estudos e definição do termo indisciplina trazidos por Foucault nota-se que o conceito de indisciplina se limita ao controle do corpo físico, sujeito a métodos de força que o obrigam a se tornar um corpo dócil e servil às ordens a que está submetido, assim o corpo é visto como moldável e controlável favorecendo o modo de produção capitalista de sua época, contida no período da Revolução Industrial, assim tem-se uma visão da disciplina como dominação e vigilância de comportamento e não como autodisciplina na percepção de que se evolui à medida que o ser humano se organiza socialmente, buscando seus direitos e delimitando seus deveres enquanto ser participativo e mantenedor dos aparelhos ideológicos do estado.

A possibilidade de investigação em ambiente escolar faz com que sejam analisados em contexto real os discursos referentes à indisciplina e suas interfaces com os aspectos sociais dos falantes envolvidos (no caso estudantes, pais/responsáveis, inspetores e demais funcionários, professores, coordenação pedagógica/direção).

Desse modo, esta pesquisa analisará a evolução das ideias que permeiam a (in) disciplina no transcorrer dos anos 2004 a 2022, observando livros de ocorrência escolar e situando as diferentes visões dos profissionais da educação e o modo como trabalham com as diferentes tendências pedagógicas no desenvolvimento da educação escolar e os diferentes discursos utilizados pelos estudantes, pais/responsáveis e professores em atos disciplinares que acarretam o fracasso escolar.

A escola, enquanto ambiente de produção do conhecimento se configura como um “aparelho ideológico do estado” (Althusser, 1985, p. 32), onde as relações são tidas como práticas discursivas de poder, muitas vezes desconsiderando a gestão democrática e valorizando apenas o discurso autoritário do professor ou outra figura detentora de poder, que é movido historicamente pela paráfrase e polissemia e repete no cotidiano as ideologias arraigadas nos sujeitos participantes do processo escolar.

Considerando que a ideologia é uma das condições necessárias para constituir o sujeito, sua linguagem e sua visão de mundo, e que é na língua que a ideologia se materializa, a análise dos discursos decorrentes da indocilidade estudantil possibilitará verificar o elemento desencadeador da indisciplina e conseqüentemente do fracasso escolar, buscando não apenas a interpretação das palavras, mas as intenções dos sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem.

A relação entre a indisciplina e o fracasso escolar está separada por uma linha tênue, que segue ideias impostas pelo processo ideológico, onde o estudante que fala ou se movimenta muito é indisciplinado e automaticamente não corresponde às expectativas impostas pelos mecanismos escolares, ou seja, seus atos já o “taxam” como fracassado para o desenvolvimento das atividades escolares, pois estas atividades estão relacionadas à educação bancária, “professor fala – aluno escuta”.

A investigação deste problema possibilitará entender se o sucesso ou fracasso escolar depende da quietude do estudante ou da sua participação de maneira colaborativa no processo de aprender, sendo assim, entender o conceito de indisciplina com base no período de 2004 a

2022 auxiliará o docente na aplicação de metodologias que favoreçam e impulsionem o estudante para construir seu projeto de vida desde o início de seus estudos escolares, e este começa com atitudes responsáveis e solidárias com seus pares em sala de aula e que combaterão o fracasso escolar e social.

Segundo Orlandi (1999, p. 21) “a língua não é só um código... não há separação entre emissor e receptor”, assim nota-se que as formações discursivas formadas em sala de aula são constituídas pela ideologia que cada participante do processo escolar tem/ carrega consigo, contribuindo para relações positivas/ empáticas ou negativas e que contribuem para o insucesso escolar. Esses discursos reconfiguram-se continuamente em uma multiplicidade de discursos em tempos diferentes.

Considerando a análise de discurso nos atos de (in)disciplina dos anos finais do ensino fundamental levaremos em conta a reflexão das propostas de Pêcheux, Foucault e Orlandi (1999, p. 16) “sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”, ou seja, nas formações discursivas recorrentes em sala de aula e decorrentes da materialidade histórica que permeia o espaço escolar.

Objeto

O objeto desta pesquisa se constitui da análise de discursos retirados de livros de ocorrência escolar de uma escola pública no período de 2004 a 2022, envolvendo as posições sujeito diretor, coordenador, professor, inspetor, pais/responsáveis e estudantes. O foco da pesquisa será uma escola pública de Mato Grosso do Sul, especificamente nas turmas dos anos finais do ensino fundamental, tendo o discurso da indisciplina visto como um dos responsáveis pelo fracasso escolar e como motor de partida para que o estudante desenvolva problemas de aprendizagem.

A escolha do objeto se deu devido à necessidade de compreender e refletir sobre os acontecimentos discursivos que envolvem estudantes dos anos finais do ensino fundamental em atos de indisciplina registrados em livros de ocorrência escolar em um dado momento histórico e considerando a língua/linguagem presente nos fragmentos.

Objetivo Geral

Analisar os discursos decorrentes da indisciplina no contexto escolar em uma escola pública, nos anos finais do ensino fundamental no período de 2004 a 2022 e sua relação com a autoridade das posições sujeito profissional da educação e com a ideologia representada pela instituição escola.

Objetivos Específicos

Definir o termo disciplina considerando diferentes contextos e tempos em uma educação bancária e em uma educação libertadora;

Investigar as ideologias subentendidas ao longo do tempo, considerando o significado da palavra indisciplina;

Analisar o discurso de autoridade da posição-sujeito diretor/ coordenador/ professor com embasamento em legislação específica e Regimento Escolar;

Discorrer sobre a perda de autoridade do profissional da educação ao longo do tempo;

Identificar novas metodologias que favoreçam um trabalho colaborativo entre professores e estudantes.

Aspectos Metodológicos

A pesquisa aconteceu através de contato presencial com a direção da instituição estudada e da análise local dos livros de ocorrência, aqui intitulados como livros 1, 2, 3 e 4 temporalmente situados entre os anos 2004 a 2022 tendo como referência o contexto escolar e observando os conflitos existentes entre o processo de transição da tendência bancária de educação para uma perspectiva ativa e transformadora, onde o estudante passivo passa a ser ativo no processo de construção do conhecimento.

Depois de consentida pela autoridade escolar realizou-se uma busca nos arquivos da instituição, a fim de localizar os registros mais antigos existentes sobre ocorrências escolares. A escola objeto deste estudo é muito antiga e conta com longínquo histórico, porém os livros com cinco anos ou mais, depois de finalizados são descartados de acordo com legislação específica.

Foram localizados pela equipe escolar com sucesso os livros provenientes do ano de 2004 até o atual iniciado em 2022. Para análise foram utilizados discursos até o ano de 2020, sendo o último fragmento analisado do período pré-pandemia. Durante as aulas remotas e ausência dos estudantes não houve registros, os mesmos voltaram a constar a partir do retorno às aulas presenciais, no segundo semestre de 2022.

O material de estudo, no total, quatro, são livros de capa preta, nomeados como “Livro de Ocorrências”, estavam arquivados na coordenação escolar, dispostos em ordem cronológica. Com a devida autorização da direção iniciou-se a análise dos livros através da leitura e retirada de recortes específicos que constituem o *corpus* deste trabalho. Os discursos analisados se referem às posições sujeito de diretor, coordenador, professor, inspetor, pais/responsáveis e estudantes descrevendo o “cotidiano” do discurso de autoridade no ambiente escolar no período de 2004 a 2022.

Dessa forma pode-se observar o sentido e a ideologia contidos nos termos autoridade e autoritarismo dentro do espaço escolar através da análise de discursos constituintes deste, tendo como objetivo definir a disciplina oriunda da submissão e da passividade proveniente de uma educação bancária em comparação com a disciplina conquistada através da democracia visando o pleno desenvolvimento, proveniente de uma educação problematizadora.

Foram selecionados discursos que representam a ideologia presente na constituição dos sujeitos envolvidos bem como o contexto histórico, o espaço escolar e o conflito existente nas gerações de professores educados de forma tradicional e estudantes criados no advento da tecnologia e com uma nova ideologia de educação “libertária”.

As análises realizadas a seguir foram divididas em grupos específicos conforme representam os sujeitos envolvidos sendo: discurso de autoridade da instituição escola nas posições-sujeito do diretor, coordenador e professor, discurso de transferência da autoridade familiar para a escola e Conselho Tutelar, compreensão da indisciplina sob o olhar do sujeito aluno e entendimento de indisciplina sob o olhar do professor considerando a desvalorização do profissional e da instituição escolar.

O *corpus* desta pesquisa, objeto sócio histórico, é constituído por textos escritos em livros de ocorrências escolares que constituem o acervo de uma escola pública no período de 2004 a 2022, sendo uma importante ferramenta de estudo para o analista de discurso.

Orlandi nos traz que a Análise de Discurso possibilita diferentes maneiras de significar os contextos do ser humano, sujeitos de discurso que falando refletem os diferentes sentidos que permeiam a sociedade em que estão inseridos e as ideologias presentes nesta sociedade, para Orlandi (2001, p. 25) “o trabalho do analista deve levar em conta o movimento da interpretação inscrita na relação do próprio sujeito com o discurso... (compreender) – e não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido”.

O Livro de Ocorrências, também conhecido no espaço escolar como “Livro Preto”, é utilizado como ferramenta pedagógica, onde são relatadas as infrações cometidas pelos estudantes conforme preconiza o Regimento Escolar e tem o objetivo de fazer com que o estudante que transgrida as regras a que está submetido pela legislação retorne ao corpo dócil e útil da sociedade em que está inserido.

Para Foucault (2014, p. 134) “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”, assim, a escola pune aqueles que não se encaixam nas regras impostas pelo sistema escolar na tentativa de fazê-los refletir junto aos pais/ responsáveis para que retornem à docilidade e às normas e regras a que estão submetidos pelo Regimento Escolar.

Devido a sua semelhança a um livro ata que registra reuniões ou serve para registro de

grandes decisões o “Livro Preto” traz consigo a ideia de punição. Além disso, o fato de o registro ser feito por um integrante da equipe gestora, diretor ou coordenador da escola amplia a ideia de julgamento desta ou daquela atitude em questão, por se tratar de um conteúdo geralmente repressivo e negativo, pois são escritos os atos inadequados e discordantes do Regimento Escolar ocorridos na escola.

São observadas além dos fatos que originam o registro de ocorrência escolar, as proposições necessárias para que o mesmo não venha a se repetir e quais as providências a serem tomadas de acordo com a gravidade da infração cometida. Por meio dos relatos constantes nos livros de ocorrência será constituída a base para a pesquisa científica e para a observação dos sentidos encontrados no interdiscurso da indisciplina escolar, analisando-o como uma tentativa da escola em manter a disciplina tendo como base os registros das transgressões do Regimento Escolar na instituição.

Os textos, dispositivos teóricos da análise de discurso, são carregados da ideologia da comunidade da qual provêm, foram produzidos a partir de ideias e propósitos definidos pelas necessidades e conveniências da comunidade onde estão inscritos, a oralidade é documentada de forma narrativa e descritiva nos livros de ocorrência escolar considerando os fatos do cotidiano que envolvem as transgressões do Regimento. Conforme aponta Travaglia (2007, p. 41) “o gênero se caracteriza por exercer uma função sociocomunicativa específica” própria da comunidade que o produziu, no caso, a instituição escola.

A ocorrência escolar é um gênero textual composto por partes descritivas e narrativas; observou-se *in loco* que anteriormente os registros eram feitos à mão, alguns, acredita-se que devido à urgência na escrita encontram-se rasurados ou com erros de ortografia, ao longo do tempo e com o advento da tecnologia, e maiores exigências dos órgãos superiores, os registros passaram a ser digitados e posteriormente colados ao livro com as devidas rubricas dos interessados, estudantes, pais/responsáveis e representante da escola.

Observou-se a evolução na qualidade dos registros feitos com o passar dos anos, sendo mais legíveis e com maior riqueza de detalhes, citando inclusive os artigos do Regimento Escolar que estavam sendo infringidos. O que traz ainda mais uma carga de punição à transgressão das regras.

Nos trechos descritivos é possível notar a opinião e a essência, oriundas de uma educação bancária, na instituição escolar enquanto aparelho ideológico, que ouve e tem o poder

de registrar a ocorrência. Nos trechos narrativos é possível perceber o novo posicionamento do estudante em relação à (in)disciplina, considerando os envolvidos enquanto sujeitos que colocam em evidência sua posição à situação que está sendo relatada, expondo com clareza os, “assujeitamentos”¹ que sofreram ao longo de sua história de vida.

A parte narrativa é composta por elementos específicos da narração e contam com fidelidade o acontecimento que gerou a ocorrência escolar, respondendo os questionamentos característicos da narração, quais personagens, o que aconteceu, em que momento, qual o local, como e por qual motivo os acontecimentos se desenvolveram e qual a sua causa.

A ocorrência escolar inicia-se com o registro da data, os possíveis autores do fato relatado, o histórico da ocorrência e a assinatura dos envolvidos a fim de validá-lo como um documento e para fins de verificação dos fatos ocorridos no espaço escolar caracterizando-o como um relato.

Utilizando o livro preto, a ocorrência é sempre registrada na presença de um coordenador pedagógico, diretor escolar e ou de um auxiliar de direção ou coordenação. Ela serve como um documento de registro das sanções disciplinares tomadas no espaço escolar conforme norteia o regimento, documento que sanciona as regras e normas a serem seguidas na instituição escola.

Esses registros servirão como suporte para a pesquisa científica e para a observação dos sentidos dos discursos em análise considerando as relações estabelecidas pela língua, as condições de produção, as situações em que os discursos foram produzidos dimensionando no espaço e tempo os sujeitos envolvidos no processo.

No Capítulo 1 é explanado o corpo teórico que embasa a análise dos discursos constantes do *corpus*, a análise de discurso de linha francesa e a influência dos aparelhos ideológicos do estado, constituição dos indivíduos considerados os sentidos e a ideologia que os compõem enquanto sujeito, e as condições de formação discursiva da indisciplina: o silêncio, o equívoco, o deslocamento, a paráfrase e a polissemia na ciência Análise de Discurso.

No Capítulo 2 será realizada uma reflexão sobre o contexto histórico da indisciplina

¹ Na Análise de Discurso, o assujeitamento é entendido como a apropriação de um sentido preexistente na formação do caráter que torna o indivíduo em sujeito do discurso.

diferenciando o termo autoridade de autoritarismo, definindo a importância da autonomia e do protagonismo juvenil em uma nova concepção de educação e evidenciando os papéis incisivos da família e da escola no combate à indisciplina.

No Capítulo 3 serão realizadas as análises de discurso retiradas de livros de ocorrências escolares dos anos 2004 a 2022, sendo estes discursos divididos em ‘Discurso de autoridade da instituição escola’, considerando a posição-sujeito do diretor, coordenador e professor, ‘Discurso da indisciplina considerando a transferência da autoridade familiar para a escola’, ‘Discurso da indisciplina pelo olhar do sujeito-aluno’ considerando o desrespeito e desvalorização da instituição escolar e sujeito- profissional da educação’.

São vários os fatores que contribuem para a ocorrência da indisciplina e existem inúmeras ações que podem ser adotadas pelo profissional da educação para combatê-la tornando o estudante autônomo e protagonista, uma parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem. A análise de discurso pode colaborar na compreensão das ideologias que estão subentendidas no espaço escolar possibilitando o entendimento dos fatores que colaboram e favorecem os atos de (in)disciplina.

1 O CONCEITO DE (IN)DISCIPLINA ESCOLAR NO CONTEXTO DA ANÁLISE DE DISCURSO

1.1 Análise de Discurso de Linha Francesa

A Análise de Discurso de Linha Francesa, assim intitulada devido a localização geográfica onde esta ciência surgiu, na França, tem como autores fundadores o filósofo Michel Pêcheux e o linguista Jean Dubois; foi desenvolvida a partir da Linguística, dedicando-se à história das ideias linguísticas e partindo da noção de sujeito enquanto ser ideológico inserido em uma sociedade num determinado tempo histórico.

A Linguística, uma ciência autônoma, focada apenas nas relações internas dos elementos da língua, às regras e normas, não se preocupava com as conexões existentes entre o sistema linguístico e a sociedade, porém no período iniciado na década de 1960 esta ligação se mostrava evidente devido às frequentes contestações fruto do aumento das desigualdades e

discriminações sociais iniciadas pela Revolução Industrial² com grandes transformações nas relações de trabalho e sistemas produtivos.

Sendo assim a nova ciência Análise de Discurso propunha em seu entremeio a relação existente entre a língua, o sujeito e a história; a língua enquanto algo real e concreto pertencente à linguística, o sujeito considerando a psicanálise e a história referente ao marxismo, estas disciplinas quando dispostas transversalmente e observadas através das metáforas se ressignificam e dão origem à opacidade do texto trazida pela análise de discurso, pois com a fusão de ambas o falar do sujeito aparece carregado de sua história e se concretiza através da língua que é utilizada para comunicação.

Pêcheux, considerando a análise de discurso nascida nos anos de 1960, notou que era preciso ir além do que propunha o estruturalismo, pois as referências teóricas e políticas na época eram divergentes de uma visão empírica da leitura e para o estruturalismo apenas importava o conteúdo do discurso e não o seu funcionamento, ainda observou que o estruturalismo dava forma material ao pensamento, tendo nele (estruturalismo) uma barreira contra o marxismo. Assim Pêcheux vai contra as visões teóricas e políticas de sua época, questionando-as através de uma ciência recém-fundada, a Análise de Discurso.

Jean Dubois, linguista envolvido com debates da Linguística na época, observava a análise de discurso como uma extensão da evolução linguística onde esta ciência estudaria o enunciado, o discurso político e conseqüentemente a sociedade. Lexicólogo, Dubois continuava o estudo das palavras na Lexicologia agregando a elas os enunciados, expandindo a Lexicologia e a Linguística para a Análise de Discurso.

Apesar de ambos relacionarem a língua com o sujeito e a sociedade, Pêcheux e Dubois divergem no entendimento da Linguística, para Pinto (2006, p. 53) “embora os dois estivessem igualmente preocupados em pensar o discurso e os elementos para sua análise e compreendessem a nova disciplina como modo de leitura, as diferenças entre eles se configuram essencialmente em relação às posições que cada um assume em relação à teoria”. Para Dubois o foco da análise de discurso é o estudo do discurso político enquanto Pêcheux questiona as condições e os meios de produção de um discurso.

² Revolução Industrial: Período de grande desenvolvimento tecnológico e mudanças socioeconômicas. Iniciou-se na Inglaterra, no século XVIII, ao se espalhar pelo mundo ocasionou grandes transformações. Foi dividida em três períodos, Primeira, Segunda e Terceira Revolução Industrial.

Nesse contexto, na França da década de 60, com a linguagem no centro do debate, questionaram-se concepções estruturalistas, pois somente com o estruturalismo não era possível interpretar a partir da ideologia, tornando as análises textuais apenas históricas, sem materialidade; assim surgiu a necessidade de uma nova prática onde se considera a materialidade do que é falado, escrito ou silenciado, nasce uma nova ciência, a Análise de Discurso.

Para o estruturalismo, o qual questionava Pêcheux, o conteúdo não apresentava uma ideia de sentido, enquanto para a análise de discurso vista de uma perspectiva materialista, representava um processo onde a estrutura e os acontecimentos representam ideologicamente na língua, nesse sentido o estruturalismo dá lugar a uma posição materialista que visa à opacidade do texto e a um analista que compreenda os processos socio-históricos existentes por trás dele.

Ao trabalhar dentro dos limites da linguística, conforme preconiza o estruturalismo limita-se somente a língua e sua estrutura no nível semântico e exclui-se o sentido do texto, pois para o estruturalismo positivista importam somente as descrições, o sujeito não é considerado como a origem de si próprio.

A proposta de Pêcheux na Análise de Discurso Francesa traz à língua, o estudo de sua estrutura e contexto, considera a paráfrase e polissemia, como enfatiza Orlandi (2017, p. 180) “na análise de discurso que se constitui nos anos de 1960: o sentido não é conteúdo”, amplia-se a compreensão do sujeito e o contexto social em que está inserido, a análise de discurso materialista observa as descrições, as interpretações e o interdiscurso, buscando-se a compreensão dos sentidos.

Para Orlandi (2015, p.11), “não se pode pensar a linguagem sem pensar a beleza”, a maneira de se pensar a linguagem mudou na França do século XX, a reflexão da linguística observada através dos processos de significação e do sentido trazem à tona uma nova forma de se pensar um texto, seja ele oral ou escrito, buscando assim compreender os sentidos ideológicos que estão ocultos por trás do que é dito, escrito ou silenciado.

Através da Análise de Discurso é possível entender que os questionamentos nunca estão prontos e acabados, eles estão sujeitos ao equívoco e ao deslizamento, à paráfrase e à polissemia, à metáfora, tendo os sentidos sempre retornando à memória e ressignificando os dizeres. Para Orlandi:

A Análise do Discurso... Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (Orlandi, 1999, P. 20).

A análise de discurso praticada atualmente no Brasil encontra-se diferente da ciência apresentada por Pêcheux e Dubois no século XX pois deixou de identificar algumas características fundamentais presentes em sua fundação; porém ainda mantêm-se características que são fiéis às propostas de seus fundadores primando pela ligação do discurso com seu exterior e pela valorização do indivíduo falante enquanto sujeito histórico e ideológico.

Sendo assim, o papel do analista de discurso vem carregado de responsabilidades teóricas e políticas, pois ao realizar uma análise se exploram princípios básicos de uma conjuntura histórica, social, cultural, científica e política, como elementos interdependentes e que ao mesmo tempo definem uma interpretação do que é dito ou silenciado.

Cabe ao analista aprender a distanciar seu olhar e despir-se de suas ideologias e crenças a fim de ressignificar o discurso e encontrar o que está omitido por trás dele, nas relações metafóricas e na discursividade, com sutileza ele se apoia na teoria e realiza um movimento de pêndulo entre teoria e análise buscando na descrição a interpretação do já-dito ou mesmo do não-dito, buscando o discurso já estabilizado e o sujeito (falante) que está entregue às relações metafóricas e ideológicas impregnadas em seu dizer.

Para o cientista a língua como objeto de estudo real permite a formação da discursividade pelo sujeito, e é na fusão língua-sujeito-história trazida pela análise de discurso que o analista tem a possibilidade de compreender e ressignificar os entremeios ou como nos traz Orlandi (2017, p.11) “a relação descrição/interpretação...” onde a disciplina é atravessada por metáforas verbalizadas no falar e supostas no compreender.

Conforme os estudos de Orlandi a análise de discurso propõe uma reflexão sobre a linguagem, indo além da interpretação, tendo uma percepção sobre o sujeito do discurso, sua história e a ideologia contida nele. Sendo assim para desenvolver a ciência da Análise de Discurso Pêcheux traz uma proximidade entre o texto e suas condições de produção, expondo sua materialidade, os sentidos e as ideologias ocultas.

Nesse sentido o pesquisador deve buscar as relações existentes entre o objeto de estudo e as condições em que foi produzido, analisando o processo de construção, o contexto histórico

envolvido, tendo um olhar opaco, que busca a materialidade histórica, que analise a tensão existente entre a paráfrase e a polissemia e vá além da transparência da linguagem.

O ato de falar algo não se limita apenas ao que o falante diz, mas pode trazer outros sentidos, considerando o sujeito ouvinte, ao ouvir/ler determinadas palavras pode-se encontrar outras interpretações diferentes da “real”, nesse sentido o silêncio, propriamente dito, pode também significar e dentro de determinado contexto histórico e ideológico pode ser analisado discursivamente, ele pode trazer sentidos dentro de uma mensagem, o ato de calar implica sentidos.

Na intercadência destas se observa a teoria concretizada na prática que possibilita ao leitor/analista perceber todas as urgências, necessidades, anseios e sentimentos não-ditos porém percebidos através do discurso, como algo que se expressa antes mesmo da verbalização, na ideologia e pensa o sujeito em sua singularidade permeando o inconsciente do sujeito, sua ideologia, sentidos, o materialismo histórico, o político e a língua.

1.2 Discurso em Análise: ideologia e os aparelhos ideológicos do estado

A análise de discurso tem como objeto de estudo o discurso e busca nele três formas de opacidade ou de não-transparência que se dá através da língua, do próprio sujeito e da sua história. Não descreve simplesmente o texto, porém tem como função descrever como esse texto funciona, a produção de sentido contida nele e os processos de significação constantes na discursividade.

Para Orlandi (2020, p. 13) “A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”, onde o discurso se constitui dos atos de fala do sujeito, aquilo que o ser humano produz verbalmente ou simbolicamente nos atos de comunicação, ou seja, o acontecimento significante possui sentido e tem a subjetividade como lugar fundamental.

Através do discurso e da subjetividade pode-se compreender como a língua acontece no ser humano de forma única visto que cada sujeito é individualizado e singular, e assim como o discurso, a forma de se expressar varia de pessoa para pessoa, considerando suas ideias, pensamentos, cultura e sua relação pessoal com o mundo, trazendo saberes inconscientes que

constituem o indivíduo em sujeito.

Orlandi (2007, p. 18) nos traz que a grande contribuição da análise de discurso é observar os modos de construção do imaginário necessário na produção dos sentidos, assim sendo o indivíduo se encontra “assujeitado” a uma língua e história, e se torna sujeito de discursos conforme é submetido, concreta e empiricamente às ideologias que o cercam e o espaço-tempo em que está inserido.

O discurso observado no sujeito falante nos permite compreender a língua em funcionamento de acordo com a ideologia e com os significados e vivências de sua realidade, através do seu discurso é possível perceber as crenças, valores, enfim todas as manifestações que se aproximam ou influenciam o sujeito, determinadas através das ideologias arraigadas no “pequeno teatro teórico” durante seu desenvolvimento.

Orlandi traz que quando nascemos os discursos estão acontecendo, existe todo um significado de mundo na família e/ou no contexto em que estamos inseridos, sendo assim o indivíduo em formação é que entra na ideologia e não ela que se apropria dele; para Orlandi (2012, p. 70) “algo que é uma constante nesse trajeto histórico-social da relação do homem com o simbólico e o político. É a questão da repetição, ou melhor, nesse caso, da reprodução”.

O “Pequeno Teatro Teórico” é fruto da reprodução e apesar da ideologia e inconsciente serem similares, produzem efeitos diferentes. A ideologia se sustenta na concepção de um sujeito de direitos e deveres, autônomo e responsável. O “assujeitamento” ao sistema ou ao outro, reflete sua autonomia e comprometimento, ao passo que o inconsciente, para Orlandi “é o discurso do outro”.

Foucault e Orlandi concordam quando tratam o discurso do sujeito como algo oculto, nele estão retratadas sua vida pessoal, as experiências vivenciadas ao longo do tempo que representam de modo significativo uma história real, uma individualidade, ao observar o discurso do sujeito é possível perceber que a linguagem não é neutra, ela vem carregada das ideologias que permeiam o ser humano desde a sua concepção.

Quando o indivíduo nasce, a sociedade já está constituída por níveis, instâncias e por aparelhos ideológicos compostos pela base econômica ou infraestrutura e a superestrutura e por elementos culturais que passam de geração para geração, conforme o espaço geográfico de cada comunidade. A infraestrutura se compõe pelas relações de produção que formam a base

econômica da sociedade e funcionam como um suporte para a superestrutura que por sua vez determina os componentes ideológicos, formas de pensar, a legislação, cultura arraigada entre outros.

Para Althusser:

Ao falarmos dos aparelhos ideológicos do Estado e de suas práticas, dissemos que cada um deles era a realização de uma ideologia (a unidade destas diferentes ideologias regionais – religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc, sendo assegurada por sua subordinação à ideologia dominante). (Althusser, 1998, P. 89)

Os aparelhos ideológicos do Estado são a forma de organização em que determinada estrutura social se encontra, as instituições da sociedade são aparelhos de estado e estão posicionadas na infraestrutura ou na superestrutura; no caso da instituição escola, através da Análise de Discurso é possível perceber que há resquícios de uma educação bancária³, fruto da educação tradicionalista de décadas atrás.

Foucault vê o discurso como sistema de exclusão que tem poder para exercer controle e dominação da classe dominante para com a classe dominada; no espaço escolar o livro de ocorrência, conhecido como Livro Preto, é uma figura representativa da ideologia de dominação da educação tradicional, pois através dele se propõe a autoridade e o retorno ao corpo dócil, ou seja, um estudante “disciplinado”, submetido às regras previamente impostas.

Ainda Althusser (1918, p. 89) nos traz “uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas. Essa existência é material.” As instituições públicas ou privadas reproduzem a ideologia dominante que se estabelece como verdade e variam de acordo com cada classe social e com seus conflitos específicos, a verdade é representada historicamente por cada grupo social que nela acredita como fato concreto e verdadeiro.

A força de trabalho compõe a infraestrutura e submete os operários à ideologia dominante imposta pela superestrutura, que determina quais as normas da ordem vigente na sociedade como forma de controle social, assim a elite se mantém no topo porque reduplica suas ideias e discursos de acordo com seus próprios interesses, materializando essas ideologias,

³ A educação bancária definida por Paulo Freire é fruto da educação tradicionalista que determinou a educação brasileira por um longo período; o professor era considerado o detentor do saber que o depositava no aluno, quando este fosse competente passava a replicar os conhecimentos adquiridos.

crenças e valores na linguagem.

1.3 Sujeito, Sentido e Ideologia

As ideias, crenças e valores se materializam no discurso do sujeito através da linguagem, uma frase e/ou oração podem ser escritas de forma igual, porém ressoar sentidos diferentes para sujeitos distintos ou para o mesmo sujeito, em tempos diferentes, aparentar sentidos diferentes, o que altera o entendimento do sujeito é a ideologia que ele traz consigo e que interfere na sua interpretação.

Para Orlandi (2001, p. 22), “a ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história”, a ideologia é o que difere a Interpretação de Texto, que tem resultados prontos e definidos, da Análise de Discurso, que além de interpretar considera tudo o que há por trás do entendimento (ideologia) do sujeito, a Análise de Discurso teoriza e questiona a interpretação.

Enquanto a interpretação de texto se refere ao contexto imediato e a um sentido previamente definido por seu conteúdo, a compreensão do texto (que compõem a Análise de Discurso) busca saber como um objeto simbólico produz significados procurando os sentidos presentes no texto através da memória, do esquecimento e dos equívocos subentendidos na materialidade linguística.

Orlandi baseada nos estudos de Michel Pêcheux define o “Pequeno Teatro Teórico” como:

Esse teatro pelo qual o sujeito é chamado à existência se sustenta na discrepância introduzida pela formulação “indivíduo/sujeito”... supõe-se uma articulação conceitual elaborada entre ideologia e inconsciente ... designadas, respectivamente, como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, devendo-se entender este último adjetivo não como “que afetam o sujeito” mas “nas quais se constitui o sujeito”. (Orlandi, 2001, P. 100, 101)

Nota-se que o funcionamento social e as transformações históricas de um período definem a sua ideologia, a maneira de pensar e agir de acordo com o que está posto aos sujeitos. O modo de vestir, a forma de falar, as gírias utilizadas, os programas de televisão que marcam

época são formas de comunicação definidas pela ideologia e que variam ao longo do tempo e das gerações provocando mudanças inclusive na Linguística, na língua.

São as formas de ler e interpretar o mundo que marcam uma geração, seu estilo, sua cultura e seus padrões. Essa mesma ideologia é o que marca o saudosismo que as pessoas sentem por um determinado período de sua vida, os anos 70, as roupas de época, o modo de vida que naquele momento era considerado o ideal, algo que marcou um tempo e não volta mais. O ser humano é ideológico por natureza e a ideologia que o envolve é determinada por uma época e por um contexto social.

À medida que a sociedade evolui a língua se altera, surgem neologismos, algumas palavras caem em desuso e no esquecimento popular. As relações sociais, os valores e as ideias vão se modificando, conforme a historicidade e as relações que as sociedades vão definindo com o mundo que as cerca. O que foi belo na época medieval hoje não o é, enquanto o que é belo hoje em outros tempos seria repudiado.

Orlandi (2017) destaca que segundo Sartre “(...) cada um de nós, ao surgir no mundo, já encontra um mundo, isto é, um conjunto de fatos e dados em que nos inserimos, mas que nos precede e nos transcende: família, sociedade, ambiente, histórico, condição social”, a isso denominamos facticidade.

O indivíduo nasce num meio concreto/real e nele se desenvolve conforme é afetado pela cultura já existente e por uma sociedade que fala uma língua, uma família, uma história de vida, crenças, valores e práticas sociais previamente existentes; a criança se desenvolve e cresce repetindo um conjunto de ideias, parafaseando essas vivências, vivendo a sucessão da ideologia que a envolve surgindo assim nossa existência.

Além disso, a ideologia quando utilizada com interesses exerce poder e dominação, visto que o sujeito alienado reproduz essas ideias como se fosse verdade, uma vez que as toma como verdade, influencia outras pessoas, operando no funcionamento social, nas transformações históricas e no inconsciente dos sujeitos os constituindo, para Orlandi:

“O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá”. (Orlandi, 2001, P. 22)

A ideologia se constitui na relação entre a linguagem e o mundo e se apresenta na consciência dos sujeitos. São as ideias, crenças e valores que se materializam no discurso através da língua/linguagem e acabam se tornando naturais. Para Althusser (1918, p. 98) “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” assim a naturalidade das ideias, dos pensamentos e dos valores são práticas sociais e históricas e devem ser vistos com cautela porque são nas ideias do cotidiano que surgem as violências e o comodismo que podem ser impostos e vistos pela sociedade como politicamente corretos.

Somos todos sujeitos, pois existimos, pensamos, vivemos na seara da ideologia como seres únicos, temos um nome próprio e características que nos são peculiares, porém, vulneráveis ao “Pequeno Teatro Teórico” que nos cerca em um ritual ideológico mesmo antes de nosso nascimento, quer seja em relação às características físicas, expectativas, com quem o bebê se parecerá ou como será seu nome, havendo desde já uma configuração ideológica.

O sujeito é constituído por crenças, valores, pensamentos, ideias e saberes, todos eles em domínios diferentes, porém quando relacionados, constituem a totalidade do indivíduo enquanto sujeito, todas as vivências e influências que o formam em sujeito ideológico. A interpelação do indivíduo em sujeito se dá, pela sua origem, historicidade, relação que tem com o mundo, com a linguagem e pensamento, a essa completude podemos caracterizar a ideologia.

Para que tenha sentido a língua se inscreve na história, pode-se dizer que ela é passível de jogo, podendo haver equívocos pelo ouvinte/leitor e, pela interpretação o significado do enunciado pode se tornar outro aos olhos do analista de discurso. Como nos diz Orlandi (2012, p. 76). “A materialidade específica da ideologia é o discurso e a do discurso é a língua, podemos dizer que sem o discurso não há materialidade específica”.

A ideologia se materializa em objetos simbólicos como as cores de uma bandeira, em um símbolo religioso, em uma marca que passa a determinar um alimento; no sujeito se apresenta na maneira de vestir, falar, representar tendências e práticas sociais em que esse sujeito se encaixa. Conforme afirma Althusser (1918, p. 93) “só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos”.

Para Orlandi (2007, p. 20) “a ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história”, nesse sentido a ideologia como ideia ou crença que se coloca como verdade tem poder e influência perante uma sociedade e é nesse contexto onde se observa a dominação, não da ideologia propriamente dita, mas dos interesses

que se ocultam por trás dela.

O sujeito, quando alienado, reproduz a ideologia como se ela fosse verdadeira, considerando apenas seu contexto imediato; aqui podemos observar o conjunto de ideias, conforme considera Orlandi:

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (Orlandi, 2020, P. 14 e 15)

O que o sujeito fala deriva de suas relações sociais; as pessoas reproduzem as ideias dos aparelhos ideológicos e da sociedade da qual fazem parte, as ideias movem a vida real. Quem as domina tem em mãos uma poderosa ferramenta para influenciar pessoas em pequenas ou grandes massas. Quando isso acontece pode haver relações de dominação e disputa social influenciadas pelo conjunto de ideias que, quando dominante, influenciam variados aspectos da vida: econômicos, sociais, políticos, religiosos e culturais.

A ideologia que compõe/comporá o sujeito ao longo de sua vida é constituída nas relações sociais, na interpelação e pode ser descrita como a maneira que o “mundo” fala em mim, como eu vislumbro o mundo em torno de mim e de minha existência como “uma materialidade simbólica própria e significativa” (Orlandi, 2020, p. 16).

Para Foucault (2014, p. 21) ideologia pode ser definida como “coisas ditas uma vez e que se conservam”, são exemplos claros desta dinâmica social as lendas, narrativas que são contadas ao longo dos tempos e se mantêm, pois passam de geração em geração como num ritual sistemático. O próprio sujeito, permeado pela ideologia, constrói sua definição do que é reflexo de beleza e do que é face de verdade, sendo assim na ideologia podemos encontrar as condições de existência e do mundo real em que o indivíduo se encontra ou deseja estar.

1.4 Formação Discursiva: Interdiscurso e Intradiscurso

A noção de discurso vai além do que propõe a Linguística, não considera a língua apenas como código, mas pensa as relações entre os sujeitos e os sentidos na prática da linguagem, da

argumentação e da construção da realidade sendo que o “discurso é efeito de sentido entre locutores” (Orlandi 2020, p. 20). Para a Análise de Discurso a noção de formação discursiva se dá pelas marcas de estilo e de ideologia que se encontram no entremeio das condições de produção e linguagem, considerando o processo sócio histórico em que os discursos são reproduzidos. Para Orlandi:

“As palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos.” (Orlandi, 2020, P. 41)

As condições de produção de um discurso compreendem os sujeitos envolvidos e a situação, nesse sentido temos o contexto imediato que se refere ao local onde o discurso aconteceu e de que maneira foi registrado, concretizado considerando a sociedade, a história que o permeia e a ideologia que envolve os sujeitos do discurso.

A realização de análise de discurso dos livros de ocorrência, explorados nesta pesquisa, nos traz como contexto imediato o formato do material utilizado para registrar os discursos de diretores, coordenadores, professores, inspetores e estudantes, e a forma como são feitos esses registros, inicialmente em letra cursiva, também engloba o espaço de uma escola pública normatizada através do Regimento Escolar e tendo como figuras de autoridade respectivamente o diretor, coordenador, professor e inspetor.

No período de 2004 a 2009, com uma letra ilegível, o que nos revela certa pressa ao escrever, letra sempre constante o que define que repetidamente a mesma pessoa é responsável por relatar as ocorrências. No período de 2009 a 2019 surgem letras cursivas variadas, o que revela que mais figuras da instituição escola estão “autorizadas” a registrar as ocorrências; a caligrafia é legível. No período de 2019 a 2022, embora tenha se considerado apenas fragmentos até 2019, os registros passam a ser digitados e colados no livro “preto”.

As formações discursivas constantes nesses livros revelam o contexto sócio histórico e ideológico em que os sujeitos do discurso estão inseridos, bem como as regras impostas pela instituição escola, permitindo ao analista através do interdiscurso considerar os efeitos de sentido dos envolvidos bem como da instituição escolar, por interdiscurso Orlandi nos traz:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso. (Orlandi, 2020, P. 31)

Ainda considerando o contexto amplo podemos depreender o interdiscurso. Orlandi define interdiscurso como “este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar” (Orlandi, 2020, p. 29); o interdiscurso está diretamente ligado à memória, ao já-dito, transparecendo as ideologias presentes consciente ou inconscientemente no sujeito.

O interdiscurso está diretamente ligado ao que foi esquecido e está anônimo na ideologia, neste caso da instituição escolar, porém mesmo oculto continua influenciando dizeres e pensamentos que constituem sentidos na linguagem do espaço escolar; por sua vez o intradiscurso se situa justamente no que está sendo falado pelos atores da escola, está ligado a formulação do que está a ser verbalizado, ou o que é dito no momento pelos sujeitos.

Considerando os estudos de Pêcheux, observa-se que o interdiscurso nos traz que o discurso não é homogêneo, com apenas uma verdade absoluta, mas é atravessado por outros discursos que apontam novas “verdades” e diferentes interpretações enquanto no intradiscurso os conceitos estão subentendidos na estrutura semântica do texto que origina o discurso demonstrando as tendências ideológicas dominantes e que dão opacidade ao texto estudado.

O sujeito constitui seu interdiscurso quando é “assujeitado” pela memória e pela historicidade, nesse cenário surge a discursividade implícita em si mesma, o sujeito, quando formula seu discurso que compõe o seu intradiscurso que por sua vez transparece de acordo com sua relação com o interdiscurso, logo o interdiscurso está inserido e funciona como uma condição ideológica para a elaboração do discurso (considerando a tríade linguagem, pensamento e mundo).

“As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (Orlandi, 2020, p. 30), em outras palavras, o interdiscurso constitui-se pelo que já foi dito e está presente de forma inconsciente na memória da sociedade, tendo no esquecimento um elemento estruturante, por sua vez o intradiscurso se situa na linha onde o dizível do sujeito, representa o que está sendo dito e em que condições está sendo dito.

1.5 Condições de Produção: O Silêncio e o Esquecimento

Para o estudioso da linguagem falar sobre silêncio possibilita perceber as relações existentes entre o que é dito e o que é silenciado, representa os sentidos implícitos através do que é omitido, ligando o fato de não-dizer/ silenciar à história e às ideologias que permeiam o indivíduo, o trabalho do silêncio no imaginário do sujeito demonstra o processo de significação relacionando o que não é dito às ideologias e às condições históricas.

Estar em silêncio para o estudioso da linguagem significa que o sujeito está no sentido, mergulhado em sentidos silenciados, seu não dizer está ligado à história ou ideologias que o permeiam e significam de modo que ele permaneça em silêncio no percurso de seus sentidos, significando seus pensamentos através do não falar.

A censura, fato produzido pela história, que envolve os discursos constantes dos livros de ocorrências escolares reflete a instituição escola e a educação bancária definida por Paulo Freire, que inconscientemente está no interdiscurso dos envolvidos nos discursos produzidos no espaço escolar considerando o contato da língua com esta ideologia presente fortemente na materialidade histórica da educação.

Para Orlandi o silêncio pode ser dividido em fundador, que possibilita significar o que não foi dito, em constitutivo onde um termo pode apagar outros termos e o silêncio local que se refere à censura, à proibição de se falar algo. Em uma escola moderna, embora ainda conte com traços de uma educação tradicionalista, onde o poder gira em torno da equipe diretiva e se utiliza o regimento escolar como objeto de punição, limitando os sujeitos na produção dos sentidos, é possível analisar discursos silenciados.

Considerando o silêncio como significação e rota para o percurso de sentidos vemos que o real da linguagem, ou seja o que realmente é importante para o sujeito se encontra no silêncio, para Orlandi (2007, p. 14) “aquilo que é importante nunca se diz”, pelo fragmento exemplificado a seguir, retirado do *corpus* desta pesquisa percebe-se nitidamente o silêncio local censurado, (12) “alunos espertos não falaram nada pois a professora deveria saber o que passar. Pede para os alunos passar a matéria no quadro.”

No fragmento fica explícito que os “espertos”, ou seja, que estavam acompanhando a ideologia ‘dominante’ no momento calaram quando perceberam que o professor não estava

sendo uma autoridade na sala de aula, o que facilitaria para atingir seus objetivos escolares, avançar o ano letivo de forma fácil, sem grandes esforços, ao calar representaram a materialidade do que lhes importava no momento, não estudar, não serem cobrados, evitando a censura da autoridade local.

Na análise de discurso pode-se distinguir o dispositivo teórico do dispositivo analítico; o dispositivo analítico está inserido dentro do dispositivo teórico, porém o dispositivo teórico não abarca diferentes compreensões enquanto o dispositivo analítico permite variadas análises que serão verificadas pelo investigador, observando seu *corpus*, os dispositivos teóricos dele retirados e quais as finalidades propostas por sua análise.

Quando se fala em linguagem se remete inicialmente à língua falada, porém a ciência da Análise de Discurso considera inúmeras formas de comunicação além da fala, o silêncio, símbolos e reações, significando-as teoricamente e distinguindo o dispositivo teórico que é passível de interpretação do dispositivo analítico que possibilita o trabalho do analista de discurso através da compreensão. Orlandi demonstra que o silêncio é uma forma de comunicação:

... o silêncio é “fundante”... quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio “fala” por elas, elas silenciam... (Orlandi, 1993, P. 14)

É possível que no interdiscurso de seu dispositivo teórico o analista de discurso perceba uma lacuna necessária e significativa (silêncio), que traga informações ideológicas que permitam perceber os sentidos do dispositivo analítico em compreensão, como no fragmento (12) “alunos espertos não falaram nada”.

O analista de discurso classifica o não dizer como um objeto de reflexão, considerando o que está implícito, silenciado, como um objeto simbólico que carrega conceitos ideológicos inseridos em uma formação discursiva, uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes, quando silenciada o “falante” permite ao ouvinte compreender de forma heterogênea, conforme o efeito de sentido ressoar nele.

No fragmento (08) citado a seguir e retirado do *corpus* desta pesquisa “resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 01 (um) dia (data) por indisciplina (mandar a professora

tomar no ...). O responsável será avisado para comparecer e caso haja reincidência será punido conforme legislação em vigor.”⁴, no recorte é possível depreender a palavra silenciada, omitida ao registrar a ocorrência escolar, embora não tenha sido escrita é possível ao leitor imaginar o contexto da situação e o palavreado utilizado, o fato da equipe diretiva se calar refere-se ao contexto imediato, visto que na instituição são proibidas palavras de baixo calão, sendo utilizado o silêncio através de um sentido discreto, porém que fala por si só, onde mesmo calado tem sentido próprio.

Para entendermos as condições de produção de um discurso é necessário esclarecer o contexto imediato e o contexto amplo contidos na análise de discurso, como contexto imediato a Análise do Discurso entende o cenário em que acontece a produção e as condições ideológicas do sujeito de discurso, no caso desta pesquisa os livros de ocorrência e a instituição escola, por sua vez o contexto amplo considera a formação da sociedade através da memória e dos elementos ideológicos, ou seja, as tendências pedagógicas que influenciam/influenciaram as práticas e metodologias escolares.

Parte fundamental da produção de um discurso é a memória, juntamente com a situação em que está envolvido o sujeito de discurso. O contexto social, histórico e ideológico definem a memória discursiva ou interdiscurso, trazendo os conceitos anteriores que afetam e significam no indivíduo, as condições de produção consideradas nos discursos retirados de livros de ocorrências escolares se encontram justamente em uma instituição escolar antiga, que no passado foi palco de uma educação tradicionalista e bancária.

Sendo assim, poderá se observar que há resquícios da ideologia, hoje talvez esquecida, mas lembrada através do contexto imediato em que os discursos foram produzidos, o esquecimento citado acima, da existência em algum momento de uma educação bancária, para uma educação mais democrática na atualidade, pode ser tratado como:

“esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes. (Orlandi, 2020, P. 33)

O sujeito do discurso na posição diretor, coordenador, professor, possivelmente, através

⁴ Por questões metodológicas não citamos a data.

de um olhar apenas cronológico, foi sujeito passivo de uma educação bancária e por mais que esteja inserido num processo de formação democrática traz consigo “esquecimentos” de seu tempo de estudante, o que favorece um interdiscurso carregado de um contexto ideológico tradicionalista, visto que a instituição estava ali, o sujeito profissional da educação é que entrou nela, em sua materialidade e em seus sentidos.

Para a formação do interdiscurso do sujeito o esquecimento é estruturante, sendo necessário para sua formação que a memória seja afetada pelo esquecimento. Orlandi entende o esquecimento como:

As ilusões não são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos “esquecem” que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentidos, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (Orlandi, 2020, P. 34)

O contexto imediato está sempre ali, a posição dos sujeitos de discurso é que muda com o passar do tempo e conseqüente com o “apagamento”/ equívocos da língua, esta por sua vez se materializa no sujeito a partir do ato de falar, ao se deslocar, os sentidos e contextos imediatos entram em movimento significando e trazendo à tona as ideias, crenças e valores tendo significância própria.

1.6 Elementos de análise: Incompletude, Equívoco, Deslocamento, Paráfrase e Polissemia

O processo de significação de uma instituição é aberto, esse fato abre brechas para que a mesma tenha seus aparatos regimentais, como o Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico que dão suporte legislativo para organização e garantia da ordem e disciplina do espaço escolar, através das lacunas aí encontradas, ou seja, das incompletudes é que surgem os embates e variadas possibilidades de sentidos que criam a tensão entre os sujeitos.

Ao considerar que o silêncio é uma forma de significar percebe-se diretamente que a incompletude é necessária no ato de falar; através da incompletude e do que foi silenciado no

ato de falar é que acontecem os sentidos múltiplos frutos da materialidade histórica do sujeito falante e do sujeito ouvinte considerando suas vivências e ideologias. Essa incompletude que permite a multiplicidade de entendimentos é a base da polissemia na análise de discurso.

A identidade do sujeito é formada por aquilo que lhe é único, ou seja, justamente o que está silenciado possibilitando no entendimento do outro, ao silenciar, o equívoco. Como equívoco Ferreira nos traz: “o equívoco irrompe como um lugar de resistência que é inerente à língua e à sua constituição e compatível com a natureza instável, heterogênea e contraditória de um sistema não-fechado.” (Ferreira, 2000, p. 15.)

Para a análise de discurso o silêncio é necessário à significação, no dispositivo analítico (72) “e na questão de nº 01 escreveu: ‘Que prova lixo.’” se nota o desagrado do estudante perante à instituição escola e ao fato de estudar, ao insultar o instrumento de avaliação a que está submetido, é visível seu descontentamento, fala do instrumento porém o que realmente lhe desagrada está implícito, silenciado, suas críticas certamente vão além da prova, se estendem a toda a ideologia que permeia o sistema escolar.

Na análise de discurso o silêncio é determinado pela figura de linguagem elipse⁵. Os textos pesquisados neste trabalho justamente encontram-se nas lacunas deste regimento, registrando os entremeios das condições de produção onde os dispositivos analíticos acontecem, ficam abertos às análises os esquecimentos e as rupturas do que é considerado como “ideologicamente” correto segundo as leis regimentais do espaço escolar.

Considerando que o fato de silenciar se encaixa dentro do processo de significação do sujeito essa posição de ruptura está registrada através de palavras ou elipses que constituem sua produção discursiva e carregam sua formação considerando a linguagem, pensamento e seu posicionamento ideológico no mundo, atestando uma história solitária, porém recheada de pistas que podem informar ao ouvinte algo parafraseado ou não falado.

Os discursos constantes do livro de ocorrência escolar trazem a materialidade da quebra de uma ordem esperada, do efeito que o regimento escolar estabelece como correto e possível de ser seguido. Nesse ponto observamos o estranhamento, que se situa entre a materialidade discursiva ou intradiscorso e a memória discursiva, no ato onde a disciplina é

⁵ Elipse: figura de linguagem, omite um termo do enunciado embora sua omissão não torne o enunciado incompreensível, pois é possível compreender o significado pelo contexto.

quebrada, ou interdiscurso.

A interpretação de texto traz duas possibilidades para o entendimento, a visão de quem fala e o olhar de quem analisa o que foi dito, ela trabalha com a materialidade enquanto a análise de discurso nos traz não apenas a simples interpretação, mas um sentido mais amplo de compreensão do texto, quais elementos ideológicos estão por trás dele e o porquê ele produz determinado sentido. Orlandi levanta uma indagação sobre a ideologia:

... como funciona a ideologia... pela não-transparência da linguagem... pela tomada em consideração da materialidade linguística... desloca o conceito de língua em sua autonomia absoluta (como é vista na linguística) para a autonomia relativa (pensando a materialidade histórica). Daí ser a análise de discurso por ele proposta distinta da análise de conteúdo e da análise linguística. (Orlandi, 1993, P.17)

Nesse trecho se percebe que a análise de discurso vai além da linguística, ela considera a história, ideologia (Marxismo) e o sujeito envolvido pela ideologia (Psicanálise). Orlandi (2001, p. 22) nos diz que “a análise de discurso teoriza sobre a interpretação”. A interpretação considera apenas a língua (Linguística) enquanto o discurso constituído pelo sujeito, língua e ideologia é o objeto de reflexão da Análise de Discurso.

A paráfrase e a polissemia são fundamentais e determinantes na análise de discurso, segundo Orlandi, (2001, p. 20) “paráfrase e polissemia... dois eixos que sustentam o funcionamento da linguagem e que constituem o movimento contínuo da significação entre a repetição e a diferença”. A seguir temos um dispositivo analítico que permite perceber uma linguagem atual retomando um conceito antigo.

No fragmento (68) “então o aluno disse que o professor era igual coca-cola: pressão só no início” a movimentação do discurso acontece na linha tênue entre paráfrase e polissemia. No dispositivo analítico o falante usa a coca-cola para expressar que o professor demonstrava animação apenas no início de alguma atividade, porém logo perdia o interesse, através de seu imaginário o estudante traz metaforicamente uma expressão de seu cotidiano para omitir o que realmente pensava da situação conforme suas ideologias.

A paráfrase e a polissemia se situam na tensão em que acontece a linguagem entre os sujeitos; na paráfrase temos a retomada a outros dizeres, as características ideológicas se mantêm ou são retomadas em novos dizeres, em novos discursos em tempos e contextos

diferentes, nesse sentido observa-se a definição de deslocamento na análise de discurso onde a transformação do espaço-tempo em que vive o homem pode alterar as produções de sentido na linguagem.

Na polissemia observa-se o rompimento com o processo de significação anterior (paráfrases) trazendo para o processo de linguagem o que se está por dizer, rompendo e transformando significados; na relação entre paráfrase e polissemia está contida a subjetividade, as ideologias que tornam o indivíduo em sujeito de discurso, determinando sentidos através do contexto em que está inserido.

A subjetividade permite compreender como a língua acontece no homem; o sujeito ao materializar seu discurso utiliza da ideologia e imaginário arraigados em si, ambos envolvidos e expressos pela língua formando a subjetividade que é capaz de demonstrar aos demais sujeitos sua face da verdade, revelando quem ele realmente é. Orlandi define a análise de discurso como:

...é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. (Orlandi, 2001, P. 21)

Na análise de discurso a principal reflexão feita é baseada na interpretação, compreensão e interrogação buscando os sentidos ideológicos ocultos por detrás do texto. O pesquisador compreende as ideologias subentendidas através dos sinais deixados pelos sujeitos. Orlandi teoriza o trabalho do analista que:

...deve levar em conta o movimento da interpretação inscrita na relação do próprio sujeito com o discurso. O trabalho do analista é em grande parte o de situar (compreender) – e não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido. (Orlandi, 2001, P. 25)

Nesta ciência a leitura funciona como um dispositivo teórico, observando a palavra e o texto em sua discursividade, nos sentidos e na ideologia que estão ocultos dentro do discurso em suas entrelinhas, observando sua significação, para Orlandi (2015, p. 62) “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e sempre aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados

diferentes”.

Finalizando o capítulo 1, destinado a parte teórica, onde ilustrou-se alguns exemplos retirados de dispositivos analíticos do *corpus* passaremos à pesquisa propriamente dita que trará um histórico da (in)disciplina na educação e estudos linguísticos e discursivos sobre os resquícios do tradicionalismo na educação atual refletidos nos discursos contidos em livros de ocorrências escolares de uma escola pública.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A DISCIPLINA/INDISCIPLINA

Desde o século XVIII, período do surgimento da Revolução Industrial na Inglaterra e consequentes transformações na humanidade como a expansão das instituições escolares e, momento em que a educação teve sua existência e razão de ser fortemente ligada ao mercado de trabalho, a escola passa a ser vista como oportunidade de ascensão social e melhor expectativa de vida para todas as pessoas.

Vivemos nas três últimas décadas um período em que se observou um forte conflito de gerações entre professores e estudantes. Os atritos na história da escola ficaram comuns e conforme se aumenta a oferta de estudo e, consequentemente os sujeitos formados e aptos para o mercado de trabalho, os números de empregos ficam menores, temos aí uma possível explicação para a desvalorização da escola e um fator gerador para atos de indisciplina.

Desde os primórdios da educação, realizada em ambiente escolar, a indisciplina é vista como o motor de partida para o desenvolvimento de problemas de aprendizagem. No cenário atual o conflito de gerações entre estudantes nativos digitais e professores migrantes digitais e a quebra de regras estabelecidas democraticamente no contrato didático, quando combinado entre docentes e alunos, geram insatisfações no espaço escolar.

Conforme a teoria da educação bancária⁶ de Paulo Freire observa-se, em uma perspectiva de educação tradicionalista⁷, o período em que o professor era considerado o depositário exclusivo do saber. Os alunos (aluno justamente por estar à luz de alguém, no caso, o professor), apenas se apropriavam do saber transmitido pelo mestre e sua autoridade era baseada e definida por esse saber.

O professor, na educação bancária, é considerado o detentor do saber e somente ele, em sala de aula, guardava os conhecimentos a serem repassados aos “alunos”, ‘iluminando suas mentes’ considerando este termo “sem luz”. Nessa concepção os alunos deveriam ter postura humilde e obediente à autoridade do mestre que muitas vezes se configurava em autoritarismo, pois eram vistos como inferiores ao professor, considerando sua faixa etária e o nível cultural. Para Vasconcellos a indisciplina tem duas origens sendo uma interna e outra externa à escola, descritas a seguir:

Na origem interna, de mais fácil controle para a instituição e para o docente, pode-se listar: a qualidade do currículo escolar oferecido, a segurança garantida pelo espaço escolar enquanto impeditivo de alunos gazearem aula e/ou pularem muro, o ambiente oferecer condições adequadas de aprendizagem, professores formados continuamente e de maneira satisfatória, planejamentos bem elaborados e acompanhados pela equipe pedagógica, material didático adequado às faixas etárias atendidas.

A origem externa, de difícil controle do professor e da instituição, e aquela que faz com que a escola recorra a outras instâncias quando se faz necessário lidar com ocorrências graves, é a que mais aflige o corpo docente; se origina no ambiente familiar em que cada estudante está inserido, nas influências da mídia que são inúmeras para os nativos digitais, crianças, adolescentes que têm fácil acesso aos diversos conteúdos, que, por vezes, não são adequados às suas idades e promovem as violências sociais.

Os focos da indisciplina, quando detectados, devem ser observados e acompanhados como método de prevenção e ajuste. O Regimento Interno Escolar estabelecido e a construção coletiva do Projeto Político Pedagógico fazem parte da estrutura escolar, portanto estão focados

⁶ Educação Bancária: O termo ‘bancária’ foi utilizado por Paulo Freire para ilustrar a tradicional educação brasileira, onde o aluno era visto como um banco vazio na qual o professor seria o responsável por depositar conhecimentos, enriquecendo-o;

⁷ Educação Tradicionalista: Nesta tendência educacional o professor é visto como único responsável pela transmissão de conhecimento, tendo no professor o eixo central do processo de aprendizagem.

em impedir as origens internas da indisciplina, eles por si só definem regras e estabelecem limites, direitos e deveres para todos os integrantes do espaço escolar, delimitando todas as ações e objetivos a serem alcançados.

O Regimento Escolar é um documento que normatiza os direitos e deveres de todos os atores envolvidos no processo de aprendizagem. Define pontualmente o que é permitido e o que é proibido, sendo que, se houver atos de indisciplina proibidos, o sujeito envolvido será penalizado conforme a gravidade de seu ato, estando sujeito à advertência verbal, advertência escrita, suspensão orientada por dois ou três dias e em casos gravíssimos, transferência compulsória aprovada pelo Colegiado Escolar.

O Projeto Político Pedagógico é construído democraticamente, está relacionado às particularidades da escola, define a missão, visão e valores que norteiam as atividades realizadas durante o ano letivo que envolvam a comunidade interna e externa, traz em seu memorial descritivo a história da escola, prezando pelas origens da instituição e define com clareza as tendências pedagógicas influentes no processo de aprendizagem, os projetos realizados pela instituição, formas avaliativas aplicadas pelo docente e quais os temas transversais e contemporâneos com os quais a escola trabalha.

O professor e sua conduta profissional constituem a origem interna. Esse foco envolve a necessidade de adequação do professor a novas realidades, sua reconstrução e o fato de admitir que seja preciso se resignificar quando necessário, ao demonstrar resistência o profissional promove conflitos em sala de aula, devido às ideologias discordantes entre professor e estudantes como se pode observar no dispositivo analítico (20) “O professor está dando uma parte da matéria e pede para fazer resumo mas não aceita opinião”

O aluno e sua bagunça é o foco que causa mais polêmica, mais comum no espaço escolar e de mais difícil abordagem, apresenta origem externa, tem difícil acompanhamento por parte do docente e necessita do envolvimento da família para buscar entender o porquê o estudante evita aprender e assim atrapalha a si próprio e aos demais em sala de aula. No fragmento (39) “disse que não viria e que deixaria o filho sem estudar já que não sabia o que fazer com o mesmo”. Na atualidade ele se configura como o maior desafio da instituição escolar que por vezes se vê abandonada por uma família que apresenta sinais de desistência dos seus.

2.1 Indisciplina, causas e consequências

O termo disciplina está intimamente ligado à obediência às regras previamente estabelecidas, a partir do momento que estas regras são quebradas surge a indisciplina, que incomoda a equipe pedagógica escolar, desmotiva a família e impulsiona o estudante para o fracasso acadêmico. Quando se pensa no termo indisciplina se remete automaticamente ao seu antônimo: disciplina; justamente porque é mais fácil definir o que é positivo e bom, a disciplina.

O substantivo disciplina atravessa os tempos e as sociedades ao longo da história, é inerente ao ser humano, pois para obter sucesso e conquistar objetivos ao longo de sua vida o sujeito precisa ser disciplinado de alguma forma. A disciplina para alguns sujeitos, dependendo dos “assujeitamentos” que sofreram ao longo de sua vida tem sentido pejorativo ligando o fato de ser disciplinado ao fato de ser sofredor, de sujeitar-se a algo por obrigação, por um compromisso difícil de ser cumprido.

Contrariamente a esse pensamento e buscando seu sentido real sabe-se que disciplina está ligada à ideia de ordem e harmonia, e aquilo que é previamente planejado e organizado se torna naturalmente mais leve e fácil de ser cumprido, refere-se às regras e ordens estabelecidas a fim de organizar algo e não apenas com o objetivo de obrigar forçosamente alguma situação, tornando o sujeito manipulável e moldável.

Quando o professor (oriundo e sujeito formado por uma educação bancária e tradicionalista) é exposto ao termo indisciplina no espaço escolar vem à sua memória os registros ideológicos do que ele considera como indisciplina, “atrapalhar o trabalho de depósito de conhecimento do professor”, ideias formadas a partir de conceitos formulados ao longo de sua vida e que o caracterizam de acordo com os sentidos a ele atribuídos e não conforme o contexto real naquele momento da educação em que ele se encontra.

O dispositivo (55) “Pedi para a professora o significado do verbo, a professora disse que não ia trabalhar tradução, porque ia atrasar o desenvolvimento da aula”, reflete nitidamente um professor tradicionalista que está diante de estudantes que indagam sobre sua aprendizagem. Antunes discorre sobre as conversas em sala de aula:

“Se seus alunos conversam, isto é bom. Saiba fazer dessa notável qualidade humana uma ‘ferramenta’ de ensino. Use a conversa do aluno, que é o que ele tem de mais

valioso em sua vida, como instrumento para um trabalho pedagógico essencial. Converse com seus alunos e deixe os alunos conversarem entre si. Aprenda a ser um administrador de conversas, expositor de desafios, instigador de perguntas.” (Antunes, 2015, P. 14)

Para o professor assujeitado na educação tradicional a indisciplina acontece quando os estudantes se aglomeram, dormem durante a aula, soltam gargalhadas altas, inadequadas e em horário errado, circulam pela sala no intuito de provocar a ira do professor, conversam em voz alta e provocativa e com palavras inadequadas e perturbam a ordem e o silêncio do espaço da sala de aula.

Observa-se que em todos os pontos citados anteriormente não entrou a conversa (aquela considerada normal, leve e sem juízos de valor ou provocações), porque em um novo contexto educacional libertador a conversa não pode ser considerada indisciplina, na atualidade sabe-se que conversar pode ser um diagnóstico de múltiplas inteligências, assim o professor do século XXI, inserido em uma educação libertadora deve transformar a conversa em uma ferramenta pedagógica, em um valoroso instrumento para metodologias ativas e se tornar um professor administrador dessas conversas. Foucault nos traz que a disciplina:

Não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia. (Foucault, 1997, p. 189)

Considerando a definição de Foucault para o termo disciplina nota-se que ideologicamente, no conceito de “educação bancária” definido por Paulo Freire, a indisciplina era vista como a imposição de poder de uma minoria sobre a maioria oprimida, onde a figura do professor era considerada detentora do saber e poder, e tudo que fosse contrário a ela seria considerado ameaçador às verdades absolutas impostas pelas autoridades educacionais.

Observando a sociedade atual, mesmo séculos depois do assujeitamento a uma disciplina vista como meio de manipular e moldar ainda se encontram sujeitos, professores e instituições que mantêm essa ideologia e tem na disciplina uma maneira de garantir a obediência dos indivíduos inibindo a reflexão e ampliação de conhecimentos e saberes.

O jovem professor que não adquiriu experiência necessária em sua licenciatura e o professor “à moda antiga” que foi educado através da educação bancária e não buscou/adquiriu as habilidades necessárias para lidar com o problema não conseguem enxergar meios para saná-lo ou diminuí-lo e acabam entrando no círculo vicioso da indisciplina que envolve professores e alunos, causando frustração para o docente e insucesso escolar para o estudante.

O ambiente escolar, riquíssimo em diversidade, é composto por turmas e estudantes com comportamentos diferentes, isso também varia com professores, esse fato se deve aos diferentes “discursos” e “materialidades”, para Pêcheux (1975) “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. O estudante e sua turma vão adaptando suas atitudes e modo de agir, se assujeitam, conforme as imposições do professor o que torna o componente curricular mais ou menos produtivo.

Sartre, filósofo defensor da liberdade irrestrita, acreditava ser a liberdade o que move o ser humano, à medida que o sujeito se torna livre para suas escolhas consequentemente se torna disciplinado para atingir seus objetivos e projeto de vida. Nesse sentido as escolhas feitas democraticamente em sala de aula, possibilitando a participação coletiva de professores e estudantes através de um contrato didático incentivarão a disciplina automotivada e consciente.

Observa-se que a postura do professor é fundamental para incitar a disciplina entendida aqui como o comprometimento do estudante consigo mesmo e com seu futuro que é determinado pelas atitudes tomadas no momento atual em sala de aula e mantê-la, à medida que se avança o ano letivo, colaborando assim para o sucesso e satisfação profissional do professor e para o avanço da aprendizagem da turma em termos gerais.

2.2 Conflito de Gerações: educação bancária x educação libertadora

O conceito de disciplina pode ser pensado de maneiras diferentes quando o situamos a concepções distintas. Em uma perspectiva bancária a disciplina é vista como um sujeito submisso, ou como nos traz Foucault, um corpo dócil, adaptável e passivo às regras impostas a ele no entanto em uma visão libertadora a disciplina se faz necessária para que o sujeito alcance

seu pleno desenvolvimento através de metas e contratos pessoais e coletivos que o auxiliem e norteiem na conquista da autonomia e do seu projeto de vida. Para Foucault:

“a disciplina é uma técnica de exercício de poder, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam há muito tempo, na Idade Média e mesmo na Antiguidade. Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens.” (Foucault, 1998, p. 105)

A submissão e silêncio do aluno favorecem a perspectiva de uma educação bancária e conteudista centrada no professor e nos conteúdos repassados tornando o ensino magistrocêntrico, centrado nas ações desenvolvidas pelo docente e ignorando a participação do estudante na sua própria aprendizagem. Nesta concepção de educação tradicionalista a sala deve ser silenciosa, apenas ouve e copia o que está sendo exposto, tendo um exemplo claro de autoritarismo, onde apenas o professor é detentor do conhecimento e o estudante não passa de um mero aprendiz que absorve o que está sendo trabalhado em uma aula expositiva e condicionada apenas aos conhecimentos determinados e previamente escolhidos pelo professor.

Esse modelo de educação nos traz uma relação impessoal entre professor e estudantes de forma vertical, com uma aprendizagem mecânica, ou seja, baseada no poder, o que favorece a indisciplina, pois estimula resistências e reações indesejadas por parte dos estudantes que têm seus sentimentos e conhecimentos prévios oprimidos e desconsiderados como se observa no recorte (11) retirado do *corpus* “Não explica matéria, dá patada ... ninguém explicou o trabalho porque a professora não deixou”, ou seja, a explicação ou conversa sobre o conteúdo estavam centralizadas na figura da professora.

Na educação bancária a indisciplina é responsabilidade apenas do aluno, pois é exclusivamente dele a obrigação de “comportar-se” a fim de atingir sua aprendizagem. Para Foucault (1997, p. 130) na educação tradicional as salas são organizadas em fila e os conteúdos impostos para que o professor possa “a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar”.

Ao observar uma sala de aula é possível perceber quais ideias inspiram a concepção da educação na instituição e para o professor. São exemplos concretos da ideologia presente na instituição e no professor: a organização, as práticas pedagógicas aplicadas pelo docente, a

forma como a disciplina é imposta e como a avaliação é oferecida e aplicada aos estudantes. A concepção bancária de educação definida por Paulo Freire ainda está presente nas escolas de hoje, pois há professores que foram “assujeitados” por ela em suas vivências pessoais.

Na educação transformadora e libertadora o espaço da sala de aula é formado por um grupo ordenado que cumpre um contrato didático previamente estabelecido e democraticamente combinado entre professor e estudantes, dispostos a construir o conhecimento de forma coletiva e através do contrato didático cada um assume seus deveres e compromissos individuais com responsabilidade e autonomia.

A educação problematizadora permite o desenvolvimento da criatividade e a participação ativa do estudante no processo de construção da aprendizagem. Esse modelo de educação permite superar e transformar as dificuldades sociais através de ações concretas realizadas pelos estudantes e mediadas pelo professor primando pela transmissão não só de conhecimentos, mas também de valores que proporcionem um desenvolvimento pessoal completo e torne o sujeito preparado para exercer a vida cidadã.

O diálogo é fundamental nessa concepção de educação, onde professor e estudantes buscam o conhecimento através da reflexão e da ação, por meios dinâmicos e concretos. A disciplina é vista como um meio pedagógico, a ser construída com a finalidade de organizar o processo educativo e desenvolver a autonomia e o protagonismo juvenil. O silêncio é visto como objeto de reflexão para novas aprendizagens enquanto na educação bancária ele é considerado importante para garantir que os conteúdos determinados sejam memorizados pelo estudante.

Para Antunes a construção da disciplina em uma educação democrática deve acontecer:

Quando os professores sentam com os alunos e juntos procuram desmontar a ideia da culpa e do castigo e têm em mente reconstruir a plenitude da significação e dos tipos de disciplina, não apenas a aula corre mais fácil e a aprendizagem se concretiza de maneira mais saborosa, como alunos e mestres descobrem que, ao reconhecerem a disciplina como ferramenta essencial das relações interpessoais, aprendem autonomia e exercitam a firmeza, além disso, os alunos passam a ter condições de construir seu caráter com mais dignidade. (Antunes, 2012, P.11,12)

A função do contrato didático se dá ao estabelecer limites do que o estudante pode ou não fazer em classe durante a aula, ele é construído democraticamente nas linhas do que é ou

não permitido e estabelece como serão as regras a serem seguidas, sua construção e a organização da turma. Para Dayan:

A escola ativa supõe a colaboração no trabalho... As crianças poderão elaborar, assim, as leis e regras que vão regulamentar a disciplina escolar, escolher o governo que se encarregará dessas leis e, também, constituir um poder Judiciário que terá como função a repressão dos delitos.” (Parrat-Dayan, 2018, P. 74)

A autonomia e a democracia propostas por essa ação são essenciais para garantir o crescimento do estudante enquanto sujeito de direitos e deveres, pois é no desafio que crescemos. As informações surgem de maneira rápida no mundo atual e a sociedade se renova a cada geração trazendo para a escola estudantes com vivências totalmente diferentes de seu grupo de professores que por si só é heterogêneo devido à diferença de idade e a resistência às mudanças.

Além deste impulsionador a indisciplina também pode ser gerada pela má formação dos professores e por práticas pedagógicas e conteúdos inadequados e distantes da realidade da comunidade escolar. Surgem então os conflitos de geração e se o professor não souber lidar com essas diferenças a indisciplina facilmente adentrará a sala de aula e tornar-se-á cada vez mais difícil saná-la. Paulo Freire (1998, p. 83) nos traz que a “disciplina tem de ser construída e assumida pelos alunos” onde o professor exerce uma autoridade democrática, com atividades estimulantes e desafiadoras na busca de um conhecimento significativo.

Atingir padrões ideais na escola é um grande desafio e conquistar a disciplina é um objetivo provocante e um sonho dos professores. Por parte de alguns docentes a disciplina ainda é vista como uma sala silenciosa que apenas ouve o que está sendo ensinado, retomando-se a educação bancária de décadas atrás, embora hoje possa ser alcançada por um grupo ordenado que mantém o contrato didático feito no início do ano letivo e busca aprender justamente porque é estimulado a cumpri-lo.

A cada geração as crianças, adolescentes e jovens dominam mais as tecnologias e têm formas de pensar e agir que não correspondem ou fazem sentido aos mais velhos, inclusive seus pais; sendo assim sugere-se um olhar diferenciado para compreender as mudanças necessárias para a renovação da educação. Durante algum tempo, quando houve a revolução do construtivismo e algumas incompreensões de como proceder com uma educação mais autônoma e menos bancária, levantou-se o questionamento da importância do professor para a aquisição do conhecimento.

No período pré-pandemia se questionava a educação em um mundo digital, se perguntava se seria necessária a presença concreta do professor na sala de aula, na escola. Em um momento pós-pandemia, considerando a experiência do distanciamento social, ficou evidente quão importante é o professor para manter a organização e orientar o processo pedagógico, firmando contratos didáticos e “ensinando” os estudantes a aprender, a serem disciplinados, mediando esse processo.

Para Antunes (2019, p. 14), o professor precisa “aprender a ser um administrador de conversas, expositor de desafios, instigador de perguntas.” A aula pode se tornar mais interessante e próxima do estudante ao associar conceitos novos ao conhecimento prévio de mundo incentivando-os a gostar do espaço que ocupam em sala de aula e incitando-os a ter voz, defendendo seu ponto de vista ou retomando conceitos espontâneos que trazem de suas vivências.

O professor da atualidade deve buscar um equilíbrio para atender alunos diferentes e que vivem em contextos diversos, nativos de um mundo digital que exige cada vez mais competências emocionais. O imediatismo tão discutido e que traz tantos malefícios aos jovens hoje pode ser combatido através de projetos que ensinem o simples na escola, os hábitos *démodés*, esquecidos ou abafados pelo imediatismo. Antunes cita que a escola poderia trabalhar:

inovador projeto que ensinasse pais, professores, mas principalmente a alunos a aproveitarem seus momentos de lazer, mostrando-lhes, por exemplo: como se assiste um filme, como se joga jogos novos, como se explora a criatividade, como é possível envolver-se em campanhas que ajudam o outro, combatem o desperdício e protegem o meio ambiente e seus integrantes. (Antunes, 2019, P.21)

Hábitos simples que são esquecidos pelas famílias, devido à digitalização, à vida corrida, ao excesso de trabalho e informações digitais que podem acarretar a indisciplina escolar. Ideologias arraigadas no sujeito do mundo moderno, imerso em uma “correria” e na “frustração” tão comum dos dias atuais. O projeto citado por Antunes remete à recuperação de ideologias que foram fortes no passado quando as tecnologias não estavam tão presentes na sociedade e a vida social ainda acontecia de forma presencial sem o encurtamento das distâncias através do mundo digital.

Considerando o professor e sua participação fundamental na construção da disciplina em conjunto com seus alunos Antunes (2019, p. 23) considera que “professores mal preparados, que tiveram a coragem de assumir que precisavam aprender e, mais ainda, a disponibilidade de aceitar a ajuda e iniciar a caminhada para sua transformação”, podem trazer excelentes resultados e inspirar o progresso de seus estudantes bem como diminuir as diferenças existentes na escola através do bem comum que é a reflexão e construção do conhecimento.

O planejamento das aulas é um fator muito importante e decisivo para a manutenção do contrato didático e conseqüentemente da disciplina pois é no planejamento escolar que são observadas as atividades que despertarão os estudantes para a aprendizagem e pela busca do aprender, motivando-os a ir além do espaço escolar, numa perspectiva transdisciplinar. Estrela defende que:

... a inadequação dos fins propostos ou a falta de motivação dos alunos em os atingirem podem originar situações de frustração e de descontentamento que se expressam através da agressividade, da fuga ao trabalho ou da apatia... daí a importância da adequação do currículo às necessidades e interesses dos alunos, da planificação cuidada, da variação de estímulos e de *projectos* motivadores capazes de suscitar entusiasmo e de canalizarem a energia do grupo para a produção de trabalho e para a realização de níveis elevados de aspiração. (Estrela, P. 54,55)

Nesta perspectiva o professor precisa adequar-se às tecnologias enquanto o estudante precisa aprender a conviver sem a dependência delas, construindo uma relação saudável entre as tecnologias e os hábitos *démodé*, buscando um equilíbrio perfeito. O professor deve primar pela democracia em sala de aula, e para isso fazer combinados logo no início do ano letivo é fundamental. A criação de um contrato didático demonstra a atitude democrática do professor em relação a seus alunos.

A concepção da ideia de disciplina no espaço escolar inicia na construção do Projeto Político Pedagógico, documento elaborado com a participação de todos os segmentos da instituição conforme orienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁸, define a missão, visão e valores da escola, os projetos trabalhados durante o ano letivo, argumenta e embasa as avaliações escolares e tendências pedagógicas utilizadas, oportunizando diferentes caminhos para entender e aplicar o currículo escolar. Rebelo defende que:

⁸ Legislação que regulamenta o sistema educacional público e privado da educação no Brasil.

Construindo um projeto político pedagógico coerente com a realidade na qual ele está inserido, e que esse projeto seja mais do que um documento estático que sobreviva às diferentes diretrizes políticas e que reflita um currículo aberto a mudanças, revelando um compromisso para a conquista de homens livres. (Rebello, 2011, P. 83)

Além do Projeto Político Pedagógico a escola pode contribuir com um horário que alterne ciências humanas, exatas e linguagens, tornando a exposição e dinâmica dos componentes curriculares menos maçante e cansativa. Para Antunes (2019, p. 22) “o horário das aulas existe para atender necessidades qualitativas e interesses da aprendizagem”, promovendo a participação de todos e favorecendo o dinamismo das aulas oferecidas pela escola.

Se trabalhos de forma colaborativa, planejamento, projeto político pedagógico e horário escolar possibilitam que a disciplina aconteça como algo cotidiano na escola e não seja tratada como algo longínquo, rigoroso e chato. O estudante deve compreender e se apropriar de seu projeto de vida através da aprendizagem, tendo como via de entendimento a escola e se tornar um cidadão participativo através do convívio social e solidário com os demais.

Para Vasconcellos (2009, p. 242) “nossa tarefa, como autênticos educadores, não é gerar nota, mas aprendizagem (e desenvolvimento humano pleno)”, considerando as burocracias escolares, projetos, sequências didáticas, processos de planejamento e avaliação do processo de aprendizagem como identificadores de pontos a serem retomados e não como punição por atitudes inadequadas.

Dayan (2018, p. 75) afirma que “a democracia se transforma numa atitude cotidiana e o professor, com seu método, orienta... para que consigam elaborar seus próprios marcos de referência.” Assim buscaremos reconstruir a ideia de que a disciplina está ligada diretamente ao sucesso escolar demonstrando qual a definição de disciplina para os dias atuais e qual a atuação do estudante inspirado pelo professor para atingir o sucesso escolar e aproximar-se cada vez mais de seu projeto de vida.

2.3 Autoridade e Autoritarismo: indisciplina, incivilidade e atos infracionais

Na perspectiva educacional a autoridade se refere a uma obediência natural, que se dá através do respeito por algo ou alguém, ou pelo contrato didático democraticamente estabelecido enquanto por autoritarismo entende-se a obediência forçada, ou seja, imposta por

meios que obriguem o sujeito oprimido a render-se ao que lhe é imposto, no caso do ambiente escolar as avaliações e notas. Para definir com precisão o que seria a (in)disciplina com foco no professor inicialmente definir-se-ão o que são os atos de indisciplina, atos de incivilidade e atos infracionais gerados através da falta de autoridade e excesso de autoritarismo na instituição escolar.

Os atos de indisciplina, mais comuns entre adolescentes e jovens, se referem a quebra do contrato didático firmado no início das aulas em comum acordo entre professores e estudantes. Diz respeito à desordem causada pelo estudante indisciplinado a fim de atrapalhar o andamento da aula. São caracterizados pelos atritos decorrentes das rupturas nas relações pedagógicas entre alunos, professor e legislação educacional, o recorte (88) “Questionou o fato de ter recebido zero na prova, por não ter assinado-a. A professor (nome) cobrou, como combinado, assinatura no gabarito e folha de prova”⁹ ilustra um ato de indisciplina e quebra de uma regra imposta democraticamente.

Os atos de incivilidade se referem à quebra de um combinado social, acordo este que deve ser mantido na vida social do sujeito, em suas relações pessoais com os demais. Ele garante uma relação respeitosa e empática, e no ambiente escolar deve ser firmado entre o professor e os estudantes; a incivilidade acontece quando o estudante é desrespeitoso socialmente, usa palavras de baixo calão e perturba a ordem propositalmente no intuito de prejudicar algo ou alguém como se observa no dispositivo (65) “O estudante a destratou em sala de aula, pois a professora pediu para que ele não arrastasse a carteira, porém ele disse que não iria erguer”, fato ocorrido em 2017, que demonstra nitidamente um ato de incivilidade, desrespeito com o professor e com o bem público, a carteira.

Os atos infracionais dizem respeito aos desafios das regras impostas pelo Regimento Escolar e pela vida social, quando esses atos acontecem são necessárias intervenções extraescolares, de outras instituições, a fim de restituir a ordem ou realinhar o caminho escolar de determinado aluno. O ato infracional pode acontecer dentro da escola ou fora dela, quando ocorre o desrespeito às regras impostas na sociedade, por si só são mais graves, podem envolver violências verbais e físicas, como no exemplo de 2006 retirado do *corpus* desta pesquisa: (32)

⁹ Por questões metodológicas não citamos o nome do professor;

“O Conselho Tutelar foi chamado e a mãe do (nome) também foi chamada porque o pai do (nome) entrou na Diretoria e deu um tapa no (nome)”.¹⁰

O professor deve trabalhar de forma igualitária com todos os sujeitos da educação, valorizá-los de acordo com suas individualidades e observar o potencial de cada um utilizando-os a favor do processo de ensino-aprendizagem. Manter a organização da classe no desenvolvimento de atividades pedagógicas garantindo que os contratos didático e social sejam respeitados e promovendo que cada indivíduo seja responsável por sua disciplina.

Independentemente da situação enfrentada pelo professor faz-se necessário manter a calma e a serenidade e ter um perfil alegre e entusiasta; essa postura pode colaborar no combate aos focos da indisciplina, esteja ligado diretamente às questões individuais do aluno ou a quebra de regras previamente estabelecidas e acordadas. A postura do professor pode educar no silêncio, através das relações interpessoais entrelaçadas no espaço escolar.

A simplicidade e a objetividade são necessárias para que o docente se aproxime da realidade do estudante, sem perder sua postura de professor, mas aproximar-se a fim de atingir e compreender seus alunos. É importante que o professor use seu tom de voz natural, evite gritos, cuide de sua postura, que demonstre autoridade e firmeza, porém com ternura usando uma linguagem sem juízo de valor que perceba potencialidades ocultas ou omitidas.

O contato de uma criança com as redes sociais e a tecnologia à palma da mão traz conhecimento ampliado de mundo e uma série de informações que no passado demandavam horas de leitura e estudos, e ainda assim eram impensadas. De repente o professor precisa se adaptar às realidades ambientais e avaliar de maneira nova e diferenciada a formação de seus estudantes, não apenas em provas maçantes e teóricas, mas através de sua formação cotidiana, de sua autonomia e protagonismo enquanto ser de direitos.

Nesse contexto os papéis tradicionais do professor são colocados em xeque e ele, professor, formado na geração anterior, migrante digital, se defronta com uma nova realidade que exige dele ser um programador do currículo, adaptado às novas realidades, um profissional de quem o aluno não espera apenas ser depósito do conhecimento, mas se coloca como parte do processo de ensino, com autonomia, e o mundo atual exige isso dele; se obtém informações

¹⁰ Por questões metodológicas não citamos o nome dos estudantes.

na sua casa, nas rodas de conversa e nos espaços extraescolares que posteriormente são levadas para dentro da escola.

Assim forma-se um novo perfil de professor, onde o educador acomodado em seu conhecimento acumulado perde espaço para a um profissional dinâmico e interventor, que media com precisão projetos e sequências didáticas. Antunes (2015, p. 14) defende que o professor da atualidade, voltado para novas visões de ensino e aprendizagem precisa aprender “a ser um administrador de conversas, expositor de desafios, instigador de perguntas” a fim de “associar o conceito novo que traz aos conceitos espontâneos que o aluno tem”, possibilitando aos alunos associar seu conhecimento prévio de mundo aos componentes curriculares ensinados pela escola, tornando o aprender dinâmico e entusiasta.

Nesse novo formato de educação parece impossível desconsiderar os saberes prévios dos alunos, sua opinião, sugestões e fatos que são importantes e relevantes em suas vivências de mundo visto que são sujeitos ativos de sua aprendizagem em uma tendência educacional fortemente ligada a um professor mediador entre os componentes curriculares e a realidade social.

2.4 Papel da Família e Escola no desenvolvimento da Autonomia e Protagonismo Juvenil

O papel do sujeito na construção do seu conhecimento é fator importante para desenvolver a cidadania e construir um saber duradouro, qualificando efetivamente o estudante para o mundo trabalho e para as práticas sociais. A preparação para uma vida autônoma passa pela base de uma educação democrática, que seja alicerçada em valores morais, onde a autoridade do professor seja saudável e prime pela tolerância, respeito mútuo e participação coletiva, incentivando o protagonismo juvenil e a livre iniciativa do grupo.

Essa habilidade do profissional da educação em trabalhar como mediador do processo de aprendizagem exige do professor uma postura diferente e inovadora frente ao conhecimento, desmistificando o autoritarismo impregnado na ideia bancária oriunda de uma educação tradicionalista, para um professor que tenha autoridade para construir um contrato didático democrático e eficiente que privilegie ambos os lados, professor e estudante, e tenha pontos bem definidos a serem respeitados.

A escola deve assegurar a criação/ recriação do saber através da autonomia do estudante, tendo no professor um organizador do processo de ensino e aprendizagem e no estudante o protagonista desse processo estimulando não apenas a aquisição de conhecimento, mas as competências socioemocionais através de um desenvolvimento cognitivo e socioafetivo incentivando a participação efetiva da turma nas atividades escolares.

Com o desenvolvimento e prevalência das tecnologias em todos os setores da vida do ser humano os estudantes, crianças, jovens e adolescentes se apropriam de grande parte dos conhecimentos fora do espaço escolar, desse modo se observa a importância do aprender através de metodologias ativas, que exigem a transformação dos papéis do professor arcaico e tradicional para um professor mediador e voltado para metodologias ativas.

É visível a transformação da sociedade após o advento da tecnologia, mudanças surgem e frente a elas se encontram as famílias e as escolas, que necessitam se adaptar a novos conceitos, lidar com novas formas de ensinar e aprender e com crianças/ adolescentes/ jovens nativos digitais. Um dos grandes dilemas na atualidade é a indisciplina, e nem sempre a escola encontra a parceria necessária na família para a solução deste problema como se pode observar em alguns dispositivos analíticos desta pesquisa, como exemplo (43) “Convocou os pais dos alunos problemas através do Conselho Tutelar”.

A figura do ‘professor’ é desvalorizada dentro da própria família do estudante, quando os familiares criticam o professor e a escola de forma explícita, desvalorizam a necessidade dos estudos e a formação dos profissionais da educação. O salário do professor também é um motivo de piadas, o que inconscientemente, traz uma visão negativa das figuras professor/ escola.

O imediatismo proporcionado pelas novas tecnologias traz ao espaço familiar uma falsa ideia da necessidade do professor e da escola, o celular aproxima distâncias, porém afasta pessoas dentro de suas casas. A tecnologia se usada com parcimônia é extremamente útil, porém traz conhecimentos superficiais que são concretizados e fundamentados através do professor. Esse fato foi claramente exposto no período de aulas remotas em tempos de pandemia.

À família cabe a função de valorizar a instituição escola, demonstrando a importância social desta instituição e dos sujeitos envolvidos nela, visto que o espaço escolar é regido por regras e normas fundamentadas em uma gestão democrática, assim a família deve aliar-se a escola, tornando-a espaço de múltiplos saberes, onde a disciplina seja construída e vista como fundamental para toda a vida social e profissional do sujeito.

Como exemplos do impasse ocorrido entre a família e a escola podemos citar a agressividade geradora de violência no espaço escolar, o bullying, a evasão escolar e conseqüente repetência e o tema a ser tratado nesta pesquisa: a indisciplina composta por atos de incivildade e atos infracionais, que mais causam ocorrências escolares nas instituições de ensino.

O papel da família e o seu dever com a educação está explícito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1996, P. 01)

Enquanto sujeito de direitos a família tem a obrigação legal de primar pela educação de seus pupilos, porém considerando os dispositivos teóricos e analíticos expostos neste trabalho pode-se notar que existe o desânimo e a entrega desse direito de primar pela educação, considerando que em alguns casos a própria família abdica e ‘desiste’ dos seus como observamos nos fragmentos (44) “Pedimos aos pais dos alunos presentes que nos ajude enquanto os filhos ainda pode, não se aliar com os pais ausentes e filhos problemas” e (59) “A direção, após a fala da mãe de que não sabe o que fazer.”, ambos dispositivos analíticos retirados desta pesquisa. Vasconcellos discorre sobre a crise dos limites comportamentais,

Temos a crise dos próprios limites comportamentais. Os pais, desorientados em consequência da crise maior de valores, têm muita dificuldade em impor limites. Além disso, a crise é incentivada por um mercado alicerçado na exacerbação do consumo... Sem limites comportamentais bem definidos, as pessoas tendem a agir sob o impulso. (Vasconcellos, 2009, P. 68)

Nesse sentido o espaço de formação do ser humano acaba sendo influenciado pela informação imediata e apelativa do consumismo dificultando às famílias estabelecer limites no seio familiar, o que será refletido no espaço escolar pela quebra das regras pré-estabelecidas. O consumismo traz consigo o excesso de trabalho que por sua vez diminui o tempo de convivência familiar, embora amplie horizontes financeiros inviabiliza os tempos destinados à convivência com os filhos.

Isto vem a favor do discurso que demonstra que as famílias não estão preparadas para lidar com tantos problemas de indisciplina, na escola e fora dela, bem como não tem estrutura para identificar e buscar solução para esses problemas, pois não conseguem estabelecer regras no seio familiar devido à falta de tempo imposta pelo cotidiano acelerado e cheio de compromissos dos adultos.

A escola deve ser concebida como lugar para o encontro de diferentes culturas, buscando o diálogo entre os saberes e diversidades nela representados, porém ainda se observa que a escola e, arriscamos dizer, o corpo docente em grande parte está preparado e espera atender um modelo conservador de sociedade, que não existe, com estudantes que podem ser enquadrados no padrão proposto pelo Regimento Escolar. Assim o professor ainda tradicionalista entra em conflito com um estudante da era ‘digital’ e nesse cenário surgem os ‘indisciplinados’ ou ‘transgressores’ das regras a serem seguidas.

As urgências do mundo atual, falta de empregos, aumento da competitividade trazem aos estudantes uma falta de perspectiva em relação ao papel fundamental da escola, não enxergam horizontes melhores além do seu ‘diploma’, nesse sentido a escola tem sua função social desafiada e o professor, agente multiplicador dessa mensagem se vê ainda mais desafiado quando indagado pelo estudante.

A mensagem da nova função atribuída ao espaço escolar fica de difícil compreensão para o professor ‘assujeitado’ por uma educação tradicional, e como transmitir algo para a qual não foi formado? Eis aí um dos desafios e novos papéis atribuídos ao espaço escolar, mostrar que o projeto de vida perpassa o mercado de trabalho, porém o mundo atual exige um sujeito além dele, com competências socioemocionais, solidário, crítico e criativo.

A função social da escola se detém no saber que está diretamente relacionado com a mediação entre o sujeito que detém o saber, o professor, e o sujeito que busca o saber, o aluno. O saber transmitido pela escola é um conhecimento determinado socialmente, depende do momento histórico em que vive a sociedade e do que é considerado válido para sua transmissão.

Na escola de hoje são necessários conhecimentos que transmitam uma ação transformadora no mundo e que possibilitem o trabalho do professor como mediador nesse processo fazendo com que o aluno seja agente direto do conhecimento, vencendo os passos necessários para adquirir saberes e utilizá-los de maneira inteligente para si e para o próximo.

A transmissão de saberes e conteúdos de base como Língua Portuguesa e Matemática, são cultural e historicamente inerentes à escola, porém as funções política e econômica de preparar para a cidadania e mundo do trabalho constam no Projeto Político Pedagógico em sua missão, visão e valores. Nos cursos de educação profissional observa-se a função social de proporcionar oportunidades iguais para todos os integrantes do processo e gerar mão-de-obra especializada e conseqüentemente barata (devido a grande quantidade), trazendo a ideia de Althusser sobre a reprodução social idealizada nos aparelhos ideológicos do estado.

A educação baseada na sociologia de inspiração marxista nos traz a ideia da cultura de dominação, sendo assim, os currículos trarão para o espaço escolar esta realidade, transformando a escola em um aparelho ideológico do estado a serviço das classes dominantes, impondo conteúdos e formas de comunicação, tendo nas tendências pedagógicas meios para manter ou replicar ideologias.

No capítulo a seguir passaremos à análise dos discursos retirados dos livros de ocorrência escolar que representam atos de indisciplina, incivilidade e infracionais, bem como fragmentos que demonstram parcialmente a relação entre a escola e a família exposta nos acontecimentos discursivos.

3 ANÁLISE DOS DISCURSOS DE AUTORIDADE DOS ATOS DE (IN)DISCIPLINA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A disciplina, fator que instiga a curiosidade de todos os envolvidos no processo educacional, qualidade atribuída à perfeição e responsabilidade e virtude para se desenvolver ao longo da vida é o fator gerador desta pesquisa que será qualitativa e possuirá caráter bibliográfico, documental e de campo.

Inicialmente, com o objetivo de reunir dados e informações relevantes sobre o tema foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, através de levantamento referente ao tema pesquisado com a finalidade de observar de maneira crítica e reflexiva o olhar e a compreensão da indisciplina por diferentes autores que trabalham esta temática no contexto escolar.

A análise de registros da unidade escolar e dos livros de ocorrência fez-se necessária pois apontam situações envolvendo atos de indisciplina no período de 2004 a 2022, além destas

fez-se estudo do Projeto Político Pedagógico e do Regimento Escolar e as maneiras como a escola os construiu ou se apropriou dos mesmos; fez-se necessária a reflexão sobre os planejamentos de aula do corpo docente e como se relacionam com as tendências pedagógicas citadas no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar.

A análise de discurso de linha francesa e que tem como disseminadora no Brasil, Eni Pucinelli Orlandi, influenciada pelos estudos de Michel Pêcheux, constituirá a base teórica para análise de dispositivos teóricos retirados dos livros de ocorrências escolares, tendo o sujeito e sua ideologia captados através das pistas deixadas pela oralidade no registro escrito.

Utilizar-se-á como instrumentos para a pesquisa de campo e descritiva, a análise de textos e dispositivos analíticos a fim de rastrear o discurso da indisciplina e obter elementos para descrever os diferentes discursos decorrentes de atos (in)disciplinares no contexto escolar considerando que a “ideologia é um ritual com falhas” (Orlandi, 2020, p. 35) sujeita às formações discursivas dos sujeitos do discurso.

Observando as condições de produção dos dispositivos analíticos retirados dos livros de ocorrência escolar e sua relação com os modos de produção e condições ideológicas depreendem-se dois tipos de discurso como distingue Orlandi:

- a. **discurso autoritário:** aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor;
- b. **discurso polêmico:** aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos; (Orlandi, 2020, P. 85)

Os problemas de ensino e aprendizagem decorrentes da indisciplina escriturados possibilitarão compreender esse fenômeno e as novas configurações deste discurso ao longo dos anos, suas mudanças baseadas na evolução da sociedade, inclusive tecnológicas, nas formações discursivas das novas gerações e observando a definição de disciplina e indisciplina em diferentes contextos e momentos.

3.1 Análise de discurso de autoridade da instituição escola: indisciplina e punição sob a posição-sujeito do diretor, coordenador e professor

(02) “caso haja reincidência será punida conforme legislação em vigor.” (F. 01, 25/08/04, L.01)

(60) “Foi pedido para que a (nome) obedecesse aos professores, para o seu bem, a escola tem regras e devem ser cumpridas.” (F. 41, 21/09/2017, L. 04)¹¹

(90) “A coordenação pedagógica explicou a ele sobre o regimento e que a escola não é brincadeira.” (F. 65, 02/05/2019, L. 04)

(01) “A Direção desta escola no uso de suas atribuições resolve a bem da disciplina dar uma advertência à aluna do (turma, nome) por indisciplina com a Inspetora de alunos.” (F. 01, 25/08/04, L.01)¹²

(05) “A Direção da (nome da escola) no uso de suas atribuições legais resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 03 (três) dias.” (F. 04 13/09/2004, L. 01)¹³

(09) “Resolve a bem da disciplina dar uma advertência aos aluno (nomes) por estarem lendo revista pornográfica. Caso haja reincidência serão punidos.” (F. 07, 05/10/2004, L. 01)¹⁴

(13) “A Direção da escola no uso de suas atribuições legais registra que no dia 05/11/04 sexta-feira as alunas da turma (nome da turma, nome das alunas, período) reclamando da professora de (disciplina).” (F. 09, 05/11/2004, L. 01)¹⁵

(19) “a direção da escola no uso de suas atribuições legais deixa a transferência da aluna a disposição de seus pais. E a mesma levava suspensão de três dias por ofensas morais.” (F. 12, 05/04/2005, L. 01)

(21) “A Direção desta escola no uso de suas atribuições legais informa que os aparelhos celulares dos alunos da (turma, nomes). Os pais serão convocados para retirarem os aparelhos.” (F. 14, 03/05/2005 L. 01)¹⁶

(22) “resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 01 (um) dia por indisciplina na aula de (disciplina) (desenhou um carro e não quis parar a pedido da professora e não quis por o uniforme.” (F. 15, 13/05/2005, L. 01)¹⁷

(25) “Estavam jogando baralho e este foi apreendido pela Direção. O mesmo só será entregue ao pai ou responsável.” (F. 18, 06/09/2005)

(26) “o jogo de baralho é proibido pelo Regimento Interno, por ser um jogo de azar.” (F. 18, 06/09/2005)

(30) “em seguida ela foi até o portão e voltou novamente à janela, foi quando a professora (nome) pegou a prova da aluna (nome) e disse que iria resolver o problema se daria zero para as duas ou outra solução.” (F. 21, 2/12/2005, L. 01)¹⁸

(37) “resolve por bem da disciplina encaminhar o aluno (nome, turma, turno) para que o mesmo pegue sua transferência para outra escola visto que o mesmo já foi advertido verbalmente várias vezes e escrito, levando até a suspende-lo por três dias.” (F. 26, 19/09/2008, L. 02)¹⁹

¹¹ Por questões metodológicas não foi citado o nome do estudante;

¹² Por questões metodológicas não citamos o nome da turma e estudantes;

¹³ Por questões metodológicas não citamos o nome da escola;

¹⁴ Por questões metodológicas não citamos os nomes dos estudantes;

¹⁵ Por questões metodológicas não citamos o nome da turma, estudantes, período de aula e disciplina.

¹⁶ Por questões metodológicas não citamos o nome da turma e estudantes;

¹⁷ Por questões metodológicas não citamos o nome da disciplina;

¹⁸ Por questões metodológicas não citamos o nome do professor e estudante;

¹⁹ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante, turma e turno;

(48) “a mesma já fora advertida verbalmente várias vezes. A suspensão das aluna digo aulas será por 3 dias.” (F. 33, 24/06/2010, L. 02)

(49) “dar advertência para o aluno (nome), por não estar usando uniforme e (também faltando com respeito, e se vangloriando que não irá usar uniforme, que ninguém o obrigará).” (F. 34, 28/03/2011, L. 02)²⁰

(61) “caso a indisciplina persista, a aluna será suspensa de suas atividades escolares, por dois dias letivos, e posteriormente, transferência escolar.” (F. 41, 21/09/2017, L. 04)

(88) “Questionou o fato de ter recebido zero na prova, por não ter assinado-a. A professora (nome) cobrou, como combinado, assinatura no gabarito e folha de prova.” (F. 64, 15/04/2019, L. 04)²¹

(91) “registra-se a pedido do professor (nome) que as estudantes abaixo vieram à escola com shorts curto, em desacordo com o regimento escolar.” (F. 66, 22/05/2019, L. 04)²²

A autoridade da escola ao longo da história nem sempre foi tão questionada como está sendo na atualidade. Na perspectiva tradicional o ambiente acadêmico era visto como espaço de repressão das expressões individuais. O aluno era depositário dos saberes acumulados, sem participação expressiva no ato de aprender, era objeto de regras impostas pelas autoridades educacionais, direção, coordenação e professores.

As atribuições da direção escolar e demais membros da equipe pedagógica/administrativa e comunidade externa são legalizadas no espaço educacional através do regimento escolar e dos combinados entre a comunidade interna em duas assembleias gerais anuais conforme consta na legislação. Além do regimento, documento responsável por reger e assegurar a manutenção da disciplina no ambiente escolar em uma perspectiva democrática, cada professor deve firmar contratos didáticos com os estudantes a fim de manter a ordem e garantir que todos contribuam para a manutenção da disciplina nos espaços da sala de aula e da escola.

O regimento escolar, documento deliberativo e consultivo, prevê e estabelece os direitos e deveres de todos os profissionais da educação envolvidos no ambiente bem como do corpo discente, estabelecendo limites para que a engrenagem da instituição funcione de maneira coerente e saudável para todos. A “legislação em vigor” citada no discurso (02) se refere ao

²⁰ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante;

²¹ Por questões metodológicas não citamos o nome do professor;

²² Por questões metodológicas não citamos o nome do professor.

Regimento Escolar do ano em curso, no discurso (26) ele é citado como Regimento Interno pelos sujeitos do discurso.

Ao longo da história a autoridade foi constituída através da memória discursiva e considerando o contexto social ela se encontra inerente à organização dos espaços sociais e da sociedade. Por autoridade se entende “poder de tomar decisões e dar ordens; pessoa que tem esse poder” (Aulete, 2011, p. 90). O discurso de autoridade previsto na legislação que normatiza a educação reflete condições de produção históricas. O conceito de autoridade se constitui através dos efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos no contexto histórico.

No ambiente escolar a superioridade instituída se encontra no diretor escolar, o sujeito que está em condições de exercer a autoridade, ele é capaz de utilizar o Regimento Escolar para administrar a instituição e manter a ordem e a disciplina. A partir dessas definições e analisando as condições de produção do discurso do diretor pode-se depreender a relação de sentidos entre o seu discurso no ato de lavrar a ocorrência com os discursos previamente observados no Regimento Escolar.

Orlandi nos traz que ‘não há discurso que não se relacione com outros’, (Orlandi 2020, p. 37). Sua posição autoritária está embasada na autoridade que o regimento lhe confere, bem como de sua posição hierarquicamente mais alta no momento em que o ato de indisciplina acontece. Pela antecipação a posição sujeito do diretor/coordenador/professor pode se colocar no lugar do estudante ‘indisciplinado’ quando este ouve suas palavras no ato do discurso de ocorrência indisciplinar. Para Orlandi:

Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Esse espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor. (Orlandi, 2020, P. 37)

Nesse sentido o discurso do diretor ao embasar-se o Regimento Escolar acontece baseado na autoridade que lhe é conferida, o interlocutor utiliza-o como recurso para manter a disciplina e a ordem no espaço escolar, configurando uma concepção arcaica e autoritária de educação, o discente, ao narrar, tem no diretor um adversário absoluto, que poderá puni-lo conforme as regras.

Considerando a relação de forças existente entre os sujeitos envolvidos no discurso temos que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi 2020, p. 37). Sendo assim o diretor ao registrar uma ocorrência tem em suas palavras um significado diferente da fala do aluno, devido à relação hierarquizada, de força. Nesse sentido a fala do diretor, sustentada no poder, ‘vale’ mais que a fala do aluno.

Esse resquíio de ideologia da educação tradicionalista pode ser observado na posição-sujeito diretor em (01), (05), (13) e (21) onde se registra o ato de indisciplina iniciando por “A Direção desta escola no uso de suas atribuições legais”; ao utilizar frequentemente a letra maiúscula para iniciar o termo Direção, tornando o substantivo comum ‘diretor’ em um substantivo próprio ‘Diretor’, observa-se uma autoimposição de forma subjetiva e intencional ao usar a letra maiúscula de forma equivocada e conferindo autoridade à figura do diretor escolar.

A autoridade instituída historicamente pela figura do diretor, observada no uso da inicial maiúscula como sendo ele o detentor do poder e autoridade para as providências tomadas na unidade escolar e no ato daquele registro demonstra que a construção da posição-sujeito diretor está carregada ideologicamente de uma ideia imposta à sociedade, de um indivíduo detentor de poder, presente significativamente em uma concepção autoritária de educação.

O termo “a bem da disciplina” é utilizado nos discursos (01), (05), (09), (22) e (37), o que nos remete ao magistrocentrismo tradicional ainda resistente, colocando como ponto central a ação punitiva que é utilizada para manter a disciplina no ambiente remetendo-nos a uma educação tradicional que segue regras e normas, como se a disciplina imposta fosse benéfica para os envolvidos e para o espaço escolar, moldando-os em corpos dóceis como nos traz Foucault.

Sabe-se que a disciplina é importante para qualquer etapa da vida. O ser humano, para buscar o sucesso, traçar metas e atingir objetivos, deve ser disciplinado, sendo assim a escola deve ter o papel de educar para a autonomia, tendo na disciplina um alicerce para uma vida organizada e conseqüentemente feliz, não tendo apenas o cumprimento de regras, mas como uma condição para que objetivos individuais e coletivos sejam alcançados não só no espaço escolar, mas durante toda as vivências da jornada.

Nessa perspectiva menos autoritária do termo disciplina o professor deixa de ser o transmissor direto do saber e passa a atuar como mediador e transformador da sala de aula,

motivador da autodisciplina, em um ambiente organizado e respeitoso onde se reflita o processo de ensino-aprendizagem, tendo no estudante não apenas um repetidor de informações, mas um sujeito de participação ativa e livre, autônomo.

No dispositivo teórico (22) pode se esquadrihar o fato de um sujeito professor que valoriza a repetição e tem sua didática ainda impregnada pelo autoritarismo, possivelmente resquício do ‘pequeno teatro teórico’ a qual foi assujeitado. O discurso “(desenhou um carro e não quis parar a pedido da professora)” reflete o sujeito estudante que nesse momento, ao desenhar e não realizar a atividade proposta desafiou a autoridade do professor, embora o mesmo tenha pedido que se voltasse à atividade apresentada em sala e este não o quis.

Sugere-se que seja construído coletivamente um contrato didático que contemple as prioridades educativas de professores e estudantes evitando confrontos dessa natureza, trazendo o respeito à sala de aula, incentivando inteligências múltiplas e a conscientização da organização independentemente da cobrança de algo ou alguém, mas que brote da própria vontade e compromisso do estudante consigo mesmo.

O discurso (90) “A coordenação pedagógica explicou a ele sobre o regimento e que a escola não é brincadeira.” onde consta “a escola não é brincadeira” traz à tona a ideia de que os estudantes no momento histórico estão com concepções ideologicamente diferentes de seus professores, aqui fica explícito o conflito de gerações entre docentes e discentes, a escola impregnada por autoridade/autoritarismo se confronta com um estudante nativo digital e ansioso por participar da construção de seu conhecimento.

A atitude ‘indisciplinada’ traz uma aparência ao professor de que o estudante tem o espaço escolar como uma brincadeira, o professor não consegue perceber que a visão de mundo do estudante é diferente da que ele, professor, foi assujeitado, trazendo para o educador sensação de saudosismo. Orlandi, baseada nos estudos de Pechêux, possibilita através da análise de discurso entender nesse cenário que professor e estudante foram sujeitos de “Pequenos Teatros Teóricos” diferentes.

O ‘assujeitamento’ do profissional da educação nos seus tempos de escola tem uma ideologia e perspectiva tradicional, em um passado recente a importância da educação foi modificando seu sentido, a escola foi ficando achatada em uma sociedade imediatista, que valoriza a informação rápida, e na grande maioria das vezes o professor não foi preparado para essas mudanças tão repentinas.

Nessa ideologia do Consumismo Imediato e das Redes Sociais é que o estudante foi ‘assujeitado’ e chegando à escola encontrou o professor, ‘assujeitado’ em outra perspectiva e nesse cenário surge o conflito de gerações. Os discursos (22) “e não quis por o uniforme” e (49) “se vangloriando que não irá usar uniforme, que ninguém o obrigará”, trazem a perda de autoridade do espaço escolar como algo gradativo e imposto pela modernidade. O estudante não consegue perceber que a regra é benéfica para ele e possibilitará a adequação a outros espaços em um futuro próximo.

O uso do uniforme inicialmente acontece no ambiente escolar, porém será comum e necessário nos espaços de trabalho e social, quando assim for imposto, portanto o fato de não querer utilizar o uniforme escolar é uma resistência que será quebrada na primeira exigência feita pelo mundo adulto. O que era considerado correto e essencial no tempo de estudos do professor não tem o mesmo valor nos tempos do estudante.

A instituição escola perde sua característica de chefia autoritária e imaculada e deve adequar-se aos novos tempos trazendo uma autoridade compartilhada entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem transformando o antiquado discurso autoritário da disciplina em um discurso polêmico que dê voz a todos os sujeitos envolvidos no processo. O que dificulta essa parceria é o olhar que os sujeitos pais/responsáveis têm da escola, sabe-se que há exceções, porém os conflitos surgem em sua maioria nessa margem, famílias que destituem a autoridade que deveria ser atribuída à escola ou se esquivam da autoridade que deve iniciar no seio familiar e ser complementada no espaço escolar.

Por interdiscurso temos as ideologias que permeiam o ambiente escolar e que são observadas na não transparência dos dispositivos teóricos apresentados e estudados. No interdiscurso dos fragmentos percebe-se a memória ideológica que envolve o sujeito diretor/professor explícita fortemente no discurso (30) “em seguida ela foi até o portão e voltou novamente à janela, foi quando a professora (nome) pegou a prova da aluna (nome) e disse que iria resolver o problema se avaliaria novamente, atribuiria zero para as duas ou outra solução”.

Não é citado o regimento escolar ou um contrato didático previamente acordado entre os pares, demonstrando com o ato de indisciplina a quebra de um combinado, mas a figura do professor, isoladamente, resolveria a questão, tratada aqui como um ‘problema’, a professora, na fala relatada, se coloca como detentora do poder quando afirma que iria resolver se daria

nota zero ou outra solução. A subjetividade desliza nas palavras utilizadas demonstrando nitidamente o autoritarismo do professor frente ao estudante.

Ao retomar um sentido preexistente de sua própria formação escolar, o sujeito professor observado no dispositivo analítico (30) “...a professora (nome) pegou a prova da aluna (nome) e disse que iria resolver o problema se daria zero para as duas ou outra solução”²³ retoma ideologias de sua própria formação que para voltarem a surgir, inicialmente foram esquecidas, considerando o esquecimento tratado na análise de discurso, as repressões de seu passado agora ressurgem em novos discursos autoritários, impossibilitando a evolução da educação autoritária para uma perspectiva de educação transformadora.

Considerando que a indisciplina pode ser classificada em: atos de indisciplina (falta ou quebra de um contrato didático entre professor e estudantes), atos de incivilidade (quebra do contrato social com os demais sujeitos) e infracionais (violências) pode-se classificar alguns dispositivos teóricos distribuídos entre os fragmentos de discursos descritos no item 3.2, definindo-os na concretude e com exemplos reais ocorridos no ambiente escolar.

Por ato de indisciplina entende-se a quebra do contrato didático firmado entre professores e estudantes, preferencialmente no início do ano letivo, o ato de incivilidade refere-se a quebra de um contrato social e a falta de respeito com os pares, o ato infracional vai além da quebra desses contratos didático e social, leva em conta afronta ou ofensa à moral, violência física ou verbal e transgridem regras previamente impostas pela legislação, fazendo-se necessárias intervenções de instituições exteriores à escola, estão acima do Regimento Escolar, sendo assim, devem ser resolvidas pelas instituições maiores e parceiras, polícia militar, Conselho Tutelar entre outros.

No discurso (09) “por estarem lendo revista pornográfica”, os estudantes cometem uma ato de incivilidade, trazem um objeto totalmente inadequado ao espaço escolar, em desacordo com sua idade e fazem uso na sala de aula, sendo assim são advertidos conforme o regimento escolar e informados de foram subjetiva, visto que não fica claro no registro a punição aplicada em caso de reincidência do fato.

O discurso (17) “trouxe até a direção um celular marca Siemens de uma aluna que estava brincando dentro da sala de aula”, o fragmento foi retirado no espaço tempo de 2005, se

²³ Por questões metodológicas não citamos o nome da professora e da estudante.

considerada a disseminação do uso de celular nessa época, o mesmo ainda era escasso e pouco frequente entre estudantes menores, o fato de utilizá-lo no espaço escolar, incomum para a época, se configurava como algo grave e passível de punição. Considerando a contemporaneidade e evolução da tecnologia, com o telefone celular muito popular e um acessório necessário à vivência humana, o uso do aparelho passa a ser útil na escola, desde que de acordo com o contrato didático firmado em sala, limitando seu uso e para fins pedagógicos.

O celular, na primeira década do século, por ser um objeto considerado supérfluo, transgredia regras, assim o ato de utilizá-lo era enquadrado como um ato de incivilidade; após o advento da tecnologia e a popularização da telefonia móvel a escola passou a se readequar e a buscar formas de utilizá-lo a favor da educação, e para o professor coube o papel de se reciclar e buscar meios de inseri-lo dentro do seu planejamento. Eis aí um exemplo da evolução e mudanças de ideologia em uma sociedade.

A materialidade contida no fragmento (88) “Questionou o fato de ter recebido zero na prova, por não ter assinado-a. A professora (nome) cobrou, como combinado, assinatura no gabarito e folha de prova”²⁴ reflete claramente que existia um combinado prévio entre professor e estudante, porém o estudante o desrespeitou e, portanto a nota a ele atribuída estava condizente com o correto, zero; fica nítido que a professora estava ciente da decisão tomada quando observamos o verbo “cobrou”, ela afirma que “cobrou, como combinado”, ou seja, ela, ao firmar o contrato didático com a turma tem autonomia para exigir o cumprimento do que foi acordado por todos.

No espaço escolar o Regimento Interno e as resoluções que compõem a legislação normatizando regras e normas formam a autoridade constituída, onde a figura do diretor e do coordenador e demais profissionais da educação buscam organizar e manter a disciplina no espaço escolar, não de maneira impositiva, mas positiva, ensinando que a disciplina é uma virtude para a vida.

O sujeito diretor, coordenador, inspetor, figuras que aparecem com frequência na materialidade das ocorrências escolares compõem a autoridade instituída na escola, estão ocupando cargos e funções temporariamente e para tanto estão instituídos de autoridade para resolver e aplicar penalidades conforme a necessidade de cada situação.

²⁴ Por questões metodológicas não foi citado o nome da professora.

Nos fragmentos (01) "A Direção desta escola no uso de suas atribuições resolve a bem da disciplina", (09) "Resolve a bem da disciplina dar uma advertência aos aluno" e (49) "dar advertência para o aluno" o sujeito aluno é advertido pela autoridade instituída conforme o Regimento Escolar, citando sempre no texto escrito 'a bem da disciplina', como se ela dependesse exclusivamente de uma repressão para ser assegurada no ambiente acadêmico.

Nos recortes (05) "resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 03 (três) dias", (37) "o mesmo já foi advertido verbalmente várias vezes e escrito, levando até a suspendê-lo por três dias", (48) "a mesma já foi advertida verbalmente várias vezes. A suspensão... das aulas será por 3 dias" e (61) "caso a indisciplina persista, a aluna será suspensa de suas atividades escolares, por dois dias letivos" onde é aplicada pena de suspensão observa-se que os estudantes envolvidos em ocorrências escolares infringiram repetidamente o regimento escolar ou cometeram infrações graves que embasam a aplicação de suspensão escolar, no caso, afrontam o sistema imposto pela legislação repetidamente.

No recorte (37) nota-se que o estudante foi advertido repetidas vezes e portanto é solicitado que seja transferido como segue o trecho "para que o mesmo pegue sua transferência para outra escola visto que o mesmo já foi advertido verbalmente várias vezes e escrito, levando até a suspendê-lo por três dias", pode-se depreender que a autoridade instituída (sujeito do discurso) utilizou a autoridade constituída (legislação) a fim de reestabelecer a ordem, advertindo-o verbalmente, na sequência advertiu-o por escrito, suspendeu-o e após tentativas frustradas transferiu compulsoriamente o sujeito estudante. Nesse sentido a pena de transferência funciona como um castigo, embora ao transferi-lo passa o problema de um ambiente escolar para outro.

Além do recorte (37) que culmina com a transferência compulsória o mesmo acontece na materialidade do fragmento (19), onde a transferência compulsória é anunciada por um eufemismo²⁵ 'deixa a transferência a disposição', ressalta-se que a transferência compulsória é a última punição prevista no regimento escolar, quando a instituição através das autoridades instituídas e da constituída tenta repetidamente de forma frustrada, readequar o comportamento de determinado estudante.

No espaço tempo entre as ocorrências de 2004 a 2022, a materialidade registrada apresenta as mesmas questões, porém observa-se que o nível de gravidade considerado vai se

²⁵ Eufemismo: Figura de linguagem que suaviza o sentido desagradável de uma expressão.

alterando. Isso se dá devido o deslocamento de sentido existente entre os discursos registrados, enquanto o tempo passa e a sociedade evolui o conflito entre gerações aumenta ampliando a ocorrência de fatos de maior gravidade. Esse fato se dá devido a ideologia constituída em cada tempo e espaço temporal onde a sociedade se desenvolve, nas crenças e valores replicados em cada geração.

Os fragmentos (60) onde consta “a escola tem regras e devem ser cumpridas” e (90) “a escola não é brincadeira”, ambas concretizadas pela gestão escolar, respectivamente dos anos de 2017 e 2019 demonstram que ocorre o deslocamento das ideias e ideologia contidas no discurso e a falta de conscientização dos estudantes de que a disciplina é benéfica para a vida. Por deslocamento se entende a mudança de sentidos e ideologias, algo antes inadmissível como pensar a educação como fator desimportante, hoje, para alguns, é um fato corriqueiro e pode ser comprovado com uso do celular no espaço escolar.

Percebe-se que nesse espaço-tempo os estudantes, como demonstram os fragmentos, estão desacreditados da instituição escola e da autoridade constituída que a legaliza enquanto a própria instituição escolar tenta se adequar a uma nova maneira de entender e tratar a disciplina, o que pode ser comprovado nos demais dispositivos analíticos observados à frente.

3.2 Análise de discurso da indisciplina considerando a transferência da autoridade familiar para a instituição escola/ conselho tutelar

(39) “Foi comunicada por telefone para comparecer até a escola e disse que não viria e que deixaria o filho sem estudar já que não sabia o que fazer com o mesmo.” (F. 26, 19/09/2008, L. 02)

(43) “Convocou os pais dos alunos problemas através do Conselho Tutelar.” (F. 30, 21/09/2009, L. 02)

(75) “Pois o pai que assinou a matrícula não está acompanhando a vida escolar do filho.” (F. 53, 28/04/2018, L. 04)

(16) “A Direção desta escola no uso de suas atribuições legais resolve a bem da disciplina convocar a avó responsável do aluno (nome) por indisciplina (diz palavrões e não atende ao chamado da professora e nem da direção).” (F. 11, 03/03/2005, L. 01)²⁶

(36) “Ficando claro que só entrarão na sala se os pais ou responsáveis vierem tomar ciência da atitude.” (F. 25, 16/05/2007, L. 02)

²⁶ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante;

(38) “Observando que a mãe sempre foi comunicada de tais atos inclusive o convite para que fosse transferido para outra escola.” (F. 26, 19/09/2008, L. 02)

(44) “Pedimos aos pais dos alunos presentes que nos ajude enquanto os filhos ainda pode, não se aliar com os pais ausentes e filhos problemas. Somente atendeu ao chamamento da escola os pais ou responsáveis dos seguintes alunos:” (F. 30, 21/09/2009, L. 02)

(45) “sem contar que os pais ou responsáveis não vieram em uma reunião do qual foram convocados.” (F. 31, 29/09/2009, L. 02)

(53) “a direção tentou se comunicar com a família do estudante no telefone (número) que consta no prontuário do estudante mas não conseguiu comunicação. A direção relatou os fatos ao conselheiro tutelar.” (F. 36, 24/04/2012, L. 03)²⁷

(54) “a escola tentou contato com a mãe da estudante, (nome), mas não o obteve, então continuaremos tentando contactá-la.” (F. 37, 18/05/2012, L. 03)²⁸

(59) “A direção, após a fala da mãe de que não sabe o que fazer..” (F. 40, 01/08/2012, L. 03)

(73) “Não tem comprometimento com os estudos. O estudante (nome) está sob responsabilidade do abrigo para menores.” (F. 51, 19/06/2018, L. 04)²⁹

São atribuídas à instituição escolar inúmeros papéis, muitos deles, na contemporaneidade, confundidos com a função atribuída à família, ao longo do tempo e instalação do imediatismo na vida cotidiana atribuiu-se forçadamente à escola responsabilidades que não lhe pertencem. A instituição escolar, somando mais uma atribuição, além de todas que lhe são conferidas, na atualidade, precisa compreender as múltiplas mudanças que vem acontecendo na sociedade e por sua vez, recaem na escola. As relações de amizade e respeito à figura do professor apresentam diferenças consideráveis, um abismo entre uma tendência pedagógica antiquada e outra moderna e isso se tornou difícil para a compreensão dos profissionais da educação.

Os valores de natureza moral costumeiramente devem ser passados pela família, porém no intradiscursos (ideologias pré-estabelecidas nas condições em que se produz o discurso) dos fragmentos analisados se encontram, como a qualquer tempo, variando apenas em número, famílias dilaceradas pelo imediatismo ou por novas configurações, sem tempo para acompanhar a vida escolar dos menores, o que faz com que o núcleo familiar acabe transferindo sua

²⁷ Por questões metodológicas não citamos o número de telefone contido na ocorrência escolar;

²⁸ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante;

²⁹ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante.

responsabilidade para a escola ou outras instituições considerando a análise temporal dos fragmentos pesquisados.

Não estamos defendendo a ideia de que apenas neste momento histórico as famílias perderam sua autoridade sobre os pupilos, porém a possibilidade de dissolução do casamento com a Lei do Divórcio³⁰ na década de 1970 e o gradual amadurecimento necessário para a aceitação e entendimento da sociedade com relação a ela favoreceram o surgimento de atos de indisciplina antes incomuns e esporádicos. Situações novas que causam estranheza enquanto passam por um período de maturação de uma nova ideologia na sociedade.

Os discursos (39) “disse que não viria e que deixaria o filho sem estudar já que não sabia o que fazer com o mesmo” permite analisar que a família se encontra perdida com relação à autoridade perante seus filhos, assumindo frente à escola que não sabem o que fazer. O discurso (43) “convocou os pais dos alunos problemas através do Conselho Tutelar” nos permite compreender que se faz necessária a intervenção de outras instituições na tentativa de manter a ordem e disciplina na família, o estudante é taxado como um problema a ser resolvido fora da escola, pois não se encontra solução no âmbito escolar.

O período é marcado por grandes e desafiadoras mudanças onde adolescentes buscam autoafirmação através da indisciplina escolar, nos últimos 50 anos acontece a substituição gradativa da tendência pedagógica tradicionalista por uma linha transformadora e participativa, novas configurações familiares são propostas devido a Lei do Divórcio, é promulgada a Lei 8069, Estatuto da Criança e do Adolescente e junto a ela é criado o Conselho Tutelar³¹, é sancionada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³² que disciplina a educação escolar e paralelamente a esses acontecimentos e mudanças sociais a era digital se instala na sociedade.

Sendo assim a escola encontra dificuldade em exercer seu papel de ensinar visto que a própria família se esquivava de seu primeiro compromisso com a criança/ adolescente e na

³⁰ Lei do Divórcio: Lei 6.515 de 26 de dezembro de 1977, possibilitou a dissolução do casamento oficial no Brasil, foi bastante discutida anteriormente a sua aprovação pois acarretaria grandes mudanças sociais.

³¹ Conselho Tutelar: Órgão permanente e autônomo, criado de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069 de 13 de julho de 1990;

³² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: suas origens remontam a Assembleia Constituinte de 1934; a atual LDB é datada de 20 de dezembro de 1996 e disciplina a educação escolar no Brasil;

primeira dificuldade desiste repassando-o a outras instituições quando se sente incapaz ou desmotivada para resolvê-los, nessa configuração surge a figura do Conselho Tutelar conforme explicitamente observado nos fragmentos (43) “Convocou os pais dos alunos problemas através do Conselho Tutelar” e (53) “a direção tentou se comunicar com a família do estudante no telefone (número) que consta no prontuário do estudante mas não conseguiu comunicação. A direção relatou os fatos ao conselheiro tutelar”³³.

A escola sentindo-se achatada diante desses novos enfrentamentos impostos pela sociedade moderna e que se afasta cada vez mais de uma educação tradicionalista, embora tenha um corpo docente ainda ‘assujeitado’ pelo modelo tradicional pede ajuda como podemos notar explicitamente no discurso (44) “Pedimos aos pais dos alunos presentes que nos ajude enquanto os filhos ainda pode, não se aliar com os pais ausentes e filhos problemas.”. Nessa fala a escola assume a responsabilidade dos ‘problemas’, embora não se saiba com exatidão se a origem desse problema está no seio escolar.

A instituição escolar não se refere apenas ao estudante ‘problema’, mas subjetivamente já os nomeia como filho problema considerando que a própria família se esquivava de sua responsabilidade na educação abandonando-a solitariamente nesse processo. Nesse cenário de transição e adaptação é nítida a necessidade de a escola buscar meios urgentes para resgatar estudantes que não compartilham as mesmas ideologias e necessidades que a escola tradicionalista poderia oferecer e para a qual as unidades escolares e suas equipes não estão preparadas, como visto no fragmento acima, tomam para si algo que não nasce no seio do ambiente escolar.

Da mesma forma se observam pais ausentes da vida escolar de seu filho, o que se reflete claramente no rendimento escolar como os discursos (39) “Foi comunicada por telefone para comparecer até a escola e disse que não viria e que deixaria o filho sem estudar já que não sabia o que fazer com o mesmo” e o discurso (75) “Pois o pai que assinou a matrícula não está acompanhando a vida escolar do filho”.

Os dispositivos analíticos (43) e (44) citados anteriormente, trazem explícitos respectivamente os termos ‘alunos problema’ e ‘filhos problemas’, o estudante objeto dessa nomeação, com dificuldades em seguir regras, possivelmente foi criado em um pequeno teatro teórico desorganizado, sem exemplos concretos, chega a uma instituição que é regida e

³³ Por questões metodológicas o número de telefone não foi citado.

organizada por legislação específica, não consegue se adequar, e como reação limite assina ocorrências e é taxado como um problema, para sua família e para a escola.

Sendo um problema a família abdica de sua autoridade constituída (natural) enquanto núcleo familiar o que pode ser observado no dispositivo (39), a família afirma que deixará o filho sem estudar, como se o fato de não estudar para o adolescente fosse um castigo, o que não é pois propositalmente apresenta atos de indisciplina para evadir-se do ambiente escolar e no dispositivo (59) a família afirma ‘não sabe o que fazer’, o núcleo familiar não encontra alternativas para ajudar o estudante.

O excesso de informações, a facilidade de acesso para melhor qualidade de vida e aquisição de bens materiais distanciaram pessoas, bem como o fato de pais-solo que com o aumento do número de divórcios após a sanção da lei em 1977 não souberam lidar com o fato de criar filhos de forma compartilhada ou sozinhos, nos fragmentos (38) “Observando que a mãe sempre foi comunicada de tais atos inclusive o convite para que fosse transferido para outra escola” e (54) “a escola tentou contato com a mãe da estudante, (nome), mas não o obteve, então continuaremos tentando contactá-la”.³⁴ A escola cita apenas a mãe, apagando qualquer outra figura parental que fosse responsável pelo estudante; no fragmento (75) “Pois o pai que assinou a matrícula não está acompanhando a vida escolar do filho” a situação se inverte e apenas o pai é citado, apagando qualquer outro sujeito responsável, e no fragmento (16) “resolve a bem da disciplina convocar a avó responsável do aluno”, que possivelmente está respondendo legalmente pelo sujeito aluno do discurso, na ausência das figuras materna e paterna.

Para Vasconcelos (2009, p. 203) “aspecto fundamental da família é o desenvolvimento de valores. Neste sentido, a tarefa de ajudar o filho a desenvolver um projeto de vida é imprescindível”, independentemente de formatos familiares específicos, o vínculo familiar e a segurança trazida por ele tornam o estudante seguro e confiante para os enfrentamentos da vida cidadã, experimentados através da experiência escolar.

O discurso (39) “disse que não viria e que deixaria o filho sem estudar” e discurso (59) “A direção, após a fala da mãe de que não sabe o que fazer” nos permite compreender que a família vem se esquivando de uma de suas tarefas essenciais, incentivar suas crianças e

³⁴ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante.

adolescentes para a realização de seu projeto de vida, pelo desejo de buscar um futuro promissor, responsável e comprometido com um futuro melhor.

O advento da tecnologia, um novo formato familiar combinado com o excesso de informações, encurtamento virtual de distâncias e as exigências financeiras do mundo capitalista trouxeram consigo a limitação de tempo de qualidade da família com um todo. Após a sanção da Lei do Divórcio que regulamentou a dissolução do casamento junto com as novas tendências liberais contemporâneas e o imediatismo trazido pelas novas tecnologias criou um cenário que favoreceu a perda de credibilidade da figura da família e do espaço escolar, porém lentamente tende a melhorar com a maturação das novas ideologias presentes na sociedade.

3.3 Análise de discurso da compreensão do termo indisciplina no ambiente escolar sob o olhar da posição-sujeito aluno

(07) “por indisciplina na sala de aula (colocar LIXEIRA em cima da porta para cair na cabeça) caso haja reincidência será punido conforme a legislação em vigor.” (F. 05, 14/09/2004, L. 01)

(42) “Advertir por jogarem casca de banana e uma colher nos ventiladores da sala onde estudam.” (F. 29, 16/09/2009, L. 02)

(50) “por estarem matando aula constantemente e não estar participando das atividades realizadas em classe o que resultou em notas abaixo da média.” (F. 35, 27/10/2011, L. 02)

(66) “a professora (nome) expôs para a mãe que o filho fica provocando o professor, irrita, atrapalha a aula, bagunça, não usa o uniforme na escola, não obedece, que o estudante prejudica o andamento da aula.” (F. 45, 05/04/2018, L. 04)³⁵

(87) “não cumprimento de atividades enviadas para serem feitas em casa e consequente apresentação de notas extremamente baixas nas avaliações.” (F. 63, 08/04/2019, L. 04)

(03) "Indisciplina (baixar as calças do colega). Caso haja reincidência serão punidos." (F.02, 02/09/04, L.01)

(04) “Indisciplina (chutou a bola de vôlei) caso haja reincidência será punido.” (F. 03, 03/09/04 L.01)

(06) “Indisciplina reincidente várias vezes (aula de (disciplina)) fazia trabalhos de matemática.” (F. 04 13/09/2004, L. 01)³⁶

(17) “A professora (nome) trouxe até a direção um celular marca Siemens de uma aluna que estava brincando dentro da sala de aula, devido as normas da Assembléia Geral o celular só pode ser entregue ao pai ou a mãe do aluno.” (F. 12, 05/04/2005, L. 01)³⁷

³⁵ Por questões metodológicas não citamos o nome do professor;

³⁶ Por questões metodológicas não citamos o nome da disciplina;

³⁷ Por questões metodológicas não citamos o nome do professor;

- (23) “Indisciplina (sair com frequência da escola sem autorização e ‘bater de frente’ com a inspetora.” (F. 16, 04/08/2005, L. 01)
- (24) “Resolve advertir os alunos por desordem e por quebrarem o lixeiro na sala de aula.” (F. 17, 05/09/2005, L. 01)
- (29) “a aluna (nome) havia terminado a prova e estava passando cola pela janela, onde a inspetora de aluno (nome) a repreendeu dizendo ‘Psiu’ não pode ficar na janela passando cola.” (F. 21, 2/12/2005, L. 01)³⁸
- (31) “por indisciplina (disse que chutou a aluna (nome) sem intenção de machucá-la e isto aconteceu levemente).” (F. 22, 06/03/2006, L. 01)³⁹
- (40) “motivo: os dois alunos brigaram durante o intervalo, briga que surgiu de discussões já ocorridas fora da escola, através de recadinhos.” (F. 27, 23/03/2009, L. 02)
- (41) “Por estar praticando atos indisciplinares na escola. Fato acontecido na hora do intervalo (fez xixi em uma vasilha e jogou no amigo).” (F. 28, 1/06/2009, L. 02)
- (52) “O referido aluno não quer estudar influenciando os outros estudantes.” (F. 35, 27/10/2011, L. 02)
- (56) “o pátio estava sendo lavado pelas funcionárias e o estudante que estava andando pelo meio do pátio respondeu às mesmas com desrespeito e arrogância.” (F. 38, 20/06/2012, L. 03)
- (57) “Ele não faz as atividades em classe, pratica bullying o que está refletindo em seu boletim, ensino-aprendizagem, além das atitudes de indisciplinas.” (F. 39, 01/08/2012, L. 03)
- (58) “O estudante põe os pés na carteira e responde aos professores que não fará as atividades, além do desrespeito para com os mesmos.” (F. 40, 01/08/2012, L. 03)
- (62) “queria que a professora não passasse mais conteúdos e queria usar o celular para fotografar o conteúdo que havia perdido, fato negado pela professora.” (F. 42, 26/09/2017, L. 04)
- (67) “também usa palavras de baixo calão dentro da sala que tem alunos dentro da faixa etária e este estudante está com distorção idade/ano.” (F. 45, 05/04/2018, L. 04)
- (70) “Estavam se cortando com uma gilete dentro da sala de aula.” (F. 48, 19/04/2018, L. 04)
- (72) “e na questão de nº 01 escreveu: ‘Que prova lixo.’” (F. 50, 06/06/2018, L. 04)
- (74) “Quando a professora fala com eles, são respondão, mal-educados, não obedecem, atrapalhando a aula.” (F. 52, 03/07/2018, L. 04)
- (78) “chama ele de orelha de ‘bater-bolo’.” (F. 56, 26/09/2018, L. 04)
- (79) “chama de grávida e porca. Começou ontem e continuou hoje.” (F. 57, 14/11/2018, L. 04)
- (82) “Ter trazido para a escola bombinhas (estalos explosivos) e estar jogando no saguão.” (F. 60, 08/03/2019, L. 04)
- (86) “Utilizou um aplicativo para ligar o ar condicionado da sala sem nenhuma autorização.” (F. 62, 01/04/2019, L. 04)

³⁸ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante e inspetor;

³⁹ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante.

(92) “da estudante (nome), que ficou nervosa, e ao sair da sala de aula, chutou a porta, amassando a mesma.” (F. 67, 30/05/2019, L. 04)⁴⁰

(93) “o estudante (nome, turma) estava na sala de aula com uma ‘caneta narguili’ e que segundo ele nem foi usado na escola.” (F. 68, 03/06/2019, L. 04)⁴¹

Para definir a indisciplina sob o olhar do sujeito aluno essencialmente é faz-se necessário retomar o conceito de atos de indisciplina, atos de incivilidade e atos infracionais. Por atos de indisciplina entende-se o desrespeito às normas e regras estabelecidas democraticamente entre os atores da aprendizagem, professor e estudantes, não consiste em atos violentos; atos de incivilidade são aqueles que desrespeitam ou atrapalham as demais figuras que compõem o espaço escolar e quebram um combinado social de respeito e empatia com seus pares; atos infracionais consistem na quebra de regras da legislação de forma grave, aqui se enquadram as violências que devem ser resolvidas por outras instituições responsáveis fora do espaço escolar.

Nos dispositivos teóricos retirados dos livros de ocorrência é possível depreender estudantes desinteressados, apáticos, desmotivados, com falta de perspectiva e sem clareza em seus objetivos e projetos de vida o que acarreta a desobediência às normas impostas pela escola e conseqüentemente os atos de indisciplina. A posição-sujeito aluno, objeto de nossa análise neste subcapítulo teve seu discurso registrado no livro ‘preto’ porque apresentou conduta inadequada frente às questões e regras impostas pela unidade escolar.

Ao desafiar o professor com atitudes passíveis de punição o estudante é encaminhado às figuras ‘superiores’, diretor, coordenador, onde é feito o relato do fato ocorrido, por escrito as impressões do estudante e professor ou outro profissional presente no momento.

Nos discursos (03) “(baixar as calças do colega)” e (07) “colocar LIXEIRA em cima da porta para cair na cabeça”, ambas atitudes que desrespeitam e vão contra o direito do próximo. O relator da ocorrência (07) escreve a palavra LIXEIRA com letras maiúsculas, o que nos permite depreender que ele ficou impressionado com a atitude do estudante, em ambas o relator se questiona sobre a falta de limite em pensar: até onde posso ir? Algo impensado para o diretor

⁴⁰ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante;

⁴¹ Por questões metodológicas não citamos o nome do estudante e da turma.

relator assujeitado em um período tradicional, observa o fato considerando sua própria formação escolar e subentendido ao explicitar em maiúsculas no texto a palavra LIXEIRA.

Na linguagem digital, utilizada na internet atualmente quando se utiliza letras em caixa alta em mensagens de texto considera-se um grito, assim é como se o diretor estivesse gritando o termo LIXEIRA, achando um absurdo tal fato, reiteramos aqui que esta ocorrência é do ano 2004, espaço tempo onde não havia *whatsapp*, tampouco o uso de maiúsculas para reforçar o sentido de certas palavras na linguagem digital.

Considerando o passar do tempo as ocorrências que envolvem os estudantes vão ficando adequadas ao espaço temporal em que estão inseridas, se considerarmos o período temporal de 2004 a 2011, período ainda pouco influenciado por tecnologias digitais, os registros são ‘inocentes’, trazem até certo tom de ironia, como podemos observar nos fragmentos a seguir: (04) “chutou a bola de vôlei”, (06) “fazia trabalhos de matemática”, (07) “(fez xixi em uma vasilha e jogou no amigo)”.

Os recortes (78) “chama ele de orelha de bater-bolo” e (79) “chama de grávida e porca” ambos de 2018 e o relato de 2012 onde surge o discurso (57) “Ele não faz as atividades em classe, pratica bulling o que está refletindo em seu boletim”, nestes dispositivos é possível perceber que o sujeito aluno interfere no desenvolvimento das atividades dos demais, porém na tentativa de causar danos ao processo de ensino-aprendizagem como um todo prejudica a si mesmo, o sujeito que relatou o fato na ocorrência não soube escrever *bullying* da maneira correta, possivelmente por não conhecer a fundo do que se tratava o que estava sendo relatado.

Para Fante a definição de *bullying* consiste em:

um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* (Fante, 2005, p. 28-29)

O bullying⁴², definido por atos de violência física ou verbal que acontecem repetidamente, onde o agressor tenta através da intimidação reforçar seu status e formas de poder, no cotidiano do espaço escolar a prática de bullying consta como ato de incivilidade, se for um ato repetitivo evoluirá para um ato infracional.

É importante frisar que nos regimentos escolares analisados datados de 2008 e 2013, ainda arquivados na escola no período desta pesquisa, não constam referências específicas que tratam sobre o bullying, porém o regimento de 2022 traz especificamente estratégias de prevenção e combate a este ato infracional e questão de saúde pública:

A unidade escolar, quando o estudante violar quaisquer das proibições constantes dos incisos XV ao XVIII do artigo 77 deste Regimento, além de aplicar as ações de conscientização, relativos ao preconceito, discriminação, prevenção e combate à violência entre estudantes (bullying) e à violência na ou da escola, observará o descrito no art. 143 deste Regimento Escolar. (Regimento Escolar, 2023, P. 25)

Consta um dispositivo incomum para a época, ano 2018, que precisa da atenção de instituições além das escolares, (70) “Estavam se cortando com uma gilete dentro da sala de aula.”, a automutilação, onde o adolescente possivelmente passa por conflitos interiores e mudanças físicas, psicológicas e sociais, o cenário acaba favorecendo a automutilação, quando detectada cabe à escola informar à família e às instituições responsáveis a fim de que esse estudante seja acompanhado para evitar reincidências ou consequências mais graves. Caracteriza-se como um ato infracional, embora não atinja outros sujeitos do espaço escolar traz risco ao próprio estudante.

Em 2017 consta: (62) “queria usar o celular para fotografar o conteúdo”, em 2019 (86) “Utilizou um aplicativo para ligar o ar condicionado da sala sem nenhuma autorização.”, para os anos de 2017 e 2019, período não tão distante, utilizar o aparelho para fotografar a lousa era uma afronta ao professor, pois o conteúdo foi passado para ser copiado, utilizar um aplicativo era algo inadmissível, muitos não compreendiam a utilidade da tecnologia e a praticidade de um aplicativo. O fragmento (17) “trouxe até a direção um celular marca Siemens”, este dispositivo retirado do ano de 2005 é exemplo da longínqua possibilidade de um aluno ter

⁴² Bullying: Fenômeno que começou a ser estudado na década de 1970, na Suécia, é uma questão de saúde pública e se caracteriza como um ato infracional visto que a vítima de bullying pode desenvolver sérios problemas a curto ou longo prazo.

acesso a celular na época, fica registrada a marca devido poucas pessoas possuírem aparelho de celular, um estudante portando um aparelho celular era algo impensado.

Hoje os celulares são tão comuns entre crianças e adolescentes que é possível *printar* telas, fotografar conteúdos, gravar determinadas aulas para facilitar o estudo, os celulares são ferramentas didáticas e pedagógicas que quando bem usados auxiliam a aprendizagem, os aplicativos são úteis na vida moderna e substituem a ação humana em muitas atividades, aqui está um exemplo claro de um ato de indisciplina no passado que se tornou, conforme novas configurações ideológicas em funções práticas e úteis bem aceitas no espaço escolar.

Nos dispositivos (92) “ao sair da sala de aula, chutou a porta, amassando a mesma.” E (93) “estava na sala de aula com uma ‘caneta narguili’”, são exemplos da falta de limites e desrespeito com os servidores da instituição e com o patrimônio público. Esses atos estão discriminados no Regimento Escolar como proibidos aos estudantes, porém fazê-los desafia o sistema e caracteriza-se como ato de indisciplina e incivilidade, quando apresenta dano ao patrimônio se torna um ato infracional.

Com o passar do tempo e a multiplicidade de informações, o imediatismo e o encurtamento de distâncias através de redes sociais, as ocorrências começam a surgir em outros contextos: aparelhos de celular, narguilé, aplicativos, automutilação e agressividade. Ou seja, são condizentes ao espaço tempo-histórico, todos esses caracterizando dificuldades e enfrentamentos para a qual o professor (oriundo de uma educação bancária e tradicional) não foi preparado.

Os discursos (23) “bater de frente com a inspetora”, (56) “o pátio estava sendo lavado pelas funcionárias e o estudante que estava andando pelo meio do pátio respondeu às mesmas com desrespeito e arrogância” e (72) “e na questão de nº 01 escreveu: ‘Que prova lixo’” trazem em seu interdiscurso o agir por impulso, a quebra de limites está presente de forma tão consistente que o dito sai de forma natural sem pensar o local e sujeitos envolvidos naquele momento. Nas décadas anteriores a esta pesquisa atos dessa natureza estavam contidos no sujeito, porém devido a repressão proposta pela educação tradicional não eram aparentes. Em uma perspectiva libertadora, houve uma mudança de paradigmas, mas os sujeitos, ainda

imaturos à ideologia, não souberam lidar de imediato com a liberdade e acabam transformando-a em libertinagem.⁴³

Nos recortes (58) “O estudante põe os pés na carteira e responde aos professores que não fará as atividades além do desrespeito para com os mesmos”, (67) “usa palavras de baixo calão dentro da sala que tem alunos dentro da faixa etária” e (74) “Quando a professora fala com eles, são respondão, mal-educados, não obedecem, atrapalhando a aula”, esses fatos relatados como ocorrência escolar constam como um dever do estudante sob os cuidados da instituição escolar conforme conta no Regimento Escolar do ano letivo de 2013:

tratar com civilidade os integrantes da comunidade escolar, direção, corpo docente e grupo de apoio técnico operacional, sendo que se houver desacato utilizando palavras de baixo calão, agressão física ou verbal o próprio estudante, os pais ou responsáveis legais responderão conforme a legislação vigente; (Regimento Escolar, 2013, P. 28)

No discurso (31) “por indisciplina (disse que chutou a aluna (nome) sem intenção de machucá-la e isto aconteceu levemente)”⁴⁴ fica nítido esse ‘agir por impulso’ pois depois de concretizado o ato de indisciplina e quando o sujeito aluno percebe que haverá represália frente a seu ato justifica em seu discurso que o fez ‘levemente’, chutou sem a intenção de machucar, ora, será isso possível? O dispositivo (82) “Ter trazido para a escola bombinhas (estalos explosivos) e estar jogando no saguão” reflete o deslocamento de sentido do espaço escolar. O regimento descreve o cuidado com o patrimônio como um dever do estudante que deve:

colaborar para a preservação do patrimônio escolar, não depredando as paredes da escola, quadros, estourando bombinhas ou outros materiais do gênero em ambientes fechados, riscando carteiras, cadeiras e paredes, depredando banheiros e bebedouros bem como todas as dependências da escola em geral; (Regimento Escolar, 2013, P. 28)

O regimento escolar funciona como uma forma de controlar o cotidiano mantendo todos sob seu comando, tornando os atos previsíveis, quando esses fogem do controle são submetidos a registros e às represálias previstas na legislação, advertência oral, escrita, suspensão, transferência compulsória, conforme a gravidade do ato praticado.

⁴³ A libertinagem é entendida como uma liberdade sem moderação, uma liberdade não disciplinada, onde não há compromisso do sujeito com si mesmo e com seus pares.

⁴⁴ Por questões metodológicas não citamos o nome da aluna.

As posições-sujeito de diretor, coordenador e professor detém o poder de interpretação frente aos sujeitos estudantes, visto que cabe a eles efetuarem os registros, assim atribuindo a esses relatos suas próprias interpretações, estando esses sentidos do sujeito autor de certa forma ‘já-lá’. Com o advento da tecnologia Orlandi teoriza que:

Com as novas tecnologias de linguagem, à memória carnal das línguas “naturais” juntam-se as várias modalidades da memória metálica, os multi-meios, a informática, a automação. Apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes. Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro. (Orlandi, 2020, P. 08)

Os discursos retirados dos livros de ocorrência são considerados imprevisíveis visto que são frutos do impulso dos sujeitos envolvidos, são atos impensados que quebram as regras estabelecidas pela instituição escolar. Vão se diferenciando ao longo do tempo conforme a sociedade evolui e se modifica, trazendo desafios e oportunidades de mudança e crescimento para o espaço e comunidade escolar. Lidar com liberdade disciplinada é um desafio para o professor do século XXI que precisa se formar constantemente e acompanhar as exigências da contemporaneidade.

3.4 Análise de discurso da indisciplina no ambiente escolar considerando a crescente desvalorização sob o olhar da posição-sujeito profissional da educação

(11) Não explica matéria, da patada, manda calar a boca, ninguém explicou o trabalho porque a professora não deixou, não teve tempo para dar a prova, hoje passou a mesma matéria que já havia passada.” (F. 08, 08/10/2004, L. 01)

(14) “alegando que as duas aulas de (disciplina) nas sextas-feiras não está legal pois a professora (nome) não deu ‘nada’ quase nenhum conteúdo, pois o que está escrito no caderno foi passada pela professora substituta.” (F. 09, 05/11/2004, L. 01)⁴⁵

(32) “O Conselho Tutelar foi chamado e a mãe do (nome) também foi chamada porque o pai do (nome) entrou na Diretoria e deu um tapa no (nome).” (F 23, 22/03/2006, L. 01)⁴⁶

⁴⁵ Por questões metodológicas não citamos o nome da disciplina e do professor;

⁴⁶ Por questões metodológicas não citamos os nomes dos estudantes;

(46) “Por indisciplina e responder a direção na presença de vários alunos motivo uniforme (termo usado a senhora lava meu uniforme).” (F. 32, 07/04/2010, L. 02)

(68) “então o aluno disse que o professor era igual coca-cola: pressão só no início.” (F. 46, 05/04/2018, L. 04)

(71) “O aluno disse que deu um ‘murro na parede, ou era na parede ou nele (professor)’.” (F. 49, 26/04/2018, L. 04)⁴⁷

(85) “Indagado qual seria o seu nome, pelo Diretor-adjunto, que não o conhecia, o mesmo se recusou a informar dizendo em tom ameaçador ‘você vai saber qualquer hora dessas’.” (F. 61, 19/03/2019, L. 04)

(89) “a professora (nome) disse que ia registrar o caso e o estudante falou: ‘pode registrar, não dá nada mesmo’.” (F. 65, 02/05/2019, L. 04)⁴⁸

(08) “resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 01 (um) dia (data) por indisciplina (mandar a professora tomar no ...). O responsável será avisado para comparecer e caso haja reincidência será punido conforme legislação em vigor.” (F. 06, 17/09/2004, L.01)⁴⁹

(10) “a direção foi procurada pelos alunos da turma (nome): motivo reclamar da professora de (disciplina).” (F. 08, 08/10/2004, L. 01)⁵⁰

(12) “alunos espertos não falaram nada pois a professora deveria saber o que passar. Pede para os alunos passar a matéria no quadro.” (F. 08, 08/10/2004, L. 01)

(15) “A direção e a coordenação não podem atender a todos os casos e sim os casos extremos pois a cada vez que o professor encaminha para a direção e coordenação ele perde a sua autoridade na classe.” (F. 10, 02/02/2005, L. 01)

(18) “A dona do celular uma jovem, depois de seus argumentos começou a faltar com respeito p/ com a direção, falou até que não iria mais estudar nesta merda de escola.” (F. 12, 05/04/2005, L. 01)

(20) “O professor está dando uma parte da matéria e pede para fazer resumo mas não aceita opinião, na última avaliação, a matéria estudada não foi a mesma da avaliação” (F. 13, 05/04/2005, L. 01)

(27) “resolve a bem da disciplina dar uma suspensão aos alunos da (turma, nomes) por matarem aula de (disciplina) (pegarem o material da Diretoria) sem permissão no dia (data). Os pais serão comunicados.” (F. 19, 20/09/2005, L. 01)⁵¹

(28) “por indisciplina contra a inspetora (nome) com desacato.” (F. 20, 11/11/2005, L. 01)⁵²

(33) “a turma inteira da (turma) compareceram na Diretoria para reclamar da prof de (disciplina) (nome) que a turma era uns pestes, uns capetas e que era para ir para o inferno. Só porque as meninas perguntaram quantas linhas que era para terminar o trabalho.” (F. 24, 24/04/2006, L. 01)⁵³

⁴⁷ Por questões metodológicas não citamos o nome do professor.

⁴⁸ Por questões metodológicas não citamos o nome do professor;

⁴⁹ Por questões metodológicas não citamos a data;

⁵⁰ Por questões metodológicas não citamos o nome da turma e da disciplina;

⁵¹ Por questões metodológicas não citamos o nome da turma, estudantes, disciplina e data;

⁵² Por questões metodológicas não citamos o nome do inspetor de alunos;

⁵³ Por questões metodológicas não citamos o nome da turma, disciplina e professor;

- (34) “ainda falou para a irmã de uma delas não responder, não fez chamada completa, foi até o nº 16 e parou e disse que iria pôr falta para todos. A Direção irá chamá-la e tomar as devidas providências.” (F. 24, 24/04/2006, L. 01)
- (35) “por bagunçarem na aula de (disciplina) da Professora (nome), bem como desrespeitá-la não ouvindo as suas reclamações, dizendo que muitos dos alunos já são reincidentes.” (F. 25, 16/05/2007, L. 02)⁵⁴
- (47) “Por ter faltado com educação ao professor de (disciplina) (chutando carteiras e dirigindo palavras obscenas ao professor.” (F. 33, 24/06/2010, L. 02)⁵⁵
- (51) “também entraram na direção da unidade escolar sem permissão para retirar seu material e logo após ausentaram-se da escola.” (F. 35, 27/10/2011, L. 02)
- (55) “Pedi para a professora o significado do verbo, a professora disse que não ia trabalhar tradução, porque ia atrasar o desenvolvimento da aula.” (F. 37, 29/05/2012, L. 03)
- (63) “A estudante continuou questionando a professora, que pediu para ir sentar e ela disse: “quero que morra.” (F. 42, 26/09/2017, L. 04)
- (64) “Reclamou que o professor disse a turma para todos ouvir que ali havia uma estudante que caguetou ele na coordenação e por isso ele foi chamado atenção, de forma verbal pelo coordenador.” (F. 43, 17/10/2017, L. 04)
- (65) “O estudante a destratou em sala de aula, pois a professora pediu para que ele não arrastasse a carteira, porém ele disse que não iria erguer.” (F. 44, 13/11/2017, L. 04)
- (69) “a professora pediu para voltar para o lugar dele, na discussão a professora disse que ‘não vou mexer com bosta’.” (F. 47, 12/04/2018, L. 04)
- (76) “não estava fazendo a atividade proposta e quando foi questionada pela prof. ela fez gestos com as mãos, desprezando a atividade, dizendo que tanto faz.” (F. 54, 13/09/2018, L. 04)
- (77) “Disse que tirou a estudante da sala porque não aguenta mais as indisciplinas na sala, atrapalhando o desenvolvimento da aula.” (F. 55, 19/9/2018, L. 04)
- (80) “O pai no 1º momento disse que era para o professor conversar com ele no saguão da escola, o diretor adjunto disse a ele que era para conversar na sala da coordenação. O pai se recusou.” (F. 58, 21/11/2018, L. 04)
- (81) “Destratou a professora mandando-a ‘tomar no cu’.” (F. 59, 27/11/2018, L. 04)
- (83) “Ontem ele ficou fora da sala e ao ser abordado pela inspetora para que respeitasse as regras da escola, ele simplesmente desacatou verbalmente a inspetora.” (F. 60, 08/03/2019, L. 04)
- (84) “alterou-se e foi, por mais duas vezes, pedido que o mesmo ficasse quieto e respeitasse as pessoas que ali estavam. Diante da total falta de respeito e quebra de autoridade.” (F. 61, 19/03/2019, L. 04)

Os discursos, encontro da língua com a ideologia, tendo como ponto de partida o olhar do professor e suas atitudes nos trazem uma base dos novos tempos que exigem dos professores o resgate de valores culturais, um exemplo disso é o retorno à leitura que vem sendo esmagada pelas redes sociais à palma das mãos através dos celulares, objetos de desejo de nossas crianças

⁵⁴ Por questões metodológicas não citamos o nome da disciplina e professor.

⁵⁵ Por questões metodológicas não citamos o nome da disciplina.

e jovens. Este subcapítulo traz o olhar do sujeito profissional da educação visto que nos fragmentos depreende-se a desvalorização de figuras como o diretor/coordenador/professor/inspetor/demais profissionais do âmbito escolar como demonstram os fragmentos: (18) “começou a faltar com respeito p/ com a direção, falou até que não iria mais estudar nesta merda de escola.”, (46) “responder a direção na presença de vários alunos motivo uniforme (termo usado a senhora lava meu uniforme)”, (47) “chutando carteiras e dirigindo palavras obscenas ao professor”, (83) “ao ser abordado pela inspetora para que respeitasse as regras da escola, ele simplesmente desacatou verbalmente a inspetora”.

As posições do sujeito diretor e do sujeito aluno se apresentam hierarquicamente no discurso constante dos dispositivos analíticos retirados dos livros de ocorrência escolar. As imagens de cada sujeito resultam das projeções e lugares de cada um deles e sua relação com o contexto sócio histórico e com a memória. Esses dispositivos teóricos foram construídos em determinadas condições de produção e resultam nos dispositivos analíticos que para Orlandi nos possibilita:

Intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante. (Orlandi, 2020, P. 38)

Nas relações discursivas que acontecem no ambiente educacional são as imagens projetadas de cada sujeito que constituem suas posições. As formações imaginárias permitem ao sujeito que vai dizer, ajustar seu discurso na medida daquilo que deseja obter como resultado, contribuindo para as condições de construção do discurso. A imagem da figura professor é previamente formada atravessando o campo das ideias simbólicas e políticas interligando seus discursos à instituição escola e seu regimento escolar.

O discurso (11) “Não explica matéria, da patada, manda calar a boca, ninguém explicou o trabalho porque a professora não deixou, não teve tempo para dar a prova, hoje passou a mesma matéria que já havia passada” deixa explícita a ausência de um contrato didático firmado entre professores e estudantes, o desrespeito entre os pares se torna visível bem como a desorganização no ato de avaliar o que leva os estudantes a reclamarem do professor.

Quando ‘manda calar a boca’ o professor deixa transparente sua postura autoritária própria de uma educação bancária, considerando a passividade e o silêncio como primordiais para o bom andamento de sua aula. Para Orlandi “As formações discursivas, por sua vez, representam nos discursos as formações ideológicas” (Orlandi 2020, p. 41)

Como contrato didático entende-se a construção democrática de combinados-limite entre o que pode ou não ser feito no espaço sala de aula, definirá a organização do processo avaliativo, das atividades a serem realizadas e do trato respeitoso entre estudantes e professores. Deve ser feito no início do ano letivo para garantir o conhecimento de todos os envolvidos no processo de aprendizagem e manutenção da organização no espaço escolar. Caso não seja combinado previamente todos estão sujeitos aos impulsos do cotidiano, situações que podem ser gatilho para os problemas de indisciplina e incivilidade.

O discurso (20) “O professor está dando uma parte da matéria e pede para fazer resumo mas não aceita opinião, na última avaliação, a matéria estudada não foi a mesma da avaliação” demonstra um professor inseguro de suas atitudes, quando pede resumos e não aceita opiniões, não ouvir o que o estudante tem a dizer demonstra sua formação frágil, sua insegurança com relação a seu papel de professor e põe em xeque seu conhecimento sobre o assunto trabalhado em sala de aula, depreende-se falta de planejamento ao avaliar um conteúdo que não trabalhou.

O mesmo se observa no discurso (33) “a turma inteira da (turma) compareceram na Diretoria para reclamar da prof de (disciplina) (nome) que a turma era uns pestes, uns capetas e que era para ir para o inferno. Só porque as meninas perguntaram quantas linhas que era para terminar o trabalho.”⁵⁶, e no discurso (69) “a professora pediu para voltar para o lugar dele, na discussão a professora disse que ‘não vou mexer com bosta’”, ao proferir as palavras de baixo calão e totalmente inadequadas para o ambiente escolar nota-se que o profissional age por impulso, o que pode ter inúmeros gatilhos negativos no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse mesmo discurso observamos que o imediatismo ao escrever vem ao encontro da urgência dos sujeitos descritos, quando na ocorrência (33) a autoridade educacional abrevia o termo professor em um documento formal do espaço escolar. No discurso (55) “Pediu para a professora o significado do verbo, a professora disse que não ia trabalhar tradução, porque ia atrasar o desenvolvimento da aula” e discurso (77) “Disse que tirou a estudante da sala porque

⁵⁶ Por questões metodológicas não citamos o nome da turma, disciplina e professor.

não aguenta mais as indisciplinas na sala, atrapalhando o desenvolvimento da aula” se nota que o professor não segue um combinado prévio e democrático aparenta estar esmagado às variadas solicitações e exigências cotidianas a que está submetido.

O professor ao não responder o significado de determinada palavra justifica que isto atrapalhará o desenvolvimento de sua aula, o mesmo acontece quando retira um estudante indisciplinado, caso ele pare sua aula ele próprio será prejudicado, pois tem metas a cumprir e currículo a seguir sendo achatado pelos inúmeros planejamentos, diários e outras funções que lhe são delegadas, as burocracias que impedem a leveza da educação atual. Nesse sentido os vínculos afetivos vão ficando de lado, o sujeito professor não aceita a perda de tempo, não aceita interferências visto estar preocupado com situações pelas quais ele próprio é controlado.

No discurso (14) “alegando que as duas aulas de (disciplina) nas sextas-feiras não está legal pois a professora (nome) não deu ‘nada’ quase nenhum conteúdo, pois o que está escrito no caderno foi passada pela professora substituta”⁵⁷ conforme descrito por Antunes o horário de aula é um dos fatores motivadores para atos de indisciplina no espaço escolar. O relator enfatiza a fala do estudante que traz até a direção uma questão envolvendo horário escolar, a mesma disciplina com duas aulas semanais está alocada no mesmo dia da semana, uma sexta-feira. O horário escolar para Antunes:

É importante ter na escola um horário inteligente onde aulas de Ciências Humanas se alternem com as de Ciências Exatas, onde práticas de laboratórios se alternem com atividades esportivas... é essencial compreender que o horário de aulas existe para atender necessidades qualitativas e interesses de aprendizagem... horário bem feito significa bagunça mais difícil. (Antunes, 2019, P. 22)

Sabe-se que inúmeros fatores influenciam a confecção do horário de uma instituição escolar, um deles retoma a questão salarial do sujeito professor, que com baixos salários necessita trabalhar em duas ou mais instituições, portanto tem dias específicos para esta ou aquela escola, o que conseqüentemente dificulta seu horário e limita a escola em determinados dias livres, situação que reflete na sala de aula e pode interferir no produto final da aprendizagem.

⁵⁷ Por questões metodológicas não citamos o nome da disciplina e professor.

Antunes nos traz que a confecção do horário escolar deve ser pensada na alternância de áreas do conhecimento evitando que aulas maçantes fiquem juntas e favoreçam o tédio. O discurso em questão possibilita compreender que, duas aulas de uma mesma disciplina, ocasionaram insatisfação nos estudantes e conseqüente registro para o professor, fato que poderia ser evitado na confecção de um horário flexível que alternasse disciplinas, o fim de semana, uma sexta-feira, com duas aulas geminadas e conseqüentemente cansativas, pode ter fator participativo na existência desta ocorrência escolar.

A postura motivada do professor garante um clima de maior rendimento na sala de aula. Não é preciso que o profissional esteja feliz em todos os momentos, mas que ele apresente uma postura profissional motivadora, que aceite as diferenças e alie as diversidades próprias do ser humano ao sucesso do processo de ensino-aprendizagem. O discurso (64) “Reclamou que o professor disse a turma para todos ouvir que ali havia uma estudante que caguetou ele na coordenação e por isso ele foi chamado atenção, de forma verbal, pelo coordenador”, revela a falta de postura ética e profissional.

O professor apresenta uma visão saudosista de outrora, de sua escolarização, o que dificulta sua reflexão sobre a nova sociedade e sobre os novos sujeitos impostos às nascentes ideologias impossibilitando e paralisando ações e metodologias inovadoras. É importante que o professor demonstre confiança e otimismo frente às dificuldades que surgirem, e não somente apresente uma visão empírica e superficial sobre isso, mas que as concretize em atitudes que sirvam de exemplo e inspiração para esses estudantes.

Para Antunes “a autoavaliação é item fundamental da lista de procedimentos essenciais. Quem não se autoavalia não se garante na persistência de uma meta” (Antunes, 2012, p. 58), nesse sentido a autoavaliação de sua postura profissional como professor é importante e necessária para garantir não somente a correção de rotas, mas assegurar a persistência e motivação em busca de seu objetivo que é o processo de ensino.

Sugere-se que os estudantes e a turma tenham a oportunidade de se autoavaliar indo além da obtenção de notas, ela precisa motivar o estudante a se superar e buscar a nota como consequência de sua busca pelo conhecimento, como uma conquista fruto do esforço, tendo na avaliação não um final, mas o processo para uma meta maior. Conforme nos traz Antunes avaliar é:

Avaliar, então, é muito mais que preparar provas e corrigi-las, implica a criação de instrumentos sistemáticos que possam aferir o progresso dos alunos e jamais apenas seus resultados. (Antunes, 2012, P. 59)

A contextualização dos conteúdos escolares aproximados à vida real também possibilita aproximar a aprendizagem do cotidiano, aliando o dia a dia aos conteúdos curriculares. Considerando que “a análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (Orlandi, 2020, p. 13) pode-se depreender que a instituição escola vem perdendo sua autoridade ao longo do tempo, pois a educação libertadora é vista de forma errada, é interpretada de modo que se pode fazer o que se quer no espaço escolar e não com o estudante que tenha autonomia para aprender, para construir seu conhecimento, respeitando o espaço do outro.

As mudanças sociais, aliadas a novos modos de ensinar e a imaturidade da sociedade perante inúmeras mudanças podem ser um fator determinante da credibilidade da instituição escolar. A retomada de caminhos, tendo como firme parceira da escola a família do estudante e demais órgãos colaboradores, possibilitam novos tempos ao espaço escolar, de forma organizada e autônoma garantindo ao estudante ser protagonista do sucesso em sua vida escolar e conseqüentemente social.

Para Orlandi “a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (Orlandi, 2020, p. 23), considerando o fato de que a imagem da profissão professor está desvalorizada, são feitas piadas a respeito do salário, a própria família fala mal do professor ao menor, é natural que isso seja transparecido na linguagem utilizada pelo estudante no espaço escolar, o que fica nítido no aumento de ocorrências que mostram discursos que rechaçam a imagem do professor e da escola.

Fante nos traz que:

É no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não violentos de lidar com seus próprios sentimentos e emoções e com os conflitos surgidos nas relações interpessoais. Portanto, é nesse contexto que a criança deveria aprender a criar mecanismos de defesa e de auto superação e desenvolver atitudes e valores humanistas que a estruturam psicologicamente e norteiem seu desenvolvimento social. (Fante, 2005, P. 174)

A família pode contribuir de forma valorosa na educação das crianças e adolescentes quando respeita os profissionais da educação e apoia a instituição escolar e os educadores, em decisões democráticas e participativas repassando para os seus a importância de valorizar a educação e o quanto ela pode transformar uma vida.

Os fragmentos (71) “O aluno disse que deu um ‘murro na parede, ou era na parede ou nele (professor)’”⁵⁸, (80) “O pai no 1º momento disse que era para o professor conversar com ele no saguão da escola, o diretor ... disse a ele que era para conversar na sala da coordenação. O pai se recusou.”, (81) “Destratou a professora mandando-a ‘tomar no cu’”, (85) “o mesmo se recusou a informar dizendo em tom ameaçador ‘você vai saber qualquer hora dessas’”, os dispositivos analíticos trazem ameaças claras partidas dos estudantes e/ou suas famílias, quais fatos motivaram não se sabe, todavia aconteceram no ambiente escolar, onde as emoções devem ser controladas para se manter uma postura respeitosa mantendo um contrato social entre todos.

O esquecimento ideológico permite ao autor do discurso retornar a sentidos preexistentes de sua memória, no caso, pode-se perceber que o professor sente saudosismo de seu tempo de escola, ele, de forma implícita, demonstra descontentamento com o fato acontecido e através do registro o analista percebe o saudosismo de tempos de outrora, diferente do que o espaço tempo atual tem para oferecer. Nesse sentido, como nos traz Orlandi, “o esquecimento é estruturante”, quando cita “a bem da disciplina”, está subjetiva uma educação bancária, onde a disciplina acontece tendo no professor o único transmissor de conhecimento.

No discurso (08) “resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 01 (um) dia (data) por indisciplina (mandar a professora tomar no ...). O responsável será avisado para comparecer e caso haja reincidência será punido conforme legislação em vigor.”⁵⁹, a figura do diretor silencia no ato do registro, quando escreve fielmente a fala do aluno coloca reticências onde constaria o palavrão fazendo com que o leitor imagine o que foi dito.

Isso demonstra a censura existente no palavrão silenciado, por parte da geração da autora do registro, por parte da instituição escola e suas regras. A autora do discurso quando coloca o termo (palavreado de baixo calão) em silêncio o coloca em sentido secundário visto que o mesmo tem um sentido negativo ligando de certa forma “o não-dizer à história e à ideologia”

⁵⁸ Por questões metodológicas não foi citado o nome do professor.

⁵⁹ Por questões metodológicas não foi citada a data.

(Orlandi, 2007, p. 12). O significado do que foi falado e silenciado pelas reticências ficou no imaginário do sujeito leitor e analista de discurso, conforme nos traz Orlandi:

Assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam. (Orlandi, 2007, P. 14)

Considerando a posição sujeito do diretor e o silenciamento perante o que foi dito naquele momento pelo estudante é possível depreender que a atitude do mesmo foi inadequada perante o professor, é possível supor o vocabulário utilizado, porém a direção resolver omitir porque talvez não fizesse parte do seu próprio vocabulário, ou naquele dado momento, fosse incomum esse trato de um estudante perante um professor.

Nesse sentido é nítida a ruptura da educação bancária e autoritária vivenciada por uma geração para a ‘educação libertadora’ que foi confundida com a libertinagem, temos um claro exemplo onde o estudante se sente livre para dirigir uma palavra desrespeitosa para a figura de autoridade do professor sendo nesse momento sujeitado ao Regimento Escolar e tendo como punição a suspensão. O dispositivo analítico (89) “a professora (nome) disse que ia registrar o caso e o estudante falou: ‘pode registrar, não dá nada mesmo’”⁶⁰ traz explícito o descrédito de outras instituições e da legislação, “não dá nada mesmo”, essa divergência ocasiona o desrespeito ao espaço escolar e por sua vez ao professor, originados fora do ambiente escolar e possivelmente na própria família, que vira motivo de chacota e a escola como desnecessária para se obter sucesso na vida.

As análises depreendidas nos permitem perceber que o homem e sua realidade se transformam, transformando assim os discursos contidos nas ocorrências escolares ao longo do tempo, as ideologias caem no esquecimento e são retomadas posteriormente em novas formas de pensar e ver o mundo, em novas e melhores roupagens, através de um período de maturação social que transforma continuamente os indivíduos em sujeitos autônomos, porém responsáveis e disciplinados para atingirem com sucesso seu projeto de vida.

⁶⁰ Por questões metodológicas não citamos o nome da professora.

APÊNDICE

- (01) "A Direção desta escola no uso de suas atribuições resolve a bem da disciplina dar uma advertência à aluna do (turma, nome) por indisciplina com a Inspetora de alunos." (F. 01, 25/08/04, L.01)
- (02) "caso haja reincidência será punida conforme legislação em vigor." (F. 01, 25/08/04, L.01)
- (03) "Indisciplina (baixar as calças do colega). Caso haja reincidência serão punidos." (F.02, 02/09/04, L.01)
- (04) "Indisciplina (chutou a bola de vôlei) caso haja reincidência será punido." (F. 03, 03/09/04 L.01)
- (05) "A Direção da (nome da escola) no uso de suas atribuições legais resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 03 (três) dias." (F. 04 13/09/2004, L. 01)
- (06) "Indisciplina reincidente várias vezes (aula de (disciplina)) fazia trabalhos de matemática." (F. 04 13/09/2004, L. 01)
- (07) "por indisciplina na sala de aula (colocar LIXEIRA em cima da porta para cair na cabeça) caso haja reincidência será punido conforme a legislação em vigor." (F. 05, 14/09/2004, L. 01)
- (08) "resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 01 (um) dia (data) por indisciplina (mandar a professora tomar no ...). O responsável será avisado para comparecer e caso haja reincidência será punido conforme legislação em vigor." (F. 06, 17/09/2004, L.01)
- (09) "Resolve a bem da disciplina dar uma advertência aos aluno (nomes) por estarem lendo revista pornográfica. Caso haja reincidência serão punidos." (F. 07, 05/10/2004, L. 01)
- (10) "a direção foi procurada pelos alunos da turma (nome): motivo reclamar da professora de (disciplina)." (F. 08, 08/10/2004, L. 01)
- (11) "Não explica matéria, da patada, manda calar a boca, ninguém explicou o trabalho porque a professora não deixou, não teve tempo para dar a prova, hoje passou a mesma matéria que já havia passada." (F. 08, 08/10/2004, L. 01)
- (12) "alunos espertos não falaram nada pois a professora deveria saber o que passar. Pede para os alunos passar a matéria no quadro." (F. 08, 08/10/2004, L. 01)

(13) “A Direção da escola no uso de suas atribuições legais registra que no dia (data) sexta-feira as alunas da turma (nome da turma, nome das alunas, período) reclamando da professora de (disciplina).” (F. 09, 05/11/2004, L. 01)

(14) “alegando que as duas aulas de (disciplina) nas sextas-feiras não está legal pois a professora (nome) não deu ‘nada’ quase nenhum conteúdo, pois o que está escrito no caderno foi passada pela professora substituta.” (F. 09, 05/11/2004, L. 01)

(15) “A direção e a coordenação não podem atender a todos os casos e sim os casos extremos pois a cada vez que o professor encaminha para a direção e coordenação ele perde a sua autoridade na classe.” (F. 10, 02/02/2005, L. 01)

(16) “A Direção desta escola no uso de suas atribuições legais resolve a bem da disciplina convocar a avó responsável do aluno (nome) por indisciplina (diz palavrões e não atende ao chamado da professora e nem da direção).” (F. 11, 03/03/2005, L. 01)

(17) “A professora (nome) trouxe até a direção um celular marca Siemens de uma aluna que estava brincando dentro da sala de aula, devido as normas da Assembléia Geral o celular só pode ser entregue ao pai ou a mãe do aluno.” (F. 12, 05/04/2005, L. 01)

(18) “A dona do celular uma jovem, depois de seus argumentos começou a faltar com respeito p/ com a direção, falou até que não iria mais estudar nesta merda de escola.” (F. 12, 05/04/2005, L. 01)

(19) “a direção da escola no uso de suas atribuições legais deixa a transferência da aluna a disposição de seus pais. E a mesma levava suspensão de três dias por ofensas morais.” (F. 12, 05/04/2005, L. 01)

(20) “O professor está dando uma parte da matéria e pede para fazer resumo mas não aceita opinião, na última avaliação, a matéria estudada não foi a mesma da avaliação” (F. 13, 05/04/2005, L. 01)

(21) “A Direção desta escola no uso de suas atribuições legais informa que os aparelhos celulares dos alunos da (turma, nomes). Os pais serão convocados para retirarem os aparelhos.” (F. 14, 03/05/2005 L. 01)

- (22) “resolve a bem da disciplina dar uma suspensão de 01 (um) dia por indisciplina na aula de (disciplina) (desenhou um carro e não quis parar a pedido da professora e não quis por o uniforme.” (F. 15, 13/05/2005, L. 01)
- (23) “Indisciplina (sair com frequência da escola sem autorização e ‘bater de frente’ com a inspetora.” (F. 16, 04/08/2005, L. 01)
- (24) “Resolve advertir os alunos por desordem e por quebrarem o lixeiro na sala de aula.” (F. 17, 05/09/2005, L. 01)
- (25) “Estavam jogando baralho e este foi apreendido pela Direção. O mesmo só será entregue ao pai ou responsável.” (F. 18, 06/09/2005)
- (26) “o jogo de baralho é proibido pelo Regimento Interno, por ser um jogo de azar.” (F. 18, 06/09/2005)
- (27) “resolve a bem da disciplina dar uma suspensão aos alunos da (turma, nomes) por matarem aula de (disciplina) (pegarem o material da Diretoria) sem permissão no dia (data). Os pais serão comunicados.” (F. 19, 20/09/2005, L. 01)
- (28) “por indisciplina contra a inspetora (nome) com desacato.” (F. 20, 11/11/2005, L. 01)
- (29) “a aluna (nome) havia terminado a prova e estava passando cola pela janela, onde a inspetora de aluno (nome) a repreendeu dizendo ‘Psiu’ não pode ficar na janela passando cola.” (F. 21, 2/12/2005, L. 01)
- (30) “em seguida ela foi até o portão e voltou novamente à janela, foi quando a professora (nome) pegou a prova da aluna (nome) e disse que iria resolver o problema se daria zero para as duas ou outra solução.” (F. 21, 2/12/2005, L. 01)
- (31) “por indisciplina (disse que chutou a aluna (nome) sem intenção de machucá-la e isto aconteceu levemente).” (F. 22, 06/03/2006, L. 01)
- (32) “O Conselho Tutelar foi chamado e a mãe do (nome) também foi chamada porque o pai do (nome) entrou na Diretoria e deu um tapa no (nome).” (F. 23, 22/03/2006, L. 01)
- (33) “a turma inteira da (turma) compareceram na Diretoria para reclamar da prof de (disciplina) (nome) que a turma era uns pestes, uns capetas e que era para ir para o inferno. Só porque as

meninas perguntaram quantas linhas que era para terminar o trabalho.” (F. 24, 24/04/2006, L. 01)

(34) “ainda falou para a irmã de uma delas não responder, não fez chamada completa, foi até o nº 16 e parou e disse que iria pôr falta para todos. A Direção irá chamá-la e tomar as devidas providências.” (F. 24, 24/04/2006, L. 01)

(35) “por bagunçarem na aula de (disciplina) da Professora (nome), bem como desrespeitá-la não ouvindo as suas reclamações, dizendo que muitos dos alunos já são reincidentes.” (F. 25, 16/05/2007, L. 02)

(36) “Ficando claro que só entrarão na sala se os pais ou responsáveis vierem tomar ciência da atitude.” (F. 25, 16/05/2007, L. 02)

(37) “resolve por bem da disciplina encaminhar o aluno (nome, turma, turno) para que o mesmo pegue sua transferência para outra escola visto que o mesmo já foi advertido verbalmente várias vezes e escrito, levando até a suspende-lo por três dias.” (F. 26, 19/09/2008, L. 02)

(38) “Observando que a mãe sempre foi comunicada de tais atos inclusive o convite para que fosse transferido para outra escola.” (F. 26, 19/09/2008, L. 02)

(39) “Foi comunicada por telefone para comparecer até a escola e disse que não viria e que deixaria o filho sem estudar já que não sabia o que fazer com o mesmo.” (F. 26, 19/09/2008, L. 02)

(40) “motivo: os dois alunos brigaram durante o intervalo, briga que surgiu de discussões já ocorridas fora da escola, através de recadinhos.” (F. 27, 23/03/2009, L. 02)

(41) “Por estar praticando atos indisciplinares na escola. Fato acontecido na hora do intervalo (fez xixi em uma vasilha e jogou no amigo).” (F. 28, 1/06/2009, L. 02)

(42) “Advertir por jogarem casca de banana e uma colher nos ventiladores da sala onde estudam.” (F. 29, 16/09/2009, L. 02)

(43) “Convocou os pais dos alunos problemas através do Conselho Tutelar.” (F. 30, 21/09/2009, L. 02)

- (44) “Pedimos aos pais dos alunos presentes que nos ajude enquanto os filhos ainda pode, não se aliar com os pais ausentes e filhos problemas. Somente atendeu ao chamamento da escola os pais ou responsáveis dos seguintes alunos:” (F. 30, 21/09/2009, L. 02)
- (45) “sem contar que os pais ou responsáveis não vieram em uma reunião do qual foram convocados.” (F. 31, 29/09/2009, L. 02)
- (46) “Por indisciplina e responder a direção a direção na presença de vários alunos motivo uniforme (termo usado a senhora lava meu uniforme).” (F. 32, 07/04/2010, L. 02)
- (47) “Por ter faltado com educação ao professor de (disciplina) (chutando carteiras e dirigindo palavras obscenas ao professor.” (F. 33, 24/06/2010, L. 02)
- (48) “a mesma já fora advertida verbalmente várias vezes. A suspensão das aluna digo aulas será por 3 dias.” (F. 33, 24/06/2010, L. 02)
- (49) “dar advertência para o aluno (nome), por não estar usando uniforme e (também faltando com respeito, e se vangloriando que não irá usar uniforme, que ninguém o obrigará).” (F. 34, 28/03/2011, L. 02)
- (50) “por estarem matando aula constantemente e não estar participando das atividades realizadas em classe o que resultou em notas abaixo da média.” (F. 35, 27/10/2011, L. 02)
- (51) “também entraram na direção da unidade escolar sem permissão para retirar seu material e logo após ausentaram-se da escola.” (F. 35, 27/10/2011, L. 02)
- (52) “O referido aluno não quer estudar influenciando os outros estudantes.” (F. 35, 27/10/2011, L. 02)
- (53) “a direção tentou se comunicar com a família do estudante no telefone (número) que consta no prontuário do estudante mas não conseguiu comunicação. A direção relatou os fatos ao conselheiro tutelar.” (F. 36, 24/04/2012, L. 03)
- (54) “a escola tentou contato com a mãe da estudante, (nome), mas não o obteve, então continuaremos tentando contactá-la.” (F. 37, 18/05/2012, L. 03)
- (55) “Pedi para a professora o significado do verbo, a professora disse que não ia trabalhar tradução, porque ia atrasar o desenvolvimento da aula.” (F. 37, 29/05/2012, L. 03)

- (56) “o pátio estava sendo lavado pelas funcionárias e o estudante que estava andando pelo meio do pátio respondeu às mesmas com desrespeito e arrogância.” (F. 38, 20/06/2012, L. 03)
- (57) “Ele não faz as atividades em classe, pratica bullying o que está refletindo em seu boletim, ensino-aprendizagem, além das atitudes de indisciplinas.” (F. 39, 01/08/2012, L. 03)
- (58) “O estudante põe os pés na carteira e responde aos professores que não fará as atividades, além do desrespeito para com os mesmos.” (F. 40, 01/08/2012, L. 03)
- (59) “A direção, após a fala da mãe de que não sabe o que fazer..” (F. 40, 01/08/2012, L. 03)
- (60) “Foi pedido para que a (nome) obedecesse aos professores, para o seu bem, a escola tem regras e devem ser cumpridas.” (F. 41, 21/09/2017, L. 04)
- (61) “caso a indisciplina persista, a aluna será suspensa de suas atividades escolares, por dois dias letivos, e posteriormente, transferência escolar.” (F. 41, 21/09/2017, L. 04)
- (62) “queria que a professora não passasse mais conteúdos e queria usar o celular para fotografar o conteúdo que havia perdido, fato negado pela professora.” (F. 42, 26/09/2017, L. 04)
- (63) “A estudante continuou questionando a professora, que pediu para ir sentar e ela disse: “quero que morra.” (F. 42, 26/09/2017, L. 04)
- (64) “Reclamou que o professor disse a turma para todos ouvir que ali havia uma estudante que caguetou ele na coordenação e por isso ele foi chamado atenção, de forma verbal pelo coordenador.” (F. 43, 17/10/2017, L. 04)
- (65) “O estudante a destratou em sala de aula, pois a professora pediu para que ele não arrastasse a carteira, porém ele disse que não iria erguer.” (F. 44, 13/11/2017, L. 04)
- (66) “a professora (nome) expôs para a mãe que o filho fica provocando o professor, irrita, atrapalha a aula, bagunça, não usa o uniforme na escola, não obedece, que o estudante prejudica o andamento da aula.” (F. 45, 05/04/2018, L. 04)
- (67) “também usa palavras de baixo calão dentro da sala que tem alunos dentro da faixa etária e este estudante está com distorção idade/ano.” (F. 45, 05/04/2018, L. 04)
- (68) “então o aluno disse que o professor era igual coca-cola: pressão só no início.” (F. 46, 05/04/2018, L. 04)

- (69) “a professora pediu para voltar para o lugar dele, na discussão a professora disse que ‘não vou mexer com bosta’.” (F. 47, 12/04/2018, L. 04)
- (70) “Estavam se cortando com uma gilete dentro da sala de aula.” (F. 48, 19/04/2018, L. 04)
- (71) “O aluno disse que deu um ‘murro na parede, ou era na parede ou nele (professor)’.” (F. 49, 26/04/2018, L. 04)
- (72) “e na questão de nº 01 escreveu: ‘Que prova lixo.’” (F. 50, 06/06/2018, L. 04)
- (73) “Não tem comprometimento com os estudos. O estudante (nome) está sob responsabilidade do abrigo para menores.” (F. 51, 19/06/2018, L. 04)
- (74) “Quando a professora fala com eles, são respondão, mal-educados, não obedecem, atrapalhando a aula.” (F. 52, 03/07/2018, L. 04)
- (75) “Pois o pai que assinou a matrícula não está acompanhando a vida escolar do filho.” (F. 53, 28/04/2018, L. 04)
- (76) “não estava fazendo a atividade proposta e quando foi questionada pela prof. ela fez gestos com as mãos, desprezando a atividade, dizendo que tanto faz.” (F. 54, 13/09/2018, L. 04)
- (77) “Disse que tirou a estudante da sala porque não aguenta mais as indisciplinas na sala, atrapalhando o desenvolvimento da aula.” (F. 55, 19/9/2018, L. 04)
- (78) “chama ele de orelha de ‘bater-bolo’.” (F. 56, 26/09/2018, L. 04)
- (79) “chama de grávida e porca. Começou ontem e continuou hoje.” (F. 57, 14/11/2018, L. 04)
- (80) “O pai no 1º momento disse que era para o professor conversar com ele no saguão da escola, o diretor ... disse a ele que era para conversar na sala da coordenação. O pai se recusou.” (F. 58, 21/11/2018, L. 04)
- (81) “Destratou a professora mandando-a ‘tomar no cu’.” (F. 59, 27/11/2018, L. 04)
- (82) “Ter trazido para a escola bombinhas (estalos explosivos) e estar jogando no saguão.” (F. 60, 08/03/2019, L. 04)
- (83) “Ontem ele ficou fora da sala e ao ser abordado pela inspetora para que respeitasse as regras da escola, ele simplesmente desacatou verbalmente a inspetora.” (F. 60, 08/03/2019, L. 04)

(84) “alterou-se e foi, por mais duas vezes, pedido que o mesmo ficasse quieto e respeitasse as pessoas que ali estavam. Diante da total falta de respeito e quebra de autoridade.” (F. 61, 19/03/2019, L. 04)

(85) “Indagado qual seria o seu nome, pelo Diretor-adjunto, que não o conhecia, o mesmo se recusou a informar dizendo em tom ameaçador ‘você vai saber qualquer hora dessas’.” (F. 61, 19/03/2019, L. 04)

(86) “Utilizou um aplicativo para ligar o ar condicionado da sala sem nenhuma autorização.” (F. 62, 01/04/2019, L. 04)

(87) “não cumprimento de atividades enviadas para serem feitas em casa e consequente apresentação de notas extremamente baixas nas avaliações.” (F. 63, 08/04/2019, L. 04)

(88) “Questionou o fato de ter recebido zero na prova, por não ter assinado-a. A professora (nome) cobrou, como combinado, assinatura no gabarito e folha de prova.” (F. 64, 15/04/2019, L. 04)

(89) “a professora (nome) disse que ia registrar o caso e o estudante falou: ‘pode registrar, não dá nada mesmo’.” (F. 65, 02/05/2019, L. 04)

(90) “A coordenação pedagógica explicou a ele sobre o regimento e que a escola não é brincadeira.” (F. 65, 02/05/2019, L. 04)

(91) “registra-se a pedido do professor (nome) que as estudantes abaixo vieram à escola com shorts curto, em desacordo com o regimento escolar.” (F. 66, 22/05/2019, L. 04)

(92) “da estudante (nome), que ficou nervosa, e ao sair da sala de aula, chutou a porta, amassando a mesma.” (F. 67, 30/05/2019, L. 04)

(93) “o estudante (nome, turma) estava na sala de aula com uma ‘caneta narguili’ e que segundo ele nem foi usado na escola.” (F. 68, 03/06/2019, L. 04)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os discursos decorrentes dos atos de indisciplina registrados nos livros de ocorrência escolar referentes aos anos finais do ensino fundamental, no período de 2004 a 2022 considerando o *corpus* apresentado, percebe-se que o sentido de autoridade e de regras sociais vem permeado do considerado correto e estabelecido como regra, norma a ser seguida, no caso do ambiente escolar, a autoridade constituída é o Regimento Escolar, documenta que orienta as ações.

Considerando que a linguagem não é transparente, está carregada com a ideologia de quem a produz, através dos esquecimentos do sujeito autor temos uma memória subentendida e impregnada em seu dizer, ou seja, o texto contém uma materialidade significativa e simbólica que nos permitem dimensionar as práticas do homem em um espaço temporal bem como as transformações ideológicas que envolvem o ser humano.

O discurso do sujeito vem carregado de sentidos que apontam ele próprio, através de seu inconsciente e da ideologia que o permeia, considerando a linguagem, o pensamento e o mundo fundamentados respectivamente na Linguística, Marxismo e Psicanálise que fundamentam a Análise de Discurso e permitem conhecer o que está subentendido nos dispositivos analíticos estudados, quais sentidos compõem o que está silenciado, esquecido ou desconhecido nos dispositivos teóricos que relatam as situações de indisciplina e considerando as posições dos sujeitos do discurso.

Foram observadas as posições do sujeito diretor, coordenador, professor, pais/responsáveis e estudantes e o acontecimento discursivo considerando o espaço-tempo e a ideologia que permeia os sujeitos envolvidos nos registros questionando os dispositivos teóricos apresentados onde os professores foram atores de um ‘pequeno teatro teórico’ tradicionalista enquanto os estudantes estão assujeitados à modernidade o que fatalmente ocasiona o conflito de ideias e gerações.

Ao longo do tempo analisado é possível notar que a noção de autoridade foi se alterando e acompanhando as mudanças de comportamento sofridas pela sociedade, o nível de gravidade das ocorrências aumenta gradativamente, isso se reflete na concepção de poder e ideologia impregnadas nesta ideia de autoridade para diferentes gerações, os estudantes têm atitudes impensadas frente à realidade e assujeitamento do inspetor/professor/coordenador/diretor.

Aquelas oriundas de uma educação bancária são mais suscetíveis e moldáveis às regras enquanto as gerações recentes, de uma educação problematizadora são mais desafiadoras, questionando inclusive regras e normas a que são impostas sem consulta prévia

Ao longo do tempo podemos analisar o ‘pré-construído’ (Pechêux, 1988, p. 164), ou seja, as ideologias que envolvem o sentido real de autoridade perante o Regimento Escolar, e suas novas configurações considerando as novas gerações que são submetidas a novos e diferentes ‘Pequenos Teatros Teóricos’ (Orlandi, 2001, p. 100), espaços de vivência voltados e adequados à vida moderna, onde a educação bancária e o autoritarismo já não cabem mais.

Com o objetivo principal de analisar o sentido de autoridade no espaço escolar, revisamos os principais conceitos que compõem a análise de discurso trazidos por Pêcheux e Dubois na França, e Orlandi no Brasil. De acordo com as regras impostas pelo Regimento Escolar os sujeitos: diretor, coordenador e professor ficam dependentes da legislação e suas normas para imporem seus discursos conforme visto nos relatos de ocorrência dos registros escolares.

É observada a evolução dos discursos de autoridade frente à instituição escola, que está sendo colocada em xeque à medida que a sociedade evolui e uma educação libertária toma o lugar da educação bancária no espaço escolar. O professor por sua vez não é assujeitado pelas novas ideologias tampouco substituído em pouco tempo e acaba inserido em um novo contexto que não é o seu ‘habitual’ e assim se vê obrigado a adequar-se às novas gerações que não foram educadas como ele próprio foi.

Assim as ocorrências em que se relata desrespeito, inconformidade, conflitos com os quais não sabe lidar ficam explícitos através dos registros constituintes do *corpus* deste trabalho. A tensão existente no espaço escolar se origina justamente da evolução da educação em âmbito geral, das diferentes concepções que compõem a educação vivida hoje, e de conflitos existentes entre professores e estudantes, professores que acreditam que a relação de subordinação ainda é necessária para o processo de ensino-aprendizagem e estudantes que fazem parte da nova geração, crianças e jovens filhos de uma geração que influencia as escolhas da família e em certos momentos ‘ditam as regras’ do que acontece nela.

Nessa relação de tensão sugere-se encontrar um ponto de equilíbrio onde a equipe escolar esteja sendo formada continuamente na busca de compreender e melhor atender as novas e constantes mudanças na educação e estudantes que construam relações de respeito com

pessoas e espaços, nesse caso, seus professores, os profissionais da educação envolvidos e o prédio escolar, patrimônio público que é responsabilidade de todos e deve ser preservado.

O professor reproduz a formação em que foi assujeitado enquanto o estudante se encontra em outro tempo histórico e conseqüentemente em uma nova formação social, aí surge o conflito de gerações, fruto das divergências e ocorrências escolares, nesse sentido percebe-se que as formações sociais e as ideologias presentes nelas são resultado das produções e modos de agir predominantes como nos traz Althusser, sendo assim a cultura dominante de uma época muda, o que altera também os discursos de autoridade e ideologia de uma sociedade e o que antes era considerado inadequado hoje se mostra necessário, exemplo disso é o uso do celular no espaço escolar como se observa claramente no *corpus* desta pesquisa.

No espaço tempo analisado são observadas mudanças comportamentais significativas na sociedade, a Lei do Divórcio, o Estatuto da Criança e do Adolescente, domínio das tecnologias e mudança de tendências pedagógicas tradicionalistas dominantes. Mudanças que em determinado momento histórico foram condenadas, na contemporaneidade são defendidas. O uso do celular antes rejeitado, agora utilizado como ferramenta pedagógica, na gravação de *podcasts*, reportagens, pesquisas diversas entre tantos outros recursos que unem a escola ao mundo em um só clique.

Hierarquicamente sabemos que a transmissão de conhecimentos seria a primeira função da escola, porém hoje se sabe que a instituição vai além dessa função e na grande maioria exerce outros papéis como função social primeira, deixando a relação pedagógica em segundo plano e trabalhando com funções sociais que no momento histórico se tornam mais urgentes devido a sociedade imediatista e consumista que se forma à mercê das tecnologias.

A vivência do espaço escolar traz inquietudes e incertezas, o fato de observar a angústia de profissionais da educação desafiados frequente e continuamente no cotidiano, buscando outras profissões ou a baixa adesão às formações de licenciatura foram um fator motivacional para o desenvolvimento desta pesquisa. Entender o processo e buscar um ponto central que conjugue os benefícios da educação transformadora com o reconhecimento profissional do professor não é tarefa fácil.

Esta pesquisa teve o objetivo de auxiliar futuros estudos sobre a educação e compreender as ideologias que permeiam os sujeitos do espaço escolar, possibilitando à escola ser um ambiente leve e acolhedor onde professores e estudantes sintam-se sujeitos de direitos,

porém responsáveis e disciplinados com seus deveres. Esta temática de grande relevância social não se esgota nesta pesquisa, vai além por ser estudo em movimento, assim como os sujeitos do discurso, podendo ser explorada em outras oportunidades de estudo.

Faz-se necessário encontrar o ponto de equilíbrio entre uma família que respeite as decisões, porém seja firme e tenha autoridade sobre seus filhos/pupilos, que equilibre o consumismo e imediatismo impregnados em nosso cotidiano e as decisões tomadas no dia a dia, que garantam a formação do caráter respeitoso e disciplinado, não ‘um corpo dócil’ como nos traz Foucault, mas um ser humano disciplinado, responsável consigo mesmo, com o próximo e com o mundo que o rodeia, que seja capaz de se autoavaliar e perceber seus limites, direitos e deveres na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**/ Luis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ALVES, Washington Lair Urbano. **A história da educação no Brasil: da descoberta à lei de Diretrizes e Bases de 1996**. São Paulo: Scipione, 2009.
- ANTUNES, Celso. **(In)Disciplina e (Des)Motivação**. São Paulo: Paulus, 2012. Coleção Didática.
- ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul./dez. 1998.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AULETE, Caldas. **Caldas Aulete Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3.ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> acesso em 15 de dezembro de 2023
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula**. 3. ed. Porto: Porto Editora, 1992.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- FANTE, C. A. Z. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar pela paz**. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.
- FOUCAULT, Michel Paul. **A ordem do discurso, aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel Paul. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise. Sujeito, Sentido, Ideologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Trad. Silvia Beatriz Aduoe e Augusto Juncal. 2. ed. São Paulo: Contexto 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi**. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PINTO, Maria Leda. **Discurso e Cotidiano: Histórias de Vida em Depoimentos de Pantaneiros**. USP, 2006.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REGIMENTO ESCOLAR. **Estado de Mato Grosso do Sul**. 2003

REGIMENTO ESCOLAR. **Estado de Mato Grosso do Sul**. 2023

ROSSATO, Solange Marques; ROSSATO Geovanio. **Educando para a superação do bullying**. São Paulo, Loyola, 2013

SARTRE, Jean-Paul. **Os caminhos da liberdade**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros**. Anais [do]. 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Uberlândia, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009 – (Coleção Docência em Formação. Série Problemáticas Transversais).

ZALUAR, Alba (org). **Violência e educação**. São Paulo, Cortez editora, 1992